



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO
LOCAL - (POSMEX)**

ARIELLA DIAS DE SOUZA

**AS RESSIGNIFICAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA CANA-DE-AÇÚCAR PARA A
AGRICULTURA FAMILIAR PROMOVIDAS PELA ATER NO ENGENHO
VINAGRE, EM ARAÇOIABA (PE): UM ESTUDO SOBRE AS
AÇÕES COMUNICATIVAS**

**RECIFE
2018**

ARIELLA DIAS DE SOUZA

**AS RESSIGNIFICAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA CANA-DE-AÇÚCAR PARA A
AGRICULTURA FAMILIAR PROMOVIDAS PELA ATER NO ENGENHO
VINAGRE, EM ARAÇOIABA (PE): UM ESTUDO SOBRE AS
AÇÕES COMUNICATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Orientadora: Profª Drª Betânia Maciel

**RECIFE
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S729r Souza, Ariella Dias de
As ressignificações socioespaciais da cana-de-açúcar para a agricultura familiar promovidas pela ater no Engenho Vinagre, em Araçoiaba (PE): um estudo sobre as ações comunicativas/ Ariella Dias de Souza. – 2018.
105 f.: il.

Orientadora: Betânia Maciel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Recife, BR-PE, 2018.

Inclui referências e apêndice (s).

1. Comunicação Dialógica 2. Agricultura Familiar 3. Cana-de-Açúcar
4. Desenvolvimento Local 5. Agricultura 6. Assistência Técnica Extensão Rural
I. Maciel, Betânia, orient.

II. Título

CDD 303.44

ARIELLA DIAS DE SOUZA

**AS RESSIGNIFICAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA CANA-DE-AÇÚCAR PARA A
AGRICULTURA FAMILIAR PROMOVIDAS PELA ATER NO ENGENHO
VINAGRE, EM ARAÇOIABA (PE): UM ESTUDO SOBRE AS
AÇÕES COMUNICATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Aprovação em ____/_____/2018

Prof.^a Dra. Betânia Maciel
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX - UFRPE

Prof.^a Dra. Irenilda de Souza Lima - Examinadora Interna
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX – UFRPE

Prof. Dr. José Nunes da Silva – Examinador Externo
Departamento de Educação - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico à minha amada mãe Maria Nazaré Dias e avós, em especial Josefa Pereira, exemplos de resistência feminina, mestras da escola da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à essa força maior que rege os cosmos, flui o ar, salubre a água, fortifica a terra e tange a vida para além da matéria. E todas as pessoas que contribuíram para a realização deste estudo, seja de forma direta ou indireta, de maneira singular.

Professoras Betânia Maciel e Irenilda Lima pelo generoso acolhimento.

Todas as pessoas de Araçoiaba que tive o imenso prazer de conhecer e aprender, especialmente as relacionadas com a APUOCA: seu Abel, Dionízio, Donadon, Denise, dona Maria e associadas (os) sem exceção.

Professores Paulo de Jesus e João Batista (PPGE) pelo processo de construção de identidade didática. E Cleia Lima pela normatização do trabalho científico.

Flaviano Quaresma pelo incentivo à jornada científica, Stella D'angelise e Acionildo Albuquerque pela disponibilidade para a troca de conhecimentos.

Todas as pessoas integrantes do POSMEX: docentes, discentes e funcionárias (os).

Meus amados irmãos Rodrigo Dias e Priscilla Evelyn.

Ubiratan Guerreiro, pai que não é guerreiro apenas no nome;

Admiráveis mulheres sertanejas: avós Josefa, Alta e Ana, e madrinha Iracilma;

Avós, Irene e Ana. E avôs, Alcides e Crispim.

Padrinho da alma generosa, Raimundo Lins, mestre agricultor nordestino sábio por natureza.

Amigas (os), Carolina, Diego, Pamela, Eliene, Lúcia, Dulce, Lála, Ramiro, Josefino, Ricardo, Lúcia, Priscila, Adriana e trup Dead Fly (*Punk Rock Não Se Esqueça!*).

Agradeço também a quem sentiu o interesse pela leitura desse estudo, no intuito de contribuir para o estímulo ao diálogo sobre temas poucos evidenciados no cotidiano. Que possamos de alguma forma promover mais diálogos nos mais variados espaços não limitados aos científicos, para a contribuição ao repensar dos meios socioambientais.

Araçoiaba eu estive

*E lá eu vi a cana reinar
Sentada na frente do hospital,
vi a “Julietta”¹ a passar
E na carriola do gari, a cana a figurar
No ponto de ônibus contei: 1, 2, 3, 4, 5
ônibus de usinas avistei
Neles eu vi olhando pela janela
homens magros de pele acobreada da cor
dos raios de sol, do barro, da cana queimada,
do homem do Nordeste ensolarado
A aparência era unânime, túrgida como a
célula biológica que aguenta a pressão exercida.
Eram rígidos, porém serenos como se dissessem
através do olhar, num coro profundo:
“enfim aqui cheguei”
Ao término da jornada em retorno para o lar,
não conversavam apenas olhavam,
olhavam pela janela o trajeto a passar
Já na estrada para o Engenho², ora
larga ora estreita, sempre a cana a passar.
Trajeto margeado pela cana-de-açúcar como um
corte em pleno o mar de cana, mar de histórias,
mar de vidas. Eu vi calango passar, bicicleta
circular e cachorro rondar. Lá eu vi, gente trabalhando,
fogo queimando, e eu a atravessar a estrada estreita
em combustão com o medo a me dominar
Em Araçoiaba eu estive e lá foi difícil passar,
apenas passar.
Foi lá que estive sob as asas de anjos
transvestidos de gente,
eram anjos diferentes, marciais
daqueles que seguem na linha de frente
e apoiam a retaguarda. E
em Araçoiaba eu estive,
mas lá eu só pude passar...*

Ariella Dias

¹Caminhão para o transporte de cana-de-açúcar

²Engenho Vinagre (ao Norte de Araçoiaba)

RESUMO

O estudo apresenta a investigação das ações comunicativas realizadas na Associação dos Produtores e das Produtoras de Urucum e Outras Culturas (APUOCA) a partir da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), para as ressignificações socioespaciais da monocultura da cana-de-açúcar para a agricultura familiar. Localizada no Engenho Vinagre em Araçoiaba no Nordeste do Brasil, o município fica na região chamada Zona da Mata que é controlada pela produção canavieira desde a colonização do país. A APUOCA apesar de trazer no nome o Urucum e as Outras Culturas, tendo passado por uma década de suporte ATER, não produz o urucum limitando as outras culturas à subsistência. A comunicação, como objeto de investigação, não se refere ao termo tratado pela mídia para a mera emissão de notícias, mas ao conceito de ação participante para a emancipação social conforme Paulo Freire (1988) elucidou sobre a comunicação dialógica. Dada a complexidade da conjuntura estudada, a metodologia contou com o amparo do estudo de caso a partir de Yin (2001) para o uso de variados conceitos analíticos, além de Bardin (1977) para a análise de conteúdo destinada à articulação das mensagens diretas com as indiretas no intuito de revelar os processos comunicacionais também através dos comportamentos humanos. O estudo compreendeu que as atividades da ATER foram realizadas com os princípios da comunicação dialógica freireana e que, mesmo diante de inúmeros desafios no universo canavieiro, os sujeitos pesquisados apresentaram a sensibilidade para o diálogo, o que significa a fertilidade para as ressignificações socioespaciais mesmo em campo dominado pelas estruturas dominantes.

Palavras-chave: comunicação dialógica; agricultura familiar; monocultura da cana-de-açúcar; desenvolvimento local; ATER

ABSTRACT

The Sugarcane Socio-Spatial Resequences for Family Agriculture promoted by ATER in Engenho Vinagre, in Araçoiaba (PE): a study about Communicative Actions

The study presents the investigation of the communicative actions carried out in the Association of Men and Women Producers of Urucum and Other Cultures (APUOCA) from the Technical Assistance and Rural Extension (ATER) of the Agronomic Institute of Pernambuco (IPA), for socio-spatial reassignments of the monoculture of cane sugar for family farming. Located in Engenho Vinagre in Araçoiaba in Northeast Brazil, the municipality is in the region called Zona da Mata which is controlled by sugar cane production since the country's colonization. APUOCA, despite bringing in the name Urucum and the Other Cultures, having gone through a decade of ATER support, does not produce urucum by limiting other crops to subsistence. Communication, as an object of investigation, does not refer to the term treated by the media for the mere emission of news, but to the concept of participatory action for social emancipation as Paulo Freire (1988) elucidated on the dialogical communication. Given the complexity of the conjuncture studied, the methodology was supported by the case study from Yin (2001) for the use of various analytical concepts, in addition to Bardin (1977) for the analysis of content aimed at the articulation of direct messages with the indirect ones in order to reveal the communicational processes also through the human behaviors. The study understood that the activities of ATER were carried out with the principles of Freirean dialogic communication and that, faced with numerous challenges in the sugarcane universe, the subjects studied presented the sensitivity for dialogue, which means the fertility for the socio-spatial re-signification even in dominated by dominant structures.

Keywords: dialogical communication; family farming; sugar cane monoculture; local development; ATER

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pintura de Debret: moenda da cana	19
Figura 2	Foto de Lula Cardoso Aires: família no canavial	21
Figura 3	Foto de Ariella Dias: fonte de água do Engenho Vinagre	25
Figura 4	Foto de Ariella Dias: trabalhadores da usina no corte da cana.....	27
Figura 5	Foto de Alcir Lacerda: trabalhadores no corte da cana	27
Figura 6	Foto de Ariella Dias: via de tráfego do Engenho Vinagre	28
Figura 7	Foto de Fernando Donadon: queima da cana no Engenho Vinagre	28
Figura 8	Ilustração de Alcir Lacerda: famílias no corte da cana	29
Figura 9	Foto de Ariella Dias: geografia do Engenho Vinagre	29
Figura 10	Dados do Dossiê ABRASCO	35
Figura 11	Foto de Ariella Dias: imagem pitoresca no Engenho Vinagre.....	46
Figura 12	Ilustração de Ariella Dias: ciclo da ação comunicativa	57
Figura 13	Ilustração de Ariella Dias: perspectiva circular da comunicação	58
Figura 14	Foto de Ariella Dias: sede da APUOCA.....	64
Figura 15	Mapa/ Portal Orçamento Federal/ Google: Brasil	65
Figura 16	Mapa/ Wikipédia/ Dias: Pernambuco	65
Figura 17	Mapa/ FNEM: Região Metropolitana do Recife	65
Figura 18	Mapa/ Google Maps/ Dias: Araçoiaba	65
Figura 19	Foto de Ariella Dias: contraste do cultivo diversificado com a monocultura	70
Figura 20	Foto de Ariella Dias: antes da paralisação do cultivo diversificado	73
Figura 21	Foto de Aldenise Silva: depois da paralisação do cultivo diversificado	73
Figura 22	Foto de Ariella Dias: reunião na APUOCA.....	78
Figura 23	Foto de Aldenise Silva: cabras no Engenho Vinagre.....	80
Figura 24	Foto de Aldenise Silva: mutirão na APUOCA.....	84
Figura 25	Foto de Aldenise Silva: geladeira para livros.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
AFCP	Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco
ALEPE	Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APAC	Agência Pernambucana de Águas e Clima
APUOCA	Associação dos Produtores e Produtoras de Urucum e Outras Culturas
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CIAT	Centros de Informação e Assistência Toxicológicas
CMDRS	Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável
CODAI	Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CONDEPE/ FIDEM	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CPDA	Comissão de Defesa da Produção do Açúcar
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EMBRATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FNEM	Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas
FNP	Frente Nacional dos Prefeitos
IAA	Instituto do Açúcar e do Alcool
IARC	International Agency for Research on Cancer
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INCA	Instituto Nacional Do Câncer
INCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
LOSAN	Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário

MST	Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da ou de Saúde
ONG	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Sociedade Civil de Interesse Público
PIB	Produto Interno Bruto
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
ProRural	Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SARA	Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária de Pernambuco
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SEDESTMIDH	Secretaria de Estado de Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SINDAG	Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola
SINDIVEG	Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal
SINITOX	Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
SINTAPE	Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Agricultura e Meio Ambiente do Estado de Pernambuco
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICA	União da Indústria de Cana-de-Açúcar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ESTRUTURAS ESTRUTURADAS: organizações rígidas de poder.....	18
1.1 A MONOCULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR.....	24
1.2 UMA DUPLA RENTÁVEL CHAMADA TRANSGÊNICOS E AGROTÓXICOS.....	32
1.3 ECLOSÃO DO SILÊNCIO E A COMPRESSÃO DO PODER.....	36
1.4 IMBRICAMENTOS CULTURAIS.....	39
2 ESTRUTURAS ESTRUTURANTES: arcabouços para a integração	44
2.1 A AGRICULTURA FAMILIAR.....	44
2.1.1 A Agricultura familiar no âmago da monocultura canavieira.....	46
2.2 UMA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (ATER) NECESSÁRIA.....	50
2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL: PROCESSO DE PROTAGONISMO SOCIAL.....	53
2.4 DESVELANDO OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS.....	56
3 CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO.....	62
3.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	62
3.2 UNIVERSO PESQUISADO: APUOCA	63
3.3 SUJEITOS PESQUISADOS.....	66
3.3.1 Pessoas associadas à APUOCA.....	66
3.3.2 Técnico de assistência técnica e extensão rural do IPA	66
3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	67
4 CAPITULO 4 – ANÁLISE DE DADOS.....	69
4.1 DISCUSSÃO.....	69
4.2 RESULTADO.....	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE I: roteiro para entrevista.....	102
APÊNDICE II: categorias para análise de dados.....	103
ICONOGRAFIA.....	105

INTRODUÇÃO

Assim como se observa a não apropriação do espaço conquistado em território dominado por forças superiores, considerando o poder simbólico suscitado por Bourdieu (1989) a partir da estrutura imanente do que já está estruturado, produzir cultivos diversificados em lugar controlado pela cana-de-açúcar pode ser uma forma de legitimação distintiva de vida. Em Araçoiaba, município situado na Zona da Mata Norte de Pernambuco, possuir terras não significa ter autonomia para dialogar com as estruturas de poder. Contudo, conforme Brandão (2007), o indivíduo do campo em suas múltiplas racionalidades pode compreender os sistemas de dominação e inserir novas produções rurais, o que sugere a possibilidade da ressignificação³ socioespacial⁴ mesmo num lugar marcado pela monocultura desde a colonização do Brasil.

A problemática é complexa, pois está relacionada às exportações do mercado globalizado que influenciaram na composição do tecido sociocultural e continuam a controlar as condições exploratórias, perpetuando a reprodução de valores hegemônicos. Fenômeno que este estudo se debruçou para a compreensão dos processos comunicacionais voltados para a transformação das práticas sociais, realizados pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) para o apoio aos cultivos diversificados, especificamente na comunidade situada no Engenho Vinagre que fica em área de canavial a oito quilômetros da cidade⁵ de Araçoiaba, representada pela Associação dos Plantadores e das Plantadoras de Urucum e Outras Culturas (APUOCA).

A comunicação, como objeto de investigação, teve o mesmo entendimento de Serra (2011) a partir da filosofia kantiana (1776-1777) que suscitou como o procedimento de participação comunicante para o conhecimento mútuo. Nesse sentido, ainda de acordo com o autor, a expressão “Arte de Comunicar” que aparece na edição inicial da *encyclopédie* refere-se ao raciocínio através do circuito de ideias para as novas descobertas pela ação comunicativa, predisposta à interação para a reorganização das próprias lógicas. Concepção que faz

³O termo corresponde aos métodos pedagógicos para o protagonismo social, no sentido da transformação a partir de sujeitos que aprendem a lidar com as subjetividades. Assim como Maria Cunha (2006) compreendeu o processo de articulação dos saberes para refletir os mecanismos de controle social que desnatura as concepções distanciadas da criticidade.

⁴Sem desmerecer o debate no campo da Geografia sobre o uso da palavra “sócio-espacial” com o hífen para referir as relações sociais e ao espaço, enquanto que a “socioespacial” como hífen traduziria apenas o espaço social. Neste estudo, a palavra adotada é sem o hífen em acordo com a nova ortografia da Língua Portuguesa, porém mencionada conforme Catalão (2011) para o conceito de dinâmica no próprio espaço, ou seja, em menção das relações sociais e do espaço.

⁵O conceito é o da Geografia que designa a área mais urbanizada do município, onde está situada a sede da prefeitura e o comércio.

convergência à comunicação dialógica contemplada por Paulo Freire (1988), designada ao processo de aprendizagem através da problematização do próprio conhecimento pela consideração das ideias de outros sujeitos, sem limitar-se ao pensamento individualista.

Assim, o conceito de comunicação eleito neste estudo consiste como meio elementar para a ação transformadora através do diálogo, em desacordo com a imposição da própria lógica sobre a das outras pessoas, ou seja, em respeito à participação dos indivíduos como parte relevante no processo de construção do conhecimento. O que convém destacar o seu sentido em prestígio da troca de experiências, inclusive, independentes do nível formativo educacional de cada pessoa componente do diálogo.

Pois, de acordo com Freire (1988) a prática para a liberdade acontece a partir do diálogo educativo por aqueles que reconhecem que pouco sabem e podem saber mais com aqueles que, geralmente, acreditam que nada sabem. As compreensões dão sentido ao conceito de comunicação para a emancipação social, ou seja, de recurso para o enfrentamento das debilidades impostas pelos meios opressores, frente à verdadeira ação libertadora através da apropriação da criticidade em superação do que o autor chama de “consciência oprimida”.

Dessa maneira, o aporte teórico-metodológico que serviu de referência para esta pesquisa apontou para o caminho diferente da concepção midiática de comunicação, resumida à mera emissão de notícias, quando não persuasivas conforme o conselho editorial, identificada por Paulo Freire (1988) de “antidialógica” ou “invasão cultural” devido ao desprezo da visão de mundo dos indivíduos, diminuídos à simples posição de receptores sem o respeito às suas próprias reflexões.

Nessa perspectiva, caracterizou-se a pesquisa por qualitativa, justificada pelo objetivo geral de investigação da comunicação desenvolvida na APUOCA a partir das atividades da ATER. E pelos específicos de identificação das práticas sociais, as manifestações concretas e simbólicas, para as ressignificações socioespaciais da cana-de-açúcar para o cultivo diversificado.

Sendo importante ressaltar que, apesar de a associação trazer no nome o *Urucum* e as *Outras Culturas* tendo passado por uma década de suporte da ATER, permanece com o vínculo indireto com a monocultura canavieira sem produzir o urucum, e a produção de outras culturas limitada à subsistência sem a geração de renda. O entendimento sobre a ressignificação socioespacial da cana-de-açúcar para os cultivos diversificados corresponde à conquista do poder para o pensar destinado à transformação do que foi usurpado, inclusive, pela opressão causada através do

aprisionamento da mente. Assim, compreende-se o resgate dos cultivos diversificados para a valorização das relações humanizadas no campo.

Dada a complexidade da conjuntura estudada, a perspectiva metodológica contou com o amparo do estudo de caso, estimado não apenas como método para a coleta de dados, mas como meio de abordagem sistêmica para o uso de variados conceitos analíticos a partir de Yin (2001), posto que o procedimento investigativo necessitou de amplitude devido à definição da comunicação dialógica em congruência com os princípios da educação libertadora⁶, em virtude da dialética de participação coletiva como forma de resistência às imposições dominantes. Já para a verificação dos dados reunidos, foi adotada a análise de conteúdo apoiada em Bardin (1977), assim as mensagens diretas⁷ foram articuladas com as indiretas⁸ no intuito de revelar os processos comunicacionais também através dos comportamentos humanos.

Ajuda a reforçar a compreensão da proposta de estudo a atuação da ATER não resumida ao serviço público estatal de apoio ao desenvolvimento rural através dos cultivos diversificados, mas ampliada ao incentivo à sensibilidade política como agente transformadora do cotidiano pelas práticas de iniciativas autônomas. Sendo os princípios congruentes ao conceito de agricultura familiar, que é oposto ao do agronegócio⁹, esse por sua vez destinado à industrialização do campo, responsável pela desertificação das florestas e modificação dos modos de vida locais.

Mesmo consciente de que existem famílias agricultoras envolvidas com a monocultura, o conceito aqui reportado da agricultura familiar refere-se ao seu fundamento original que estima a biodiversidade através dos cultivos diversificados e gera sociabilidades pelo contato direto entre as pessoas, realçando laços de amizade como, por exemplo, através de convivências em feiras livres. As vendas em circuitos curtos de comercialização não necessitam percorrer longos trajetos em colaboração com o baixo impacto ambiental, além de inibir a ação de atravessadores em resguardo dos preços justos às pessoas consumidoras. Já o produtivismo neoliberal, pautado pelo rendimento de um único cultivo em alta escala, sujeita a exploração dos recursos naturais e da mão de obra barata em benefício dos lucros reservados às classes detentoras do controle econômico-político.

⁶A educação libertadora se refere aos princípios de Paulo Freire (2005) para o raciocínio crítico, destinado ao protagonismo social.

⁷As mensagens diretas foram classificadas pelas transmissões intencionais de forma verbal ou comportamental.

⁸E as indiretas por meio de comportamentos não intencionais, interpretados como códigos comunicantes de algo que não foi planejado para se expressado, ou seja, transmitido de forma subjetiva.

⁹De acordo com Sergio Leite e Leonilde Medeiros (2012), o conceito decorre do *agribusiness* formulado por John Davis e Ray Goldberg na década de 50, no âmbito do marketing para o produtivismo rural.

Em contraposição à lógica do agronegócio, a agricultura familiar caminha para os princípios do desenvolvimento local que, de acordo com Paulo de Jesus (2003), é sustentável por mobilizar melhorias na qualidade de vida a partir das potencialidades inerentes e dos recursos originários, em respeito ao meio ambiente e aos modos culturais oriundos. Isso significa desprender-se das práticas ditadas pelo desenvolvimento em contexto de globalização para as ações na localidade. Sendo a globalização entendida, conforme Boaventura de Sousa Santos (2017), pela intensificação de interações transnacionais, ou seja, pela política que supera as relações entre Estados nacionais para a integração com o mercado internacional.

O mercado globalizado consiste no controle das interações dos agentes econômicos hegemônicos, regulado pelo sistema econômico-político. Para se ter uma ideia de como funcionam os mecanismos, conforme a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA)¹⁰ a participação do setor sucraenergético¹¹ brasileiro no mercado globalizado tem a receita em torno de US\$ 40 bilhões de dólares, ou seja, R\$ 144 bilhões de reais e, segundo a Secretaria de Comércio Exterior¹², o açúcar está entre os produtos no topo do ranking dos mais exportados, contudo em Araçoiaba as famílias que cultivam a cana-de-açúcar recebem menos de R\$ 90,00¹³ por tonelada produzida, sendo esse o valor bruto para ainda serem descontadas as despesas com o transporte, insumos produtivos e outros custos.

O município possui um dos menores Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil, com 0,592¹⁴. Situado, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, sua história é relacionada ao cultivo da cana-de-açúcar desde o período colonial. Em 1937, Gilberto Freyre já relatava os abusos cometidos pelo monocultivo canavieiro na região, que ironicamente é chamada de “Zona da Mata”. Conforme o autor (1989), a cana chegou como um conquistador em terra inimiga, matou a natureza e os animais, afugentou os índios e reinou de maneira triunfante.

Os distúrbios socioambientais, iniciados no período escravocrata, atravessaram os séculos e modernizaram-se na segunda metade do século XX com a Revolução Verde, que consistia em contribuir para os avanços internacionais do pós-guerra através do aumento da produção agrícola por meio dos pacotes tecnológicos constituídos por maquinários, sementes

¹⁰Fonte: Portal de notícias G1 da Rede Globo, em 17 abr. 2018.

¹¹Produção de açúcar e álcool a partir do cultivo da cana-de-açúcar.

¹²Fonte: ADVFN Brasil, portal de investimentos em ações da bolsa de valores do Brasil com cotações da Bovespa e BM&F, em abr. 2017.

¹³De acordo com a Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco (AFCP), o valor da tonelada em junho de 2018 foi fechado em R\$ 87,26.

¹⁴Fonte: Atlas Brasil, portal do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fundação João Pinheiro (FJP), em 2010.

geneticamente modificadas e insumos artificializados. Conforme Pereira (2012), foi o veículo de desigualdade social que tornou as famílias rurais dependentes das empresas globais, responsáveis pelos pacotes tecnológicos.

Dessa maneira, também entraram em cena os agrotóxicos, a cana-de-açúcar ocupa o terceiro¹⁵ lugar no consumo de venenos agrícolas, atrás somente da soja e do milho, conforme dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola/ SINDAG (2009; 2011). E segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹⁶, na Zona da Mata pernambucana existem muitos casos de contaminação e mortes associados ao uso de venenos nas plantações canavieiras. Essas pessoas, trabalhadoras rurais, vivem em contato direto com os produtos tóxicos ainda expostas à fuligem da queima da cana que, de acordo com o estudo científico¹⁷ de Roberta Urban (2014), concentra 172 substâncias de alto potencial cancerígeno e de doenças respiratórias e cardiovasculares.

Além do problema com a insalubridade, Mario Lacerda de Melo (1975) suscitou outra questão igualmente danosa à qualidade de vida, as disfunções socioculturais. Ao estudar as áreas onde o cultivo de cana-de-açúcar foi implantado, percebeu características peculiares nos modos de vida, tendo as considerado definitivas ou irreversíveis. O raciocínio não foi resumido aos métodos produtivos de devastação do meio ambiente e danos à saúde, mas também às formas de composição do tecido sociocultural, pois conforme o autor existia o regime eivado pelos vícios e defeitos do paternalismo senhorial. Isto significa que além de as famílias rurais estarem submetidas às condições indignas de vida, também foram subjugadas à inibição da autonomia sem perceber a coação ou, mesmo que percebida, sem sentir-se capaz para transformar a própria vida.

Nesse raciocínio, é concebida a coerção para além dos obstáculos materiais com a destinação da mente em estado de letargia, conforme refletiu Paulo Freire (2005) sobre a “consciência oprimida” em “situação concreta de opressão”. Portanto, o debruçar para a compreensão dos processos comunicacionais voltados para a transformação das práticas sociais, especificamente em contexto da monocultura da cana-de-açúcar, significa elevar o debate sobre os meios que ignoram o outro como parte relevante no processo de construção do conhecimento. Prestando-se ao compromisso da quebra de silêncios captados na realidade do

¹⁵Fonte: Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde, em 2015.

¹⁶Informação veiculada em mai. 2011.

¹⁷Fonte: portal de notícias USP. A responsável pelo estudo é a química Roberta Cerasi Urban, autora da tese intitulada *Material Particulado de Regiões Canavieiras: Caracterização Química, Identificação de Marcadores, Implicações Ambientais e na Saúde*, de 2014/ USP.

Engenho Vinagre, represado pelos processos capitalistas da monocultura canavieira globalizada.

Assim, foram abarcados diversos estudos de perspectivas sociológicas, com o prestígio de autores como Paulo Freire (1988; 2005), Bourdieu (1989), Gramsci (1995) e Morin (2002, 2003), dentre outros. Sendo apresentado no primeiro capítulo, intitulado *Estruturas Estruturadas*, a clarificação da ambiência pesquisada. O título faz a alusão aos alicerces que foram estabelecidos pelas formatações seculares, o próprio tempo verbal da segunda palavra indica o que já está dado como consumado, ou seja, remetendo aos sustentáculos que foram instituídos para a composição das circunstâncias contemporâneas, como a questão agrária brasileira vinculada aos oligopólios transnacionais que tiveram a sua origem nas exportações mercantis coloniais, tendo influenciado os imbricamentos culturais que concebeu a “sociedade do silêncio” submetida às imposições internacionais.

Já no segundo capítulo são apontadas as *Estruturas Estruturantes* como formas alternativas ao desenvolvimentismo, ou seja, os outros arcabouços em estágio de fortalecimento e resistência para a inclusão social e proteção ao meio ambiente, como a agricultura familiar, a assistência técnica e extensão rural, e a comunicação como instrumento educativo. E, no terceiro capítulo, o percurso metodológico com a sua natureza, os meios e os instrumentos da pesquisa, além da caracterização da APUOCA e dos sujeitos pesquisados. Ainda são esclarecidos os processos de investigação pelo estudo de caso apoiado por Yin (2001) e a análise de conteúdo a partir das concepções de Bardin (1977). Concluindo com o quarto capítulo empreendido pela pesquisa de campo, com os depoimentos colhidos e a discussão com o referencial teórico, além do resultado do trabalho para as considerações finais.

1 ESTRUTURAS ESTRUTURADAS: organizações rígidas de poder

Esse capítulo tem por sentido ressaltar o que já está estruturado através das estruturas rígidas de poder. De acordo com Bourdieu (1989), são as estruturas que desenvolvem as falsas integrações “para a legitimação da ordem estabelecida”, sendo as verdadeiras reservadas às classes superiores, de fato para preservar a distância com as consideradas subalternas.

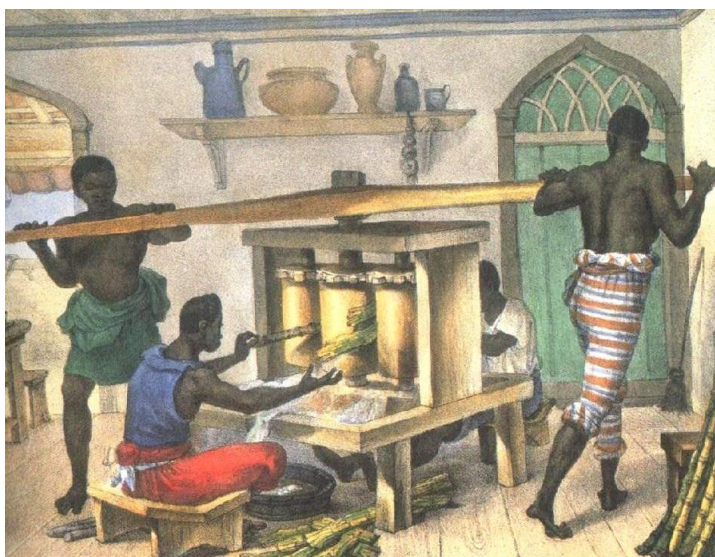
Assim como refletiu Gramsci (1995) sobre os intelectuais de cada núcleo para a organização da cultura a partir do desenvolvimento econômico, de maneira que explica a composição das sociedades ao longo da história até os dias atuais. Ao suscitar sobre as categorias intelectuais responsáveis pela formatação das estruturas sociais, o autor evidenciou como a elite de empresários com a capacidade de regular todo o seu organismo, também é mentora nas elaborações de relações mesmo fora do seu ambiente originário com a influência na sociedade.

Na prática, são bons exemplos os mecanismos neoliberais que, com a sua potência econômica, têm o poder de operar em territórios alheios com o uso e descarte do que lhes é conveniente conforme as suas necessidades:

(...) o discurso das corporações transnacionais tem como objetivo eliminar qualquer tipo de restrição baseada no conceito de interesses nacionais. Enquanto estes põem em risco os lucros dessas corporações, as mesmas procuram localidades alternativas onde possam conduzir seus negócios. Logo, a configuração dos circuitos globais não tem sido nada mais do que uma reorganização da produção com base em locais que oferecem muito mais incentivos atraentes para a acumulação de capital do que outros (BONANNO, 1994, p. 64).

Esse procedimento tem a capacidade, inclusive, de influenciar no controle do Estado que, por sua vez, se restringe ao objetivo de atrair empresas internacionais. O governo com o receio à competição com outros Estados, dá-se à depreciação do próprio controle no local com a retração do poder para a submissão às organizações estrangeiras. O resultado desse comportamento promove consequências nefastas, que acabam por impactar nas camadas mais pobres da escala social, bem como no meio ambiente, já que ambos não possuem maior valorização nesse sistema a não ser a de mera condição de prestação de serviços a baixos custos e a exploração de recursos naturais como se fossem infundáveis. A racionalidade das políticas neoliberais é a mesma historicizada, quando a Lei da Terra em 1850 restringiu o direito de compra e venda à classe dominante sem subsidiar a chamada “libertação dos escravos”, para preservação da manutenção do poder.

Figura 1 - Moenda de cana pequena, pintura de Debret.



Fonte: Página virtual Ensinar História Joelza (2016).

Numa ligação com a contemporaneidade brasileira, conforme o levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP)¹⁸, em 2015 houve o crescimento no número de representantes da bancada ruralista que representa os interesses do agronegócio, de 14 senadores subiu para 16, e de 191 deputados para 257. Enquanto que os representantes de frentes trabalhistas ligados a sindicatos da classe trabalhadora caíram praticamente pela metade, de 83 para 46, sem a eleição de nenhum candidato autodeclarado indígena na Câmara dos Deputados. O que reflete a questão agrária no Brasil com dois lados bem demarcados desde o início da colonização, quando houve a distribuição de terras destinadas à produção agrícola aos capitães-donatários, ou seja, aos membros pertencentes à nobreza.

Marx (1872)¹⁹, ao salientar os direitos instituídos a partir das leis criadas por aqueles que se beneficiam delas sem a participação democrática da população, tornou claro o controle da alta produção no campo com o temor à concorrência para o aumento progressivo da distribuição de renda. Em seu texto *A Nacionalização da Terra* publicado no jornal *The International Herald* disse: “Não tenho a intenção de discutir aqui todos os argumentos adiantados pelos advogados da propriedade privada da terra, por juristas, filósofos e economistas políticos, mas (...) eles se esforçaram por disfarçar o facto primitivo da conquista sob o manto do Direito Natural”, (MARX, 1872). Daí a clareza da formação das estruturas diante das condições estabelecidas sob os efeitos da dominação.

¹⁸Fonte: Agência pública federal EBC/ Agência Brasil, em 05 jan. 2015.

¹⁹Fonte: Marxists.org/ Transcrição autorizada do Editorial Avante!

De acordo com Stedile (2012), mesmo com estudos divergentes, “a maioria dos pesquisadores considera ter predominado, no período colonial, a *plantation* como forma de organização capitalista na agricultura brasileira do período” (STEDILE, 2012, p. 644), ou seja, a racionalidade sempre foi baseada na monocultura para a exportação, através da alta concentração de terra e mão de obra subjugada.

A política brasileira é engendrada pela internacional desde os primórdios que, com o decorrer dos séculos, foi se consolidando até se chegar à Revolução Verde com muito vigor para a impulsão do difusionismo²⁰ através da extensão rural²¹. Enquanto que, no mesmo momento, acontecia na França a Revolta de Maio de 68 com a reflexão sobre a dominação economicista nas atividades agropecuárias de formas degradantes:

(...) na França, cuja ideologia colocou em questão a forma como era percebida a vida no campo e na cidade, trazendo à tona um discurso de valorização da natureza, do meio rural a ela associado e do modo de vida camponês. Nesse mesmo momento, fala-se em um “campo reinventado” e em uma “neonatureza” e registra-se um movimento, que será crescente a partir de então, de busca ou de retorno ao rural, especialmente entre os jovens (WANDERLEY, 2000, p. 101 *apud* MARIÉ e VIARD, 1988).

Diferente da reflexão francesa, no Brasil ocorreu o incentivo à industrialização do campo, com a intensa persuasão das estruturas de poder para a consolidação de seus alicerces. A resistência no meio rural sempre existiu, massacres como o de Canudos (1896/1897) no interior da Bahia e Caldeirão (1937) no Ceará, dentre tantos outros, evidenciaram os protestos:

A opressão sobre o trabalhador rural, sobre o “camponês”, no Brasil, desenvolveu-se desde o período colonial, com os mais humildes resistindo à espoliação direta em suas tabas – indígenas –, organizando quilombos – negros – ou transformando-se em bandidos – analise-se a epopeia de Lampião – ou em fanáticos – episódios de Canudos e do Caldeirão, entre outros. Foram revoltas espontâneas, sem uma ideologia bem definida, embora sempre ligadas ao desejo da posse de terra e ao respeito à justiça social, que foram reprimidas com violência e requintes de perversidade (AZEVEDO, 1982, p. 12).

Os povos do campo sempre foram sujeitados, em 1930, quando foi iniciado o processo desenvolvimentista, o modelo agrário foi ainda mais concentrador e excludente. Sem considerar as famílias rurais, houve o aumento da produtividade desenfreada com o enfoque nos lucros do agronegócio e a exploração da terra de forma desrespeitosa. Esse período foi resumido na tese

²⁰O termo refere-se à difusão das ideias propagadas em solo brasileiro, com o propósito de incentivar a agroindustrialização, ou seja, de convencer os produtores à adesão dos pacotes tecnológicos.

²¹Não confundir a Extensão Rural, que é resumida à transferência de informações difusionistas, com a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) ampliada à participação social.

de José Graziano da Silva (1982) como “modernização dolorosa (...), milhões de trabalhadores rurais (...) foram expulsos para a cidade ou tiveram de migrar para as fronteiras agrícolas, em busca de novas terras” (SILVA, 1982 *apud* STEDILE, 2000, p. 644). De acordo com Fernando Azevedo (1982), o movimento das pessoas trabalhadoras rurais chamado Ligas Camponesas, iniciado a partir da década de 1940, surgiu justamente do desejo de “redefinir a correlação de forças políticas entre as classes dominantes e dominadas do campo” (AZEVEDO, 1982, p. 44).

Figura 2 - Família trabalhadora do cultivo da cana em refeição no canavial, na primeira metade do século XX



Fonte: Foto de Lula Cardoso Aires/ Acervo Fundação Joaquim Nabuco/ Livro *A Terra e o Homem do Nordeste*/ Andrade (2005).

Subsídios financeiros e apoio político aos grandes produtores foram alguns dos recursos utilizados para controlar as tentativas de correlação de forças. A racionalidade estabelecida manteve-se no intuito de servir às estruturas dominantes, com as raízes no monopólio das oligarquias mercantilistas pelas sesmarias e pelos latifúndios escravocratas. A história agrária brasileira é marcada por diversos episódios de opressão.

Em 1964, depois do Golpe Militar, “se seguiram 20 anos nos quais a modernização foi o centro das ações de todas as políticas públicas para o meio rural. Crédito, Pesquisa e Extensão Rural foram articulados sob uma mesma lógica difusionista” (CAPORAL, 2015, p. 63). E em 1968, com a instituição da Lei de Segurança Nacional e do Ato Institucional nº 5 que promoveu o autoritarismo com a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão, houve a privação tanto na área urbana quanto no campo da realização de reunião, organização ou qualquer outra manifestação de engajamento coletivo.

No período de maior ascensão midiática, o massacre de Eldorado Carajás no Sul do Pará visibilizou a luta no campo através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Porém, de acordo com Gohn (2000), houve a simpatia da mídia por cerca de um ano, de 1996 a 1997, mas após esse período o empenho foi em “desqualificá-lo e isolá-lo da opinião pública ao retratá-los como fonte e origem de violência” (GOHN, 2000, p. 158). Se analisarmos a data, é evidente a relação com a chacina ocorrida em 17 de abril de 1996 que, de acordo com a Anistia Internacional (2016), obteve 19 agricultores executados a queima roupa além de 69 feridos, dentre eles pessoas com sequelas por balas alojadas no corpo.

Pela gravidade do fato exibido em vídeos, se supõe o consenso midiático ao MST como recurso comunicativo para a sociabilidade com o público, a fim de instituir a imprensa a serviço da democracia no imaginário popular. Mead (*apud* HABERMAS, 2012) explicou a elaboração antecipada de gestos para se evitar a comunicação malsucedida como um ato comunicativo que cria regras revestidas de significados para impedir o desapontamento, ou seja, como meio de precaução para a inibição da tomada de posição crítica.

É difícil pensar as funções midiáticas, como instrumentos de apoio às estruturas de poder dominantes, empenhadas na discussão sobre os monopólios e oligopólios nacionais e transnacionais do agronegócio. Herman e Chomsky (2003), ao elucidarem sobre a função midiática a serviço das forças capitalistas, a compreendeu como sistema operativo de poder através da manipulação do público.

De acordo com a CPT²², em 2016 houve o recorde de conflitos no campo com o aumento de 26%, de 1.217 casos registrados em 2015 subiu para 1.536. Se calcularmos pelo ano, são 128 ao mês, ou seja, 4 ao dia. A ONG Repórter Brasil afirmou²³ que o número de pessoas envolvidas em conflitos no país é equivalente ao de sírios em deslocamento pela guerra civil. A estimativa é de quase um milhão de pessoas envolvidas em mais de 1.500 conflitos por terra, pela água ou pelos os direitos trabalhistas.

Sendo que em 2017 houve o registro de mais 70 assassinatos, ou seja, um aumento de mais 15% em relação ao número de 2016²⁴. Um breve rastreo na plataforma Google²⁵ com os códigos Conflitos, Campo, Recorde e 2016 é possível verificar a inexpressiva quantidade (menos de uma dezena) de matérias veiculadas pelas grandes agências jornalísticas sobre os dados da CPT. O que evidencia outro recurso midiático, o da invisibilidade.

²²Informação divulgada no site institucional da CPT.

²³Matéria jornalística veiculada em 23 jun. 2017.

²⁴Dado da CPT divulgado pelo portal de notícias G1 PA, de Belém, em 17 abr. 2018.

²⁵Pesquisa realizada no dia 23 maio 2018.

Conforme Stedile (2012), 1% da população brasileira tem a posse de terras com poder de controlar 46% de toda a área produtiva, em que 8% dos estabelecimentos produzem mais de 80% das *commodities* agrícolas exportadoras. Tendo, de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)²⁶, a produção obtido em 2017 a maior participação no Produto Interno Bruto (PIB) do país dos últimos 13 anos com 23,5%.

Mas, enquanto somos o país que mais cresce, segundo estudos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos²⁷, seguido pela China (3,25%), Chile (3,08%) e Japão (2,86%), corremos o risco de voltar para o mapa da fome, conforme a revista científica *Radis Comunicação e Saúde*²⁸. A pergunta que fica é: como? Se de acordo com a ONU²⁹ são necessários US\$ 267 bilhões de dólares para inibir a fome no planeta por um ano e o Brasil consegue arrecadar sozinho com a sua produção 25% desse valor?

São evidências que revelam a lógica dos mecanismos estruturados, ressonante com os processos iniciados no passado distante e obstinada pela globalização na atualidade. Conforme Josué de Castro (2008) proferiu as mortes por inanição há mais de 140 anos na Índia, enquanto os seus cereais abasteciam a Europa:

só no ano de 1877 pereceram de fome cerca de quatro milhões. E, no entanto, de acordo com a sugestiva observação de Richard Temple – “(...) o porto de Calcutá continuava a exportar para o estrangeiro quantidades consideráveis de cereais” Os famintos eram demasiadamente pobres para comprarem o trigo que lhes salvaria a vida”. É lógico que os grandes importadores (...) faziam o possível para abafar na Europa os rumores longínquos desta fome, (CASTRO, 2008, p. 13-14).

Para se compreender a falta de reação do povo brasileiro, Chauí (1996), ao elucidar sobre a formação da identidade, assinalou a “ausência de uma burguesia nacional plenamente constituída”, ou seja, independente do projeto hegemônico internacional, e a “ausência de uma classe operária madura”, isto é com a capacidade organizativa para as reivindicações, além da “presença de uma classe média de difícil definição sociológica” que significa em oscilação entre os interesses hegemônicos e os da classe operária. Sendo esses os traços responsáveis pela falta de elaboração de uma ideologia coerente com a representação local, e as mesmas razões pela falta de protagonismo da classe média que tornou o Estado o principal agente político.

²⁶Fonte: Portal de notícias G1 da Rede Globo, em 5 dez. 2017.

²⁷Fonte: Portal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Agricultura.gov.br), em 12 mai. 2017.

²⁸Fonte: Portal Rede Brasil Atual, em 14 mar. 2018.

²⁹Fonte: Unmultimedia.org/ONU, em 10 jul. 2015.

Dessa maneira, torna-se clara a formação do caráter nacional que invisibiliza as estruturas de imposições verticais, mas exalta o lema “ordem e progresso”. Talvez a “ordem” referida não seja uma alusão à paz, mas quem sabe à ordem proferida pelo sistema de poder operante. Pois, é claro que o “progresso” proclamado é o de perseguição ao modelo de desenvolvimento incoerente com as fontes naturais de água azuis e matas verdejantes, evidenciados nas cores da bandeira nacional.

O orgulho de ser o povo acolhedor de diversas raças em solo alegre por natureza, não possibilita de fato a participação democrática social e, no país vibrante do amarelo ouro dos ricos recursos naturais, há a grande dificuldade para se compreender os problemas em sua realidade. “Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela” (CHAUI, 1996, p. 9). São como se as inquietações provenientes dos problemas sociais, ambientais, culturais, éticos e políticos fossem resumidas ao factual sem a consideração da temporalidade, das experiências prévias e de investigações de profundidade.

1.1 A MONOCULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR

Refletir a monocultura da cana-de-açúcar sem compreender os processos capitalistas que influenciam nas atividades internas do Brasil não explica o regime de trabalho implantado nem a escassez de carências múltiplas. A opressão, que afugentou a classe trabalhadora às regiões com maiores dificuldades para a qualidade de vida, mantém mecanismos de interdependência econômica. Na Zona da Mata pernambucana, por exemplo, um estudo constatou que apesar de famílias rurais terem obtido o direito à propriedade, não houve mudanças estruturais:

percebeu-se que a tentativa do Estado em distribuir terras para antigos trabalhadores do agronegócio canavieiro em Pernambuco e demais representantes dos setores da sociedade não concluiu a sua função oficial, que é a de proporcionar uma desconcentração fundiária. Deste modo, os assentamentos da região ficam, em sua maioria, em áreas de influência direta das usinas o que possibilita maior interferência dessas nas suas organizações socioterritoriais. Assim sendo, finda-se por estabelecer relação direta de subordinação do assentado aos representantes do agronegócio. Os primeiros subordinando a sua terra para o uso da produção de cana de açúcar, bem como a sua força de trabalho de modo flexível, numa espécie de terceirização, mas numa relação de não igualdade entre as partes (MACHADO; ALBUQUERQUE, 2013, p. 124-125).

Desse modo, as pessoas que antes eram funcionárias das usinas passaram a ser proprietárias de terras, mas continuam a cultivar a cana para vender aos seus antigos empregadores, tornando-

se fornecedoras de matéria-prima. Sem a proteção dos direitos trabalhistas do país, ficaram sob os riscos das decisões da bolsa de valores que regula o mercado exportador, ainda em vulnerabilidade às intempéries do tempo que afetam ao plantio.

Em 2016, no município de Araçoiaba houve a escassez de chuvas que impossibilitou a colheita da cana prevista para fevereiro de 2017. As consequências da infertilidade da safra foram os impactos socioeconômicos, a perda dessas famílias significou o prejuízo do investimento realizado ao longo de oito meses, ou seja, com a resultante carência financeira e o aumento de endividamento com a usina³⁰, principal mantenedora dos insumos produtivos na região, que habitualmente realiza empréstimos para serem pagos com a venda da cana.

A pluviosidade afetada não é fato do acaso, de acordo com Urban (2014)³¹ a queima da cana libera n-alcanos que são hidrofóbicos, ou seja, repelem a água dificultando a formação de nuvens e chuvas. Ainda, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU)³² sobre o desenvolvimento mundial da água, o consumo apresenta a seguinte demanda: 400% produção (que inclui o agronegócio), 140% geração de energia térmica e 130% uso doméstico. Sendo previsto o aumento em 55% até 2050, nos países em desenvolvimento.

Em Araçoiaba há exemplos claros dessas constatações, a população vive há anos em sistema permanente de rodízio hídrico, sendo os locais rurais dependentes de forma única das fontes naturais. A situação é preocupante, pois ainda conforme o estudo da ONU deve crescer de 1 a 2% ao ano a retirada de água subterrânea, considerada principal matriz potável em todo o mundo, ou seja, o problema deve acentuar as dificuldades na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Figura 3 - Fonte no Engenho Vinagre em terreno íngreme, sujeita aos venenos utilizados nas plantações ao alto.



Fonte: Dias (2017).

³⁰A usina atuante em Araçoiaba é a São José do grupo Cavalcanti Petribu. Em sua página institucional se apresenta como “uma das maiores produtoras de açúcar, etanol e energia elétrica de Pernambuco”, com a sua “produção comercializada nos mercados mundial e do Norte e Nordeste do Brasil”.

³¹Fonte: vide nota 13.

³²Fonte: Portal de notícias Terra.

Enquanto isso, para atender aos protocolos de combate à emissão de gases poluentes que provocam o aumento da temperatura do planeta, a União Europeia tem no planejamento a adesão popular ao biocombustível até 2020. Mas, a destilaria acontece no Brasil e consome “100 litros de água para a fabricação de apenas 1 litro de etanol” (MACHADO; ALBUQUERQUE, 2013, p. 122).

De acordo com Bombardi (2015), para se pensar a crise ambiental é necessário pensar a produção agrícola: “(...) quando a gente exporta o café, a gente exporta o açúcar, exporta o etanol, a gente está exportando terra, água” (BOMBARDI, 2015). Conforme a União da Indústria de Cana-de-Açúcar³³, o setor sucroenergético brasileiro lidera a exportação de açúcar no mundo, com 20% da produção global e 40% da exportação mundial, sendo o segundo maior produtor de etanol.

A monocultura da cana-de-açúcar causa a desertificação das florestas e interrompe o microclima responsável pela preservação da água no solo. Considerada uma planta herbácea, a cana está inclusa na família do capim, cuja folhagem não é capaz de promover sombra o suficiente para a refrigeração da terra, sendo ainda a campeã da evapotranspiração com a liberação líquida entre 1.500 e 2.500³⁴ milímetros por hectare ao ano, mais que o dobro da deposta pelo eucalipto e o café.

(...) o canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. A fogo é que foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendeu o canavial civilizador mas ao mesmo tempo devastador, (...) Nunca foi mais violento nos seus começos o drama da monocultura que no Nordeste do Brasil. Nem mais ostensiva a intrusão do homem no mecanismo da natureza, (FREYRE, 1989, p. 73-74).

Quando Gilberto Freyre refletiu sobre os impactos promovidos pela monocultura canavieira, o aquecimento global não estava na pauta da política mundial. Porém, os seus relatos endossam a atualidade, pois, mesmo com maquinários desenvolvidos para a colheita sem queimadas para colaborar com o combate à emissão de CO₂ que causa o efeito estufa e o aumento da temperatura, em Araçoiaba a colheita ocorre aos modos tradicionais.

³³Fonte: Portal de notícias G1 da Rede Globo, em 17 abr. 2018.

³⁴Fonte: estudo científico de Bruno Alves Pereira intitulado Agroindústria Canavieira: uma análise sobre os efeitos climáticos na produção sucroalcooleira paulista.

Figura 4 - Trabalhadores da usina no corte da cana queimada no Engenho Vinagre, em outubro de 2017.



Fonte: Dias (2017).

No Engenho Vinagre, a colheita da cana é realizada de maneira rudimentar com as mãos e foice, inclusive a própria usina atuante no local mantém o método, como pôde ser constado funcionários uniformizados em atividade. A queimada é realizada para facilitar o corte devido à incineração da palha, além de espantar animais típicos de canaviais que oferecem perigo aos cortadores, como cobras, escorpião, aranha e outros.

Figura 5 - Corte da cana pelos métodos tradicionais no século XX.



Fonte: Foto de Lula Cardoso Aires/ Acervo Fundação Joaquim Nabuco/ Livro A Terra e o Homem do Nordeste/ Andrade (2005).

De acordo com a Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC), não existe uma estação meteorológica instalada em Araçoiaba, apenas um posto pluviométrico com poucos anos de observação para o levantamento de dados. Portanto, não há informações suficientes

para a avaliação da temperatura do local. Sem relacionar as práticas agroindustriais na região com a falta de chuvas, o parecer³⁵ da agência informa que a seca que atinge a Região Metropolitana, onde está inserida Araçoiaba, é um problema de todo o Estado de Pernambuco.

A queima da cana além de alterar o clima, também aglutina os hidrocarbonetos policíclicos aromáticos que penetra o corpo humano e pode causar o câncer. De acordo com o estudo de Urban (2015), em São Paulo durante o período da safra da cana-de-açúcar foi constatado de duas a três vezes o volume maior de n-alcenos recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). É importante ressaltar que em São Paulo acontecem em muitos lugares colheitas realizadas por maquinários, mas em Araçoiaba não, ou seja, estando o município propenso a quantidade ainda maior da substância.

Figura 6 – As vias de tráfego comunitário do Engenho Vinagre são sujeitadas à fumaça da queima da cana, expondo as pessoas à fuligem.



Fonte: Dias (2017).

F. 7 - Queima de cana no Eng. Vinagre.



Fonte: Dias (2017).

Gilberto Freyre (1989), ao refletir sobre o regime de trabalho escravo nas lavouras canavieiras em comparação às condições de vida relacionadas às usinas, salientou a falta de assistências que antes os senhorios de engenho ofereciam, mesmo que sob a preocupação com o rendimento para o trabalho. Segundo ele, a saúde dos escravos era um fator de preocupação dos escravocratas que os mantinham como pilar dos negócios, enquanto que no sistema agroindustrial os trabalhadores estão teoricamente independentes, mas subjugados.

³⁵Apesar de questionada, APAC não informou quando instalou o posto pluviométrico em Araçoiaba, nem o local. Fonte: e-mail da Gerência de Articulação e Comunicação, em 24 fev. 2017 às 08h13.

Figura 8 - Ilustração do corte da cana na primeira metade do séc. XX. **Figura 9** - A Geografia do Engenho Vinagre remete à dos antigos engenhos de cana-de-açúcar.



Fonte/ Fig.8: Ilustração de Alcir Lacerda/ Acervo Fundação Joaquim Nabuco/ Livro A Terra e o Homem do Nordeste/ Andrade (2005). **Fonte/ Fig.9:** Dias (2017).

Mesmo com alguns avanços na tentativa de colaborar com o meio ambiente e a saúde humana, como o aproveitamento do vinhoto, também conhecido por melaço, utilizado como fertilizante nas lavouras, ainda existe o descarte na natureza devido à grande quantidade. “O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas”, (FREYRE, 1989, p. 64). Os anseios do setor agroindustrial canavieiro em recuperar matas ciliares e contribuir com o uso de energia renovável não são suficientes para minimizar os inúmeros danos causados, até as justificativas utilizadas por estudiosos em defesa da monocultura não são consistentes:

mitos envolvendo os biocombustíveis que precisam ser esclarecidos: (1) eles contribuem para o desmatamento de florestas tropicais, como a Amazônia; (2) eles contribuem para a fome no mundo dada a competição de alimentos versus bioenergia; (3) eles não contribuem com a redução de GEE (Gases de Efeito Estufa); (NEVES; CONEJERO, 2010, p. 5).

O primeiro refere-se apenas às florestas tropicais e ignora por completo o endemismo, ou seja, a existência de outros biomas como o da Zona da Mata de Pernambuco que apresenta características distintas e biosistema particular originais da Mata Atlântica. No segundo, os autores ao explicar a “falácia” justificam da seguinte maneira: “Antes de tudo, é bom lembrar que oscilações nos preços internacionais de commodities agrícolas fazem parte de uma dinâmica do mercado e, portanto, são normais”, (NEVES; CONEJERO, 2010, p. 7). Então,

supõe que a lógica da configuração econômica hegemônica seja universal e inclusive aceitável como um sistema espontâneo inerente do mercado autorregulado, como se o processo de mais valia que emprega um povo sobre outro fosse involuntário, ignorando toda a complexidade da elaboração de estruturas a quais discorreu Bourdieu (1989), e Gramsci (1995) sobre a organização da cultura. Partir do princípio de aceitação de um sistema vertical já revela a falta de interesse por racionalidades de perspectivas dialética e inclusiva. Pois, não é compreensível o tratamento superficial a algo que é sistêmico.

Por fim, o terceiro “mito” não considera os impactos regionais, preocupando-se apenas com os fins e não com os meios, ou seja, valoriza as ações de menor poluição nas regiões onde estão localizadas as estruturas superiores de poder e invisibiliza os locais de origem dos recursos explorados, bem como o detrimento da qualidade de vida da comunidade nativa. Inúmeros casos de danos ambientais que afetaram as populações poderiam ser citados para exemplificar as explorações irresponsáveis que acabaram por prejudicar aqueles que estão localizados em áreas “de riscos”, como o desastre de Mariana³⁶ em Minas Gerais, mas sintetiza-se a questão com o combate ao pensamento reducionista.

Morin (2003), ao refletir sobre o privilégio de determinada lógica em detrimentos de outras, evocou os paradigmas inscritos culturalmente nos sujeitos. A cultura, aqui referenciada, explana-se sobre o “conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social” (MORIN, 2003, p. 56) e que não deixam de estarem relacionadas com as disputas de poder.

As fragilidades do discurso neoliberal não conseguem legitimar os argumentos para a expansão canavieira. Facilmente refutáveis, são insuficientes para defender os parâmetros que utilizam para atender à sustentabilidade ecológica, reconhecida pelos próprios estudiosos em três dimensões “desenvolvimento econômico, responsabilidade social e boas práticas ambientais” (NEVES; CONEJERO, 2010, p. 205).

Mesmo os autores chamando a atenção para a necessidade de boa remuneração aos cultivadores, em apoio ao fomento da cadeia produtiva com a distribuição de renda incentivadora para o desenvolvimento regional, na prática não é isso o que acontece. De acordo

³⁶De acordo com o Ministério Público Federal, em 2015 aconteceu o maior desastre ambiental do Brasil e um dos maiores do mundo. O rompimento da barragem de rejeitos da extração de minério de ferro gerida pela Samarco Mineração S/A, empresa controlada pela Vale S/A e BHP Billinton, ceifou a vida de 19 pessoas, atingiu 41 cidades e três reservas indígenas, degradou 240,88 hectares de mata atlântica e rios, provocando a morte de 14 toneladas de peixes e outros animais.

com os estudos realizados pelo Observatório das Metrópoles³⁷ que é vinculado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), Araçoiaba é um dos 100 piores lugares do país para se viver devido à ausência de serviços básicos.

O açúcar de usina parece que deixou de entrar com qualquer contingente na valorização da vida e da cultura do Nordeste, para ser apenas o sinal de – em tudo: a diminuição da saúde do homem; a diminuição das fontes naturais da vida regional; a diminuição da dignidade e da beleza da paisagem; a diminuição da inteligência, da sensibilidade, ou da emoção da gente do Nordeste, que hoje quando se manifesta é quase sempre em atitudes de crispação, de ressentimento e de revolta, (FREYRE, 1989, p.163).

O modelo agroindustrial da cana-de-açúcar tem por prioridade a manutenção das classes privilegiadas. Azevedo (1982), ao suscitar sobre a competição ocorrida na década de 30 entre as produções canavieiras paulista e pernambucana, expôs as vantagens que os barões do açúcar obtiveram ao empunhar a bandeira em defesa do Nordeste. Contudo, o conjunto de medidas protecionistas à participação no mercado competitivo foi de ordem exclusiva econômica, sem vínculo com as práticas sociais. Entre 1950 e 1970, na Zona da Mata Sul, onde o solo era mais úmido e favorável às plantações, houve a “diminuição relativa da população rural na ordem de 18,5%, expressando, desta forma, a expulsão da mão-de-obra do campo para as pequenas cidades e vilas próximas aos engenhos e usinas” (AZEVEDO, 1982, p. 47).

Com a opressão estigmatizada na história da cana-de-açúcar, mesmo o que poderia ser considerado evolução para minimizar os impactos socioambientais, tornou-se pouco relevante diante da gravidade de tantos problemas que foram acentuados ao longo da trajetória, como o excessivo consumo de venenos no cultivo da cana. De acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), Pernambuco apresentou³⁸ 458 casos de intoxicação exógena por agrotóxico agrícola, em 2016. E, conforme Bombardi (2011), as intoxicações são apenas um apontamento que implica outros problemas: “fica escondido por trás da subnotificação destes casos (...) doenças crônicas causadas por tais exposições” (BOMBARDI, 2011, p. 82).

Junto aos agrotóxicos, no pacote de insumos artificiais para acelerar a produção da agricultura, também estão os transgênicos que altera o patrimônio nativo das sementes. Apesar de as biotecnologias reprogramarem a genética das plantas convencionais produzindo transgênicas similares, os cruzamentos sexuais entre plantas substituem um alelo por outro:

³⁷Fonte: NETV/ Rede Globo (Pernambuco), em 14 out. 2016.

³⁸Acesso realizado em 27 dez. 2017.

Com a transgenia, insere-se uma sequência quimérica, geralmente composta por genes de resistência a antibióticos (...) são plantas que têm inserida, em seu genoma, uma sequência de DNA manipulado em laboratório por técnicas moleculares ou biotecnológicas. Essas sequências de DNA, que diferenciam as variedades transgênicas e as demais, merecem ser cientificamente estudadas quanto aos seus efeitos sobre a saúde humana e possíveis danos ao meio ambiente (NODARI; GUERRA, 2000).

De acordo com os autores, a interferência de novo genótipo pode acarretar na poluição genética, causando “a interrupção da reciclagem de nutrientes e de energia” (NODARI; GUERRA, 2000). O mercado de sementes transgênicas torna a agricultura refém das empresas responsáveis pela tecnologia detentoras dos direitos reservados à patente, é que diferente das espécies tradicionais popularmente chamadas “creoulas”, as transgênicas possuem a germinação limitada, efetivando a eterna necessidade de compra. A estratégia do mercado transgênico revela a subtração de bens naturais da humanidade, para o controle de ordem exclusiva empresarial reservada às altas estruturas de poder.

1.2 UMA DUPLA RENTÁVEL CHAMADA TRANSGÊNICOS E AGROTÓXICOS

As indústrias da artificialização de alimentos movimentam uma rede de tramas engenhosamente delineadas e perigosas. Com a vulnerabilidade das plantas transgênicas às pragas, o consumo de agrotóxicos ficou garantido e, com a sua ineficiência, o aumento do volume de venenos nas plantações. Dessa maneira, ainda na tentativa de melhores resultados, o glifosato entrou em cena acarretando no uso intensivo no campo:

Ressalta-se que em março de 2015 a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC) publicou a Monografia da IARC volume 112, na qual, após a avaliação da carcinogenicidade de cinco ingredientes ativos de agrotóxicos por uma equipe de pesquisadores de 11 países, incluindo o Brasil, classificou o herbicida glifosato e os inseticidas malationa e diazinona como prováveis agentes carcinogênicos para humanos (Grupo 2A) e os inseticidas tetraclorvinfós e parationa como possíveis agentes carcinogênicos para humanos (Grupo 2B). Destaca-se que a malationa e a diazinona e o glifosato são autorizados e amplamente usados no Brasil, como inseticidas em campanhas de saúde pública para o controle de vetores e na agricultura, respectivamente, (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2015).

Mas, os riscos à saúde de toda a população não interessam aqueles que estão nas estruturas de poder. Os venenos que não estão reservados à classe trabalhadora, mas também a toda sociedade consumidora, foram relacionados com o linfoma não-Hodgkin (LNH), um tipo de câncer hematológico que tem afetado alto número de vítimas.

A pesquisa mostrou que os agrotóxicos ácido diclorofenoxiacético (2,4-D), diazinona, glifosato e malationa estão associados a essa neoplasia e compartilham alguns mecanismos de carcinogenicidade. Essas informações podem subsidiar medidas regulatórias mais restritivas e que contemplem a realidade da exposição a misturas de agrotóxicos, amplamente utilizados no meio rural e urbano (COSTA; MELLO; FRIEDRICH, 2007).

O empreendimento de transgênicos e agrotóxicos movimenta um negócio próprio de monstros do mercado financeiro, como a farmacêutica Bayer que comprou a empresa criadora do glifosato Monsanto. O chamado “matrimônio dos infernos”³⁹, pelos ambientalistas, foi fechado por US\$ 66 bilhões⁴⁰ com a promessa estimada na conversão de 23 bilhões de euros ao ano. A Bayer, que “promete” trabalhar para a saúde, assumiu dentre outros herbicidas o glifosato, o mais temido e criticado por médicos e cientistas por ter relação com o câncer.

Mesmo com o diretor de regulamentação da Monsanto e também gerente de biotecnologia da empresa, Geraldo Berger, defendendo o veneno em várias entrevistas afirmando a realização de estudos de segurança. É sabido, conforme Carvalho (2006), a existência de influências mercadológicas nos testes clínicos. “As revistas, entre as quais *New England Journal of Medicine*, *Journal of American Medical Association* e publicações de outros países, alertaram (...) para o fato de (...) pesquisas privadas, sem vínculos com o meio acadêmico” (CARVALHO, 2006, p. 76).

De acordo com o autor, o jornal Valor Econômico reproduziu matéria do *Financial Times* sobre a denúncia de 13 respeitadas revistas científicas médicas internacionais, em alerta à interferência de multinacionais farmacêuticas em testes clínicos. E o drama não para, mesmo o mencionado vínculo acadêmico que poderia garantir a segurança à população, conforme Milton Santos (1998) também está sobre o campo minado das influências mercadológicas:

Até o começo deste século, quando nos referíamos a "ciência", inclinávamo-nos diante dela, certos do que era portadora da verdade. Hoje, sabemos que freqüentemente ela está em divórcio com a verdade, quando subordinada a razão técnica, que, ela própria, é subordinada ao mercado. Neste caso, escolhe algumas ações e afastam outras e desse modo torna-se distante da verdade. E, sendo cada vez mais algo do interesse das coisas, isto é, do mercado (SANTOS, 1998).

São situações que demonstram as formas de favorecimento para a implantação dos projetos rentáveis às altas estruturas de poder. Ao desprezarem a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), com a utilização de recursos predatórios e insumos artificiais prejudiciais à saúde, é

³⁹Confira o ensaio fotográfico *O Custo Humano* de Pablo Piovano, que denuncia os casos de atrofia muscular, câncer, mutações genéticas, hidrocefalia e retardo mental causados pelo herbicida glifosato.

⁴⁰Fonte: Folha de São Paulo, em 14 set. 2016.

infringido o Art. 3º da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) que deveria garantir as “práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (SEDESTMIDH⁴¹, 2017). A lei não garante a defesa da população porque não é respeitada. Segundo o Instituto Nacional Do Câncer (INCA) apud Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg)⁴², no Brasil é alarmante o consumo de agrotóxicos, tendo em 2011 o país liderado o ranking mundial com cerca de um milhão de toneladas, o que equivale 5,2 kg de veneno por habitante.

(...) a venda de agrotóxicos saltou de US\$ 2 bilhões para mais de US\$7 bilhões entre 2001 e 2008, alcançando valores recordes de US\$ 8,5 bilhões em 2011. Assim, já em 2009, alcançamos a indesejável posição de maior consumidor mundial de agrotóxicos, ultrapassando a marca de 1 milhão de toneladas (INCA, 2015).

É evidente que o excessivo uso de veneno está relacionado ao modelo agropecuário imposto para atender às exportações, com a alta eficiência sem a preocupação socioambiental. O registro de intoxicação por agrotóxicos do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), que é vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), informou⁴³ que:

(...) o menor número de casos de intoxicação e envenenamento registrado na estatísticas publicadas pelo Sinitox, nos últimos anos, ocorreu em virtude da diminuição da participação dos Centros de Informação e Assistência Toxicológicas (CIATs) nestes levantamentos. Portanto, o número de intoxicação e envenenamento registrado pelos CIATs não vem decrescendo no país (SINITOX, 2017).

A falta de esforços do Estado para o levantamento de informações periódicas destinadas aos devidos esclarecimentos à população é mais uma demonstração dos “jogos de interesses”, que comandam as estruturas de poder. Para se compreender o panorama sobre os agrotóxicos no Brasil, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) reuniu informações pertinentes para a análise, mas com as datas desatualizadas. Para se ter ideia do que significa US\$ 12 bi de dólares faturados pela indústria de agrotóxicos no Brasil, seriam cerca de R\$ 43,2 bi de reais, arrecadação correspondente a mais de cinco vezes o valor gasto com a construção e reforma

⁴¹Secretaria de Estado de Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (SEDESTMIDH) do Governo do Distrito Federal.

⁴²O Sindiveg é o antigo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag).

⁴³Fonte: Webpagina Fiocruz, sublink Dados de Intoxicação. Acesso em: dez. 2017.

dos 12 estádios da Copa do Mundo de 2014 no país (R\$ 8,333 bilhões)⁴⁴. Valor astronômico que deixa claro o “jogo de poder” da dupla transgênicos e agrotóxicos.

Figura 10 – As datas das informações evidenciam a ineficiência dos órgãos para a atualização.



Fonte: ABRASCO (2018).

O controle do acesso às informações recai também sobre os processos comunicativos dos mecanismos de poder. De acordo com Herman e Chomsky (2003), a participação dos gigantes da mídia mantém “relacionamentos íntimos com o principal segmento da comunidade empresarial através de conselhos de administração e de relacionamentos sociais” (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p.68), numa ação clara das operações comunicacionais pautadas pelos interesses de dominação.

Prestes à conclusão deste estudo, no final de junho de 2018, uma Comissão Especial da Câmara dos Deputados aprovou⁴⁵ o projeto PL 6.299/2002 para flexibilizar as regras de controle do uso de agrotóxicos no Brasil. Mas, pouco foi abordado nos grandes veículos de comunicação do país, principalmente os televisivos. A pauta, que infere diretamente em defesa da população, não foi trabalhada para a mobilização da opinião pública, o que evidencia as relações íntimas elucidadas por Herman e Chomsky, numa demonstração clara dos mecanismos das estruturas de poder.

O “PL do Veneno” foi provado por dezoito votos a nove em uma reunião reservada sem a participação de representantes da sociedade⁴⁶, tendo ignorado as diversas petições e manifestações realizadas pela ONU, Anvisa (Agencia Nacional de Vigilância Sanitária) e

⁴⁴Fonte: portal de notícias O Globo, em 4 jan. 2015.

⁴⁵Fonte: portal de notícias Conexão Planeta, em 26 jun. 2018.

⁴⁶Fonte: idem 45.

SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), além do INCA e Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

O autor do texto foi o deputado Luiz Nishimori (PR/PR) que, de acordo com o portal Organics News Brasil, é proprietário das empresas Mariagro Agricultura e Nishimori Agricultura, apesar de ambas não constarem na declaração de bens exigida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Conforme o portal De Olho Nos Ruralistas, os empreendimentos estão no nome de membros de sua família, sua esposa Akemi Nishimori, mãe Fumi Nishimori (falecida em outubro de 2017) e dois filhos. Tendo o Tribunal de Justiça do Paraná considerado em 2015 que as empresas pertencem ao mesmo grupo familiar.

De acordo com o portal Organics News Brasil, a Mariagro Agricultura bateu a meta de vendas de agrotóxicos estipulada pela multinacional Syngenta, tendo recebido recompensa da corporação. O fato revela o evidente interesse particular do deputado com o aumento do consumo do veneno na agricultura do país, enquanto deveria cumprir com as suas funções parlamentares em benefícios da sociedade.

1.3 ECLOSÃO DO SILÊNCIO E A COMPRESSÃO DO PODER

O silêncio constatado através de diversas formas, como a escassez de notícias esclarecedoras sobre o funcionamento do sistema político-econômico e os seus impactos socioambientais; a falta de dados periódicos sobre o uso de agrotóxicos facilmente disponíveis para o acesso da população; a inexpressividade reivindicatória das pessoas afetadas; e até mesmo a carência de conhecimento remetem às questões intimamente ligadas às imposições de poder no empenho de inibir a criticidade.

A falta de diálogos, no sentido conferido por Paulo Freire (1988), é resultante do processo opressor em conceber o outro como maquinismo e não como parte integrante na construção do processo intelectual, reservado às estruturas superiores. De acordo com Tauk Santos (2016), para o projeto de política modernizadora no campo foi importado o modelo difusionista de Wisconsin e Michigan. No manual Planejamento do Trabalho em Extensão Agrícola de Willy Timmer (1954) recomendava “persuadir as populações rurais a aceitar a nossa propaganda” (TAUK SANTOS, 2016, p. 72). Conforme a autora, foi um sistema organizacional planejado.

A evidência do uso da comunicação, não dialógica para influenciar às práticas sociais e firmar a governança objetivada, demonstra que a comunicação de natureza emancipatória não faz parte do processo político de dominação. Pelo contrário, a adotada é para manter a distância

entre as classes e, em especial, o “silêncio” da dominada. De maneira que, para a dominada assegurar o seu direito à participação nos diálogos, são precisos atos de luta pela libertação “que é uma conquista, e não uma doação” (FREIRE, 2005, p. 37).

A obra *Extensão ou Comunicação?* de Paulo Freire, que surgiu em 1968 justamente a partir da reflexão sobre as imposições ideológicas para o desenvolvimentismo, contribuiu com aos esforços da igreja católica e de ONGs para vivificar movimentos sociais nos enfrentamentos ao modelo modernizador, a partir do empoderamento⁴⁷ proposto pelo autor para o exercício político. As reivindicações pelos direitos civis, reconhecidas aqui como atos de rompimento com o silêncio, revelam a tomada de consciência para o exercício do próprio papel na sociedade, esse construído através dos processos educativos.

Questão que deixa claro o motivo de negligências educativas de organizações governamentais e instituições políticas e privadas, pois as mobilizações que organizam e constroem ações de princípios coletivos são transformadoras e têm o poder de promover o senso de responsabilidades comunitárias não exclusivas ao circuito vivenciado, mas com a capacidade de inferir no processo de dominação.

Contudo, já na antiguidade Platão clareou o entendimento sobre as dificuldades para a libertação da mente presa às limitações da sociedade, a “alegoria da caverna” explicou a construção de sentidos pelo o que nos é transferido ao longo da vida. Como os prisioneiros da caverna que só conseguiam ver as sombras e deduzir interpretações, a consciência aprisionada no pensamento simplista também não pode ir em busca do real:

assim como no mito da caverna, a dialética se configura muito mais como o ato de *dialegethai*, ou seja, de discutir, do que como uma ciência noética pura (525, 528 a). Da mesma maneira, quando Platão começa a falar diretamente da dialética como o gênero de saber mais elevado, para definir ele utiliza uma fórmula na qual a alusão ao ato concreto de dialogar, do interrogar e do responder não poderia ser mais clara: excluir-se do mais elevado (isto é, do objeto da dialética) quem (literalmente) “não é capaz de dar e receber razão – ou de fazer discurso (logos) com as mesmas características” (531e). É justamente essa capacidade técnica que permite aos homens, como o mito da caverna, alcançar com o intelecto o limite daquilo que é inteligível, assim como a visão chega aos limites do visível (TRABATTONI, 2012, p. 120).

Mesmo tendo o filósofo refletido as limitações humanas nas relações sociais, percebe-se a valorização da dialética, ainda que reservada à uma classe distinta intelectualizada. Platão acreditava no alcance da realidade através da razão e não dos sentidos e, por esse motivo, foi

⁴⁷De acordo com Rute V. A. Baquero, o termo empoderamento tem raízes na Reforma Protestante iniciada por Lutero no séc. XVI, na Europa, mas ganhou evidência a partir de 1960 a partir das contribuições de Paulo Freire e a eclosão de novos movimentos sociais no período.

eminente na defesa da academia. Já Aristóteles concebeu o “homem político” pelas experimentações na *polis* (cidade-estado) através de experiências com a comunidade, percebendo-se a dialética de modo abrangente. A análise dos livros I, II e III da Política de Aristóteles, por Thiago Oliveira e Luiz Sahd, compreendeu que o homem naturalmente político em convívio social tem a “ampliação das potencialidades dessa razão livre (...), portanto, capaz de dar uma consciência ao corpo coletivo social” (SAHD; OLIVEIRA).

Morin (2003), ao explicitar sobre os cosmos e o surgimento da vida, aclarou sobre a condição humana distante de seu próprio universo: “Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo” (MORIN, 2003, p. 50-51). A perspectiva evidencia o quanto somos pertencentes aos mesmos cosmos e o quanto nos tornamos estranhos uns aos outros devido às nossas relações culturais, como o autor evidencia pela “relação triádica indivíduo/sociedade/espécie” (MORIN, 2003, p. 54).

Esse corpo coletivo que nasce da espécie e se torna sociedade, pelas interações provenientes da cultura, revela como a formação dos indivíduos é moldada pelas perspectivas comunicativas e quais os princípios que se estabelecem pela valorização ou desprezo da dialética. Dialética aqui assimilada pela ressonância com a democrática de participação coletiva. Concepção que nos transporta para o campo de poder que, conforme Pembart (2007):

penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, e as pôs para trabalhar. Desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade. Tudo isso foi violado, invadido, colonizado; quando não diretamente apropriado pelos poderes (PEMBART, 2007, p. 57).

Ainda sob as reflexões do autor, os diversos mecanismos de poder que antes tínhamos como compreender pelas esferas que gozavam de relativa autonomia perante outras, hoje estão submetidas a uma espécie de força vital transcendente que opera na administração e controla até “no cerne da subjetividade e da própria vida, como nessa modalidade contemporânea do biopoder⁴⁸” (PEMBART, 2007, p. 58), que consiste nas inesgotáveis invenções e intervenções imanente do capitalismo para se manter o controle. Estando aí a razão dos métodos comunicativos utilizados para cada propósito objetivado, para libertar ou aprisionar a mente.

De modo que, para a manutenção do poder, o que importa é o estado de letargiados sujeitos dominados “face da realidade opressora, como “situação limite” que lhes possa parecer

⁴⁸Apesar da complexidade do conceito de *biopoder* elaborado por Michel Foucault entre os anos de 1974 e 1979, de acordo com Furtado e Camilo, de maneira sucinta define os dispositivos encarregados do extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço.

intransponível” (FREIRE, 2005, p. 43), ou seja, mesmo que ainda consciente dos mecanismos de poder, com o sentimento de impotência diante do sistema de dominação. Contudo, Pembart (2007), ao suscitar Foucault, lembrou que quando o poder incide sobre a vida ancora-se na resistência. “Em outras palavras, às vezes é até no extremo da vida nua que se descobre uma vida” (PEMBART, 2007, p. 65), como se no extremo da decomposição surgissem as estratégias para a sobrevivência. A reflexão tem exemplo prático em Araçoiaba, de acordo com o técnico extencionista rural do IPA, apesar de o surgimento da APUOCA ter ocorrido a partir de incentivo social em 2005, a institucionalização da associação só aconteceu por causa dos esforços das próprias pessoas do local.

É claro que o IPA esclareceu sobre os procedimentos legais e apoiou de forma técnica, mas se essas pessoas não tivessem interesse em formalizar a associação nada seria possível. Quando cheguei no Engenho Vinagre em 2008, elas estavam passando por muitas adversidades, estavam desacreditadas, mas mesmo assim foram capazes de continuar os esforços diante de situações de extremas carências. (ER)

O depoimento revela a força que incide para a sobrevivência conforme refletiu Pembart (2007), pois a resistência nesse caso, mesmo que não entendida como uma estratégia comunicativa planejada para o diálogo com as estruturas de poder através do associativismo, e sim como um apego à oportunidade para superar os problemas do momento, aconteceu no intuito da busca de melhorias para a qualidade de vida, ou mesmo, resguardá-la já que inclusive o índice de morte infantil tinha sido alarmante um pouco antes daquele período no município⁴⁹. É o “jogo de poder” que circunda a vida sujeitando pessoas sob pessoas, ao mesmo tempo que recai como uma força ainda maior para emanar o poder de reação em defesa da própria vida.

1.4 IMBRICAMENTOS CULTURAIS

Pensar a sobreposição da lógica canavieira sobre a agricultura familiar implica considerar o desprezo às culturas populares, visto que os seus modos de vida tradicionais fazem parte da humanidade desde a antiguidade. É uma questão que ultrapassa o ranço patriarcal escravocrata e o isolamento geográfico para repousar sobre o campo de poder transcendente, que percorre na esteira dos aperfeiçoamentos do neoliberalismo para a dominação de indivíduos sobre indivíduos através dos sistemas de controle econômico e do aprisionamento de mentes.

⁴⁹Razão pela qual justificou a iniciativa das ações realizadas pela ONG Mais Vida em Araçoiaba, que sucedeu a APUOCA.

Paulo Freire, ao analisar a fala de um líder camponês sobre a reforma agrária num assentamento chileno, notou que embora houvesse o discernimento sobre a opressão sofrida, também existia “uma força mágica no poder do senhor. É preciso que comecem a ver exemplos da vulnerabilidade do opressor para que, em si, vá operando-se convicção oposta à anterior” (FREIRE, 2005, p. 57). A reflexão do autor indica a ausência de empoderamento proveniente da carência de lucidez para a inserção crítica, apreensão da realidade e ímpeto para a transformação, ou seja, ressalta a supressão das condições que possibilitam a autoconfiança ao oprimido para o protesto pelo direito no lugar de fala.

Mario Lacerda de Melo (1975), ao analisar as questões socioculturais que envolviam as pessoas relacionadas com o cultivo da cana-de-açúcar e residentes na Zona da Mata pernambucana, salientou há mais de quatro décadas o analfabetismo como um dos principais fatores de ordem observável. De modo que em 2010, de acordo com os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em Araçoiaba as taxas atingiram⁵⁰ 24,04% das pessoas com 15 anos ou mais, 6,21% (de 15 a 24), 25, 10% (25 a 59) e 63,11% (60 ou mais).

Os índices revelam as deficiências dos apoios fundamentais para as transformações nos modos de saber e, conseqüentemente, do viver. Pois, de acordo com Barbero (1997) a escola tem o papel preponderante na introdução de dispositivos prévios ao ingresso na vida pela persistência da consciência popular. Mas, em Araçoiaba⁵¹ não existe nenhuma escola com as práticas pedagógicas da Educação do Campo, e no Engenho Vinagre apenas uma para o Ensino Fundamental, a Santa Ana.

De acordo com Roseli Caldart (2012), a Educação do Campo decorre de um fenômeno particular da realidade brasileira, “protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (CALDART, 2012, p. 259). Portanto, os esforços são para a formação de pessoas como sujeitos de seu próprio destino, sendo compreendida a partir da relação com a cultura local. Sendo importante considerar que nem toda a Educação “no” campo é “do” Campo, o que significa dizer que muitas são as escolas situadas em áreas rurais, mas que praticam a pedagogia urbana, como a escola do Engenho Vinagre.

Diante dos processos capitalistas com os princípios do agronegócio em contraposição à agricultura familiar pelo desenvolvimento local, os desafios são muitos. Pois, além da

⁵⁰Fonte: Base de Dados dos Estados (BDE)

⁵¹Apesar de vários contatos com a Secretaria Municipal de Educação do município e também com a assessoria de imprensa da Prefeitura, não foi possível maiores informações sobre o plano de gestão para a educação em curso. O mesmo ocorreu com a Secretaria da Educação do Estado que, apesar de a sua assessoria de imprensa ter informando a preocupação em fornecer o retorno, não houve o atendimento no período de dez meses.

elaboração do projeto político-pedagógico que possa incidir na construção do conhecimento através de experiências extraídas junto ao próprio corpo social⁵², que é particular e difusa em solo brasileiro, há também a necessidade de se pensar a formação de profissionais para a Educação do Campo legitimada em âmbito científico, jurídico e político-governamental para as melhorias da qualidade de vida e do meio ambiente.

Na prática, o que se apresenta no Brasil é além da falta de apoio às políticas públicas, também o esfacelamento das estruturas de base. Conforme o estudo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)⁵³, foram fechadas cerca de 30 mil escolas rurais no país no período de 2002 até o primeiro semestre de 2017. Além da carência de instalações para o acolhimento comunitário no campo, as que existem enfrentam debilidades de diversas ordens.

De acordo com Wagner Aguiar (2016), as dificuldades para a implementação da política de Educação do Campo não são reservadas a determinados municípios, sendo também deficiente as práticas pedagógicas de perspectivas ambientais. Para o autor que se concentrou no município de Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco, “diante da prevalência de um modelo educacional, as escolas “do campo” não têm sido capazes de incorporar uma perspectiva de sustentabilidade pensada em função do desenvolvimento local” (AGUIAR, 2016, p. 54).

A falta de apoio educativo a estas pessoas, em defesa da valorização de seu próprio universo, reverbera no predomínio de concepções que pouco incluem as famílias agricultoras, fortalecendo o imaginário popular negativo dos povos do campo, ou seja, a suposição de sujeitos despreparados para os conhecimentos considerados os mais importantes pela cultura dominante. Wanderley (2009), quando lembrou o Jeca Tatu (1914) criado por Monteiro Lobato, evidenciou os estigmas do sentimento de ignorância ou de inadaptação à modernidade. Conforme a autora, presentes até o próprio vocábulo do Estado que substitui a palavra “camponês” por “pequenos produtores” ou ainda “produtores de baixa renda”.

Segundo dados do IBGE de 2017, existem no Brasil⁵⁴ 11,8 milhões de analfabetos, sendo as maiores partes situadas no Nordeste (14,8%) e Norte (8,5%), seguidas do Centro Oeste (5,7%), Sudeste (3,8%) e Sul (3,6%). As consequências são observáveis de diversas maneiras, como o repúdio à identidade cultural das pessoas nordestinas e nortistas, percebendo-se o cerceamento às regiões mais afastadas dos grandes centros econômicos.

⁵²No caso de Araçoiaba, que a gênese cultural está relacionada à cana-de-açúcar, o projeto político-pedagógico não poderia ignorar toda a amplitude política, econômica, cultural e ambiental que envolve a monocultura.

⁵³Fonte: site de notícias Brasil de Fato, em 9 fev. 2018.

⁵⁴Fonte: O Globo, em 21 dez. 2017.

Além dos múltiplos enfrentamentos materiais resultantes da exclusão política que possibilitaria a reivindicação de seus direitos, essas pessoas são sujeitadas às diversas violências simbólicas, dentre elas brincadeiras transvestida de piadas “inocentes” ou mesmo expostas às discriminações explícitas. Os atos preconceituosos são exemplos de influências provocadas pela refutação às culturas consideradas marginalizadas pelas classes hegemônicas.

Na APUOCA, durante uma das reuniões, três jovens que estudaram na escola situada na cidade de Araçoiaba mencionaram a hostilidade defrontada no ambiente escolar: “eles acham a gente que é do Engenho é matuta, até riem da gente”; “é verdade! Eles não gostam de nós”; e “eu prefiro ficar quieta do que falar com eles” foram algumas das frases proferidas:

O que o capitalismo destruíra era não só um modo de trabalhar, mas seu modo inteiro de viver. Um capitalismo que identifica e reduz a vida à produção, induzindo seus críticos a identificar e reduzir a isso a política. (...), precisamos escapar dessa lógica lendo a cultura em chave política e a política em chave de cultura (BARBERO, 1997, p. 135-136).

As elucidações de Barbero incidem no âmago dos sentidos que emanam as estruturas estruturadas, descortinadas por Chauí (1996) pela formação do caráter “nacional” para a ruptura do sujeito com os seus meios naturais e incorporação do espírito de nacionalização. A evocação da soberania do Estado, destinada à organização das pluralidades convertidas em uma só nação, revestiu-se do sentimento de respeito à pátria para manter o controle sem as multiplicidades difusas ocasionadas pelas culturas populares.

Assim, a Educação Popular pode ser entendida como reação à essa homogeneização para reivindicar o direito à democracia. Paludo (2012) a compreendeu pela formação crítica que desnatura a ordem social estabelecida, iniciada pelo colonialismo seguido do neocolonialismo e após o capitalismo:

A origem da concepção de educação popular, dessa forma, decorre do modo de produção da vida em sociedade no capitalismo, na América Latina e também no Brasil, e emerge a partir da luta das classes populares ou dos trabalhadores mais empobrecidos na defesa de seus direitos; dependendo da organização na qual se congregam, os trabalhadores chegam inclusive a defender e a lutar pela construção de uma nova ordem social (PALUDO, 2012, p. 283).

Em síntese, a Educação Popular revela os esforços do povo empoderado para empoderar aqueles que ainda não foram, com base organizativa de princípios coletivos tanto na escola, quanto em espaços não formais. São sentidos percebidos nas atividades da ATER que, após a superação da Extensão Rural e a compreensão das reflexões de Paulo Freire, tem por princípio as ações de incentivo ao acesso das famílias agricultoras às políticas públicas através da própria

autonomia. Assim como o autor compreendeu pela “ação no setor da “cultura popular” que, interferindo deliberadamente no campo da percepção, ajudará a acelerar a própria transformação cultural” (FREIRE, 1988, p. 62).

Contudo, mesmo com as teorias metodológicas para construção dos saberes mais condizentes com a equidade social, os avanços continuam sob a disputa capitalista de poder. Sem o empenho governamental para a defesa do povo sujeitado pelas forças de mercado, torna-se ainda mais deficiente as implantações das práticas pedagógicas condizentes com a realidade rural. E, em sua especificidade, com a monocultura da cana-de-açúcar. Sendo os locais de difícil acesso prejudicados por depender quase que de maneira única das ações exógenas, como as realizadas por organizações como o IPA e ONGs dentre outras, quando se poderia emergir da própria comunidade iniciativas populares através da Educação do Campo.

Nesse âmbito, percebe-se que o isolamento geográfico não é o único obstáculo para a emancipação, mas principalmente a coibição do acesso aos meios de incentivo à criticidade que, assim como Chauí, Barbero (1997) também compreendeu pela incompatibilidade do Estado para lidar com a sociedade polissegmentada como uma forma de equilíbrio interno estruturado. Dessa maneira, a rigidez dos sistemas e normas expressam os obstáculos para o reconhecimento das particularidades regionais e as diferenças culturais. O que explica os mecanismos de poder guiados pela globalização, que desmaterializa espaços e os transforma em territórios⁵⁵ pasteurizando a diversidade cultural.

⁵⁵O conceito utilizado refere-se ao da Geografia que difere do espaço concreto e designa à perspectiva no campo de poder conforme clareou Claude Raffestin (1980) sobre a projeção do real pela globalização.

2 CAPÍTULO 2 - ESTRUTURAS ESTRUTURANTES: arcabouços para a integração

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar, apresentada como uma das estruturas estruturantes, refere-se às outras racionalidades intrínsecas na disputa de poder com as estruturas já estruturadas. Pronunciada a partir de mobilizações políticas para institucionalizar juridicamente a inclusão no setor agropecuário brasileiro, conforme o decreto nº 1.946 de 28 de junho de 1996 participam do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) as famílias que:

Trabalhar na terra em condições de proprietário, posseiro, arrendatário, parceiro ou concessionário (assentado) do Programa Nacional da Reforma Agrária (PNRA); residir na propriedade rural ou em local próximo, dispor de área inferior a quatro módulos fiscais, ter renda bruta familiar, nos últimos 12 meses inferior R\$ 110 mil; ter, no máximo, dois empregados, sendo que a mão de obra deve ser prioritariamente familiar, (BRASIL, 2012, p. 8).

Portanto, de acordo com Delma Peçanha Neves (2012), a agricultura familiar corresponde à:

gestão das relações de produção e trabalho sustentadas entre os membros da família, em conformidade com a dinâmica da composição social e do ciclo de vida de unidades conjugais ou de unidades de procriação familiar (NEVES, 2012, p. 34).

Evocando princípios camponeses que, conforme Marta Inês Marques (2004):

remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra (...) a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade (MARQUES, 2004, p. 145).

Em definições de atividades, Maria Carneiro (1999) compreendeu com uma constituição própria da dinâmica social de cada família de acordo com:

o capital cultural, o capital material, a fase do desenvolvimento do grupo doméstico, composição etária e sexual dos membros da unidade familiar e posição dos indivíduos que desenvolvem a atividade não agrícola na hierarquia familiar (CARNEIRO, 1999, p. 326).

Nessas perspectivas, cada unidade familiar apresenta condições próprias de trabalho e relacionamento, adaptando-se às condições econômicas e sociais. Sendo comum no meio rural brasileiro uma infinidade de significados e combinações que resultem em perspectivas variadas, como a incorporação da pluriatividade que, conforme Scneider (2003), consiste no desenvolvimento de diversas atividades agrícolas ou não pela família rural para a geração de renda. No Engenho Vinagre, por exemplo, foi verificada uma jovem que trabalha para a Secretaria de Saúde de Araçoiaba, mas que também planta maracujá no terreno da família, carpinha o roçado, faz a colheita e outras atividades de acordo com o que precisar. Ela disse que gostaria de especializar-se no cultivo do fruto e dedicar-se mais ao plantio:

Eu queria me dedicar ao maracujá, é o que eu mais gosto, acredito que se os jovens tivessem como ganhar dinheiro aqui não iriam embora. Os jovens amam tecnologia, se a gente tivesse seria diferente, (E5).

Devido à gênese familiar não ser de orientação empresarial, com a gestão atribuída às formulações tradicionais, é comum a agricultura familiar ser associada com o passado e à falta de potencialidade para as incorporações mercadológicas. Cabendo ressaltar que muitas das deficiências são devido à condição da falta de subsídios e não da inexistência do desejo à integração tecnológica, sendo o maior embate a própria lógica de dominação agrícola que reserva os privilégios à cadeia produtiva prioritária.

Diversas formas de adaptação e arranjos são criados com frequência no campo pela agricultura familiar. Na APUOCA, um associado contou que, quando participava das feiras e a colheita era pouca para vender, pegava a da vizinhança para completar a que conseguiu produzir. Segundo ele, era bom para todos:

É que não iam para a feira, então gostavam quando eu vendia e trazia o dinheiro, (E1).

Com a originalidade excepcional nos modos de vida, a agricultura familiar poderia ser celebrada e salvaguardada juridicamente como patrimônio cultural, já que de acordo com o Artigo 216 da Constituição Federal é patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial que mantenham identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade do Brasil, incluindo as suas formas de expressão e conjuntos de sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Potenciais que seguramente a agricultura familiar brasileira reúne como, por exemplo, a

preservação da paisagem natural e/ou pitoresca, as práticas sociais tradicionais de culturas singulares e os conhecimentos populares nativos.

Figura 11: paisagem pitoresca próxima à APUOCA.



Dias (2017).

As contribuições públicas que as comunidades rurais desenvolvem pelos seus próprios comportamentos incentivam à ecologia e inclusão social, pois possuem a relação de sentimento com a natureza e os meios naturais, além da valorização do espírito de convívio comunitário. Assim, a agricultura familiar poderia ainda ser Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade por promover benefícios para a manutenção do tecido socioambiental.

Mesmo que já reconhecida como bem público através do conceito da multifuncionalidade que conforme Cazella, Bonnal e Maluf (2009) é legitimada pela valorização dos projetos florestais, na prática, a sua visibilidade é incipiente com relação ao agronegócio que investe forte em inúmeras formas de propagar a sua relação com o desenvolvimento e fonte de economia nacional.

2.1.1 A Agricultura familiar no âmbito da cultura canavieira

Contemplar a agricultura familiar no habitat da monocultura da cana-de-açúcar implica evocar a construção de novos sentidos numa cultura que foi aprisionada pelo açúcar. O carboidrato cristalizado seduz, aniquila a coerência, destrói o que poderia ser até instintivo no comportamento humano para a preservação da própria saúde e crava a incongruência. Atire a primeira pedra quem sempre tem o poder de resistir a uma boa vitrine de confeitaria.

O culto do açúcar se inicia ainda nos primeiros dias de vida, quando as mães mergulham as chupetas no açucareiro para acalmar os bebês e evitar que chorem. E continua ao longo da infância sendo estimulado pelos pais que oferecem doces e balas aos seus filhos, como presentes e prêmios. Sem contar com a televisão, que nos bombardeia com anúncios sedutores para induzir-nos a consumir esse doce que nos mata. Tornar-se escravo dele é muito fácil, pois sua absorção é extremamente rápida, logo alcançando o cérebro, onde juntamente com a insulina libera triptofano, que se converte em serotonina, a qual tem ação tranquilizante. Por isso é que quando uma pessoa está nervosa logo se oferece um copo de água com açúcar, que acalma (CARVALHO, 2006 *apud* PUPPIN, 2006, p. 7-8).

Ainda de acordo com o autor, a estranha droga doce descoberta no Oriente teve a trajetória nada linear, do consumo de reis e nobres europeus assumiu o estágio fármaco na elaboração de xaropes até chegar à mesa das elites burguesas e finalmente à população industrializada do açúcar, essa por sua vez anódina e de alimentação à baixo custo para a geração de energia destinada à mão de obra barata. Desnudo, o redentor dos alimentos artificiais tornou-se alvo da medicina por propiciar doenças e mortes ocasionadas por câncer, diabetes e patologias vasculares, dentre outras:

A ingestão de açúcar (...) altera o funcionamento das glândulas endócrinas, pâncreas, supra-renais, pituitária e até do fígado. Puxado pela hiperinsulinemia o sistema glandular endócrino, com o tempo, entra em pane, e o pâncreas perde a sintonia fina que existe entre níveis de glicose e doses de insulina, o glucagon e até a adrenalina entram nessa dança. E o abuso de oferta de insulina faz com que, com o tempo, ela perca a eficácia. O equilíbrio ácido/base e o equilíbrio osmolar, também são alterados e nuvens de radicais livres invadem seu corpo. A glicação que toma conta de proteínas do sangue, de órgãos e tecidos é algo semelhante a cupim atacando móvel de madeira ou ferrugem atacando uma máquina de ferro. O sistema imunológico e o metabolismo também são debilitados (CARVALHO, 2006, p. 20-21).

Em 2015, a OMS alertou⁵⁶ sobre a redução do consumo diário de açúcar no organismo para a prevenção de doenças. Os estudos, que vislumbraram 10% ao dia por pessoa, ponderaram para menos de 5%, quantidade equivalente a seis colheres ou 25 gramas. O problema é que os açúcares estão presentes em grande parte dos alimentos consumidos, principalmente nos industrializados. Lembrando que, se a situação já é complicada para quem vive longe do mar de canavial, é de se imaginar a “cristalização” do açúcar na cultura de pessoas que possuem a hereditariedade canvieira.

⁵⁶Fonte: Nacoesunidas.org em 4 mar. 2015.

No Engenho Vinagre, por exemplo, foi verificado que, quando era servido lanche nas reuniões da APUOCA, havia bolo ou bolacha acompanhado de refrigerantes, não sendo visto em nenhum encontro frutas ou algo proveniente do cultivo local, como sucos. Mesmo com a possibilidade de o comportamento ser devido à necessidade de algo prático para a ocasião, é importante salientar que na sede da associação existe uma cozinha com utensílios para o uso, como mesa, forno e fogão industriais, além de uma seladora de sacos plásticos. A infraestrutura disponível propicia a ideia da possibilidade de rodízio para o voluntariado no grupo associado, destinado à elaboração de lanches com os alimentos provenientes do próprio plantio. Josué de Castro (2008), ao refletir sobre a alimentação das pessoas envolvidas com a monocultura da cana-de-açúcar, salientou que:

(...) o povo no Nordeste açucareiro já perdeu o gosto e o hábito de comer fruta. Considera a fruta uma gulodice, como considera folha e verdura comida de lagarta. Comida de homem para essa gente é mesmo feijão, carne e farinha (CASTRO, 2008, p. 136).

Em uma das últimas visitas à associação, pôde ser observado o desperdício de maracujás, alguns estavam secos ainda no maracujazeiro preso na cerca que circunda a sede. Ao ser questionado o porquê de não ter sido apanhados, uma das associadas disse que foi devido à deficiência dos próprios frutos que não permitiam o consumo. Segundo ela, seria algo que causava o envelhecimento antes de amadurecer. Ainda no referente dia, a mesma associada contou durante a reunião a história de uma menina que colheu os maracujás que estavam na cerca mencionada:

Ela pediu para levar embora e eu disse que só podia se fosse para vender. A gente incentiva as pessoas irem para a feira trabalhar. E ela disse que vendeu, (E5).

Embora considerando os frutos não colhidos uma situação particular, na frente da sede próxima a residência vizinha estavam no chão outros maracujás, mas estes possuíam vigor com a aparência de terem caído há pouco tempo. Provados três deles in natura com gelo e, é claro, com açúcar, foi possível constatar que estavam bem saborosos sem revelar nenhum problema. Não obstante a casualidade das situações, em outra vivência particular houve o convite para um almoço e foi pronunciada a compra de refrigerante. Apesar da impossibilidade para a participação que inviabilizou a investigação in loco, em entrevista realizada após, a interrogada disse que também consome suco, sendo a sua preferência e a de seus pais. Mas, a de sua irmã de 25 anos e das crianças, a inclinação por refrigerante e comidas industrializadas.

Poucos dias após o episódio dos maracujás, o extensionista rural responsável pelo local relatou que ocorreu uma festa⁵⁷ em comemoração ao Dia das Mães na sede da APUOCA e que houve tanto refrigerante que sobrou:

E eu estive andando aos arredores e vi que logo abaixo da associação tem três pés de goiaba parecendo uma árvore de natal de tanto fruto, muitos estavam maduros e já no chão. Subi a ladeira, retornei para a sede e disse rapaz as goiabeiras estão carregadas e a resposta que ouvi foi, eu vi só agora. A época é de cajá e goiaba, e o que eu mais falo é para fazerem poupa, é simples de fazer, eu ensino, mas não ligam. (ER).

De acordo Castro (2008), a rejeição aos alimentos nativos decorre da influência cultural que as pessoas envolvidas com a cana-de-açúcar sofreram, pois apesar de Gilberto Freire ter afirmado que o escravo da cana era bem alimentado sob o manto de melhor desempenho para o trabalho, na realidade os cultivos diversificados ficavam reservados aos senhorios e às suas famílias. Para afasta-los de sua comida, criavam superstições. Segundo o autor, a dieta da “bagaceira⁵⁸” resultou na carência de valorização das diversificações e na deficiência no consumo de nutrientes que, conseqüentemente, afetou à saúde.

acompanhar o ritmo muscular do trabalhador das regiões de melhor alimentação do Sul do país. Ou mesmo dos habitantes da zona do sertão. O sertanejo sempre se sentiu superior ao brejeiro, tachando-o de preguiçoso, pela pequena capacidade de trabalho (CASTRO, 2008, p. 127).

Assim, torna-se evidente os desafios para a transição da monocultura da cana-de-açúcar para a agricultura familiar, pois o embate não está apenas nas práticas produtivas, mas essencialmente nos modos de vida da cultura local.

A monocultura de cana-de-açúcar, na forma em que está estruturada, malgrado as riquezas que gera, contribui intensa e negativamente para o desequilíbrio social e alimentar das populações do Nordeste (CASTRO, 2008, p. 151).

A questão põe a prova o culto à agricultura familiar da subsistência à geração de renda, sendo o desafio para a ATER que esforça-se em trabalhar para a compreensão dos cultivos diversificados como meio de contribuição para o meio ambiente e à soberania alimentar⁵⁹.

⁵⁷Evento realizado em maio de 2018.

⁵⁸Termo que se refere aos bagaços da cana-de-açúcar, que passaram pelo processo de moagem.

⁵⁹De acordo com Stedile e Carvalho (2012), o conceito expressa o direito aos “alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentício e produtivo. Isto coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no coração dos

2.2 UMA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL NECESSÁRIA

A Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) é uma conquista alcançada para o direito ao acesso ao conhecimento, à tecnologia e outras informações pertinentes à inclusão de famílias agricultoras na cadeia produtiva, cabendo salientar que o seu surgimento decorreu da oposição à Extensão Rural⁶⁰ que chegou ao Brasil para a impulsão da Revolução Verde.

No final da ditadura, quando houve a possibilidade de articulações para a inclusão social no meio rural, a Empresa Brasileira de Assistência Técnica (Embrater) assumiu novas diretrizes de política no campo, mas apesar dos esforços devido à inabilidade obteve a curta atuação, de 1986 a 1990. Na década seguinte, com os agravos dos impactos socioambientais, suscitaram as discussões sobre o serviço estatal na organização de políticas públicas rurais, na virada do milênio. Quando em 2004, com o governo de Partido dos Trabalhadores, foi criado o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) que deu início à Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER).

De acordo com Caporal (2014), a PNATER contou com a participação de vários setores da sociedade e, mesmo tendo ocorrido discordâncias em determinadas perspectivas, sobressaiu-se como processo de educação não formal⁶¹ para o apoio às famílias do campo. Nesse sentido, a Assistência Técnica e Extensão Rural pode ser percebida como o compromisso que supera os afazeres profissionais, e caminha para a militância de animação da população sujeitada pelos processos desenvolvimentistas para as ações participativas. Possibilitado pela primeira vez o espaço para o debate agroecológico não reduzido a um tipo de agricultura, mas ampliado à:

ciência multidisciplinar, do campo do “pensamento complexo”, o que determina a existência de diversas bases conceituais, quando se busca definir o que é a Agroecologia (CAPORAL, 2015, p. 279).

Para Alexandre Pires e Irenilda Lima (2012), a agroecologia é entendida por seis dimensões: ecológica, social, cultural, econômica, política e ética. Âmbitos que demonstram as dificuldades para a compreensão em áreas de engenho, onde os modos de vida são influenciados pelo agronegócio. Tanto que, de acordo com o extensionista rural do IPA que presta serviços em

sistemas e políticas alimentárias, por cima das exigências dos mercados e das empresas. (Fórum Mundial pela Soberania Alimentar, 2007)”.

⁶⁰Conforme Ramos, Lima e Maciel (2012), a Extensão Rural surgiu no Brasil de forma institucionalizada “por volta de 1930 com a Semana do Fazendeiro, instituída pela Escola Superior de Agricultura de Viçosa, em Minas Gerais”.

⁶¹De acordo com Gohn (2006), o conceito corresponde às práticas educativas para a inclusão social em dimensão política dos direitos de indivíduos para o protagonismo nas organizações comunitárias e reflexão.

Araçoiaba há mais de uma década, a ATER ainda não pôde abordar a agroecologia na APUOCA devido à associação não ter o acúmulo de discussões necessárias:

a agricultura familiar já é uma luta com muitos impasses. Estamos falando de posturas diante da vida, da impregnação da monocultura e do uso de venenos. Cultivar sem os agrotóxicos não é agroecologia, e sim plantação orgânica. Então, não dá para falar em agroecologia agora se ainda estamos na fase de combate ao uso de veneno e a necessidade da postura associativista que, infelizmente, ainda é pouco assimilada aqui, (ER).

A Assistência Técnica e Extensão Rural na APUOCA enfrenta deficiência, inclusive, pela falta de incorporação das ações comunitárias: “ultimamente na associação eu tenho adotado outras estratégias para ver se começam a se mobilizar sozinhos, pois o IPA tem feito o que pode, mas eles precisam alcançar a autonomia”, expôs o extensionista. Flores (2002), ao elucidar sobre a ATER e a agricultura familiar, salientou a perspicácia para as mudanças:

(...) desafios colocados para viabilizar a competitividade da agricultura familiar exigem uma formação mais complexa para a assistência técnica, baseada em áreas de conhecimento que transcendem à formação tradicional, seja de agrônomos ou veterinários, diferentes especializações que nem sempre se encontram em organizações de assistência técnica (FLORES, 2002, p. 358).

Ainda de acordo com o autor, além da postura transdisciplinar que a função exige, outro fator recai sobre o desempenho da Assistência Técnica e Extensão Rural, o plano político da gestão governamental vigente que promove efeitos de impactos diretos sobre o serviço. Na APUOCA, por exemplo, o extensionista disse que modificou sua estratégia de ação devido ao receio da dependência das famílias agricultoras exclusivamente do IPA:

a associação precisa aprender a se articular e buscar meios, não apenas aguardar por nós, não que eu não esteja disponível para ajudar. Mas, se algum dia eu faltar, como ficará a situação? O Brasil está passando por problemas sérios e isso tem afetado o IPA, (ER).

A preocupação do técnico faz sentido com relação ao momento político da atualidade que, conforme o levantamento⁶² do Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Agricultura e Meio Ambiente do Estado de Pernambuco (Sintape), houve a redução em cerca de 30% nos investimentos do IPA a cada ano. Em 2013 eram mais de 111 mil famílias atendidas pela ATER

⁶²Fonte: CBN Recife em 14 maio 2018.

que, em maio de 2018, baixou para menos de 50 mil. Além disso, servidores há quatro anos não têm a reposição salarial, unidades no interior do Estado estão com o aluguel de imóveis e contas básicas atrasadas, veículos insuficientes e empregados arcando com as despesas para manter as atividades.

Quando o serviço de extensão é precarizado, quando o serviço de pesquisa é precarizado, quando o serviço de recursos hídricos é precarizado, a gente tá deixando de assistir quem mais precisa, que é o agricultor e a agricultura familiar. Quando a gente deixa de prestar a assistência técnica e extensão rural, a gente favorece o êxodo rural. O pessoal vem morar as periferias da cidade, contribui na diminuição da associação familiar, o agricultor deixa de ter renda, que tem estudos que mostram que o agricultor quando tem a assistência técnica e extensão rural ele tem uma renda três vezes maior, falou o presidente do Sintape Adailton Melo⁶³.

Em Araçoiaba, os problemas com a infraestrutura para a realização das atividades têm sido constantes, como a falta de manutenção do carro, tinta para a impressora, correção salarial desde 2015 e investimento nas estações experimentais e pesquisa. As despesas com a energia elétrica e o espaço físico para o funcionamento do escritório são ordenadas graças à parceria firmada com a Prefeitura de município, pois o governo estadual não os tem assistido.

Em maio de 2018, houve audiência pública⁶⁴ na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) para debater as dificuldades, a Secretaria de Agricultura foi convocada, mas não enviou representante, tendo a deputada Socorro Pimentel informado que registraria as reivindicações para levar à Secretaria de Agricultura e ao Governo do Estado. A recusa ao diálogo demonstra a rigidez para o exercer da democracia, com a supressão dos direitos civis à participação política. Pois, conforme Flores (2002), discutir o fortalecimento da ATER para a agricultura familiar significa replanejar o modelo de desenvolvimento rural com seus impactos:

A reorganização de um modelo de desenvolvimento requer uma reorganização na matriz institucional que irá proporcionar apoio a este processo. As mudanças de conceitos sobre o espaço físico rural e sobre as atividades rurais, bem como da territorialidade como espaço de criação de novas dinâmicas sociais e econômicas, e o fortalecimento da aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável orientam uma nova demanda por assistência técnica e extensão rural, (FLORES, 2002, p. 347-348).

Em 2016, o Ministério do Desenvolvimento Agrário foi extinto e, apesar de o governo federal informar que não foi abolido e sim fundido ao Ministério do Desenvolvimento Social, o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), Alberto

⁶³Fonte: id. 62.

⁶⁴Fonte: id. 62.

Broch disse⁶⁵ que a agenda da agricultura familiar foi colocada em risco. Dessa maneira, é notório o entrelaçamento da rede do “jogo de poder” e o que implica o desmonte dos mecanismos de empoderamento social. A corrosão das estruturas estruturantes, capazes de inferir nas já estruturadas, é uma forma de controlar o crescimento das racionalidades que questionam as dominantes. Sendo as concessões enxergadas pelas estruturas superiores como renúncias e não como direitos democráticos, o que cabe assim ressaltar a necessidade de defesa à ATER no Brasil como serviço de apoio público gratuito para a formulação de estratégias socioambientais, destinadas ao desenvolvimento rural promulgado pela integração social na superação dos problemas escandalosos da atualidade:

(...) num esforço coletivo direcionado para a construção de (...) projetos de desenvolvimento rural sustentável, culturalmente aceitáveis e capazes de manter e dar estabilidade ao tecido social formado a partir das unidades de produção familiar, ao mesmo tempo em que se busca reduzir os impactos ambientais aos agroecossistemas, produzir alimentos saudáveis e assegurar a geração de mais ocupações e renda no meio rural (CAPORAL, 2015, p. 51).

Frente à realidade globalizada em contexto neoliberal sob tensões e coações, assim como é o rural brasileiro e como surgiu ATER, sob o âmbito de lutas e reivindicações para o direito ao processo educativo crítico às famílias agricultoras e o acesso às políticas públicas, no intuito da inclusão social para o desenvolvimento local.

2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL: PROCESSO DE PROTAGONISMO SOCIAL

Sendo o desenvolvimento local um processo construído por meio de iniciativas cívicas para a reestruturação socioeconômica com a própria identidade regional, percebe-se que o protagonismo social é antecedente às conquistas materializadas. O que poderia assim enunciar uma reação de perspectivas dialógicas de formulação inversa ao polo da centralização do poder, ou seja, de resposta à globalização em busca de condições para relacionar-se com as estruturas dominantes.

De acordo com Buarque (1999), quanto maiores as articulações dos projetos coletivos para atuarem em torno do local com o global, maior a autonomia. É claro que sem desconsiderar a competitividade naturalmente presente, mas com a valorização da criticidade como recurso humano para o acesso às informações e negociação.

⁶⁵Fonte: revista Globo Rural, em 13 mai. 2016.

A sociedade brasileira não tem dado a devida atenção a um processo molecular – incipiente, é verdade – de tomada de consciência e de organização que pode abrir o caminho para uma relação com o seu meio rural. A proliferação de Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural, a montagem de centenas de Secretarias Municipais de Agricultura, a pressão social sobre os recursos dos Fundos Constitucionais e sobre a própria política agrícola, a experiência de construção dos assentamentos e um esforço inédito de formação dos agricultores para o exercício da cidadania por parte das próprias organizações que os representam fazem parte de um movimento que o País mal conhece e, conseqüentemente, não valoriza (ABRAMOVAY, 2000).

Quer dizer, mesmo com a disponibilidade de meios de ordens negociáveis, sem os processos educativos para lidar com as ferramentas, os mecanismos são pouco ou quase nada proveitosos. Nesse sentido, conforme Abramovay (2000), o capital social manifesta-se como elemento-chave de apropriação do poder para diálogo com as estruturas dominantes:

O capital social, nesse sentido, é produtivo, já que ele torna possível que se alcancem objetivos que não seriam atingidos na sua ausência. Quando, por exemplo, agricultores formam um fundo de aval que lhes permite acesso a recursos bancários que, individualmente lhes seriam negados, as relações de confiança entre eles e com os próprios bancos podem ser consideradas como um ativo social capaz de propiciar geração de renda (ABRAMOVAY, 2000).

Ou seja, o processo de protagonismo social é elementar para os avanços do desenvolvimento local, orientado inclusive pelas ações de parceria, companheirismo, responsabilidades mútuas, participação e cooperação para o objetivo em comum. Preceitos que não são nada comuns em regiões de gênese domesticada pelo capitalismo. Na APUOCA, por exemplo, foram detectadas debilidades para união na associação mesmo com as reuniões mensais realizadas fielmente.

Durante o período dessa pesquisa, não foi constada nenhuma omissão às assembleias, quando ocorrida alguma dificuldade devido ao excesso de chuva que prejudicava a estrada de acesso à sede ou feriados, as datas eram transferidas para outros dias sem comprometer a agenda. Porém, apesar do cumprimento por parte da diretoria da associação, foi verificada a omissão pelo corpo associado. Além de faltas constantes às reuniões, os próprios testemunhos revelaram a não incorporação do associativismo: “venho à reunião para rever as pessoas, acho bom se encontrar”; “eu gosto das reuniões, eu venho para saber o que estão falando e contar para o meu marido que não pode vir”; “a gente aprende com eles falando, eu gosto, mas não tenho interesse em plantar nada”; “é bom, mas eu não gosto de falar”, foram alguns dos depoimentos colhidos.

As deficiências para o protagonismo social no Engenho Vinagre têm desafiado a ATER que, por sua vez, arrisca estratégias para incentivar o engajamento político. Num primeiro momento marcadas por cerca de oito anos, quando houve as ações em torno da construção e estruturação da sede, além da organização da documentação, instrução para o funcionamento e cursos. E no segundo, assinalado pelos últimos dois anos, quando ocorreu o sutil afastamento do extensionista rural para o acompanhamento indireto na tentativa de incentivo às iniciativas autônomas por parte da própria APUOCA.

De acordo com Viveiros (2010), o processo de ações reinventadas para a conquista da cidadania faz parte do procedimento da Animação Sociocultural, que seus agentes têm que criar mecanismos de consciência da realidade para o protagonismo democrático. Portanto, as suas ações são de intervenção comunitária, no sentido de promover a educação crítica:

Os Animadores Socioculturais têm que assumir uma posição de ruptura com o pensamento homogêneo e açambarcador da consciência crítica face às realidades sociais. A Animação como metodologia de intervenção em múltiplos contextos da vida comunitária assume novos protagonismos, nomeadamente, no domínio da educação para a cidadania activa. É responsabilidade dos agentes da mudança a (re) afirmação da Animação Sociocultural, enquanto, estratégia de intervenção que extrapole um conjunto de práticas sociais, culturais e educativas, dinamizadoras da vida comunitária e do próprio processo de envolvimento participativo das gentes nos projectos de desenvolvimento comunitário e sociocultural. (VIVEIROS, 2010).

Entendimento que nos leva à compreensão de Freire (1988) ao negar o termo extensão à conotação da difusão, ou seja, a propagação do que poderia ser tratado pela comunicação na acepção da construção dos saberes dialogicizados. Promulgando caminhos para o associativismo em seu caráter participativo para o desenvolvimento local, do povo para o próprio povo conhecedor de suas realidades sentidas na pele.

De acordo com Maria Luiza Pires, “o cooperativismo enquanto processo social é um movimento de natureza histórica cuja origem se aproxima de outras formas de organização de classe trabalhadora e que se atualiza pelas mudanças” (PIRES, 2004, p. 73), portanto sendo o local um espaço de disputas e em constantes transformações, ancora-se o seu desenvolvimento em toda a sua complexidade que é vinculado ao comportamento daqueles que o constitui.

Apesar de a autora se referir à cooperativa, a referência à reflexão neste estudo é ao comportamento associativo que, no embate com as forças externas ao núcleo comunitário, aplaca a importância da gestão da APUOCA inclusive de ordem comunicativa com a prefeitura e o Estado que a governa, através de suas experiências políticas construídas no interior do organismo comunitário. Uma vez que, conforme Francisco Oliveira (2001), não se pode pensar

o desenvolvimento local a partir de uma noção paradigmática visto que, por comportar tantas dimensões que a cidadania exerce, constitui-se pela participação e representatividade democrática. Por sua vez, intrínseca ao protagonismo social que é relacionado às ações comunicativas.

2.4 DESVELANDO OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS

Pensar a comunicação como meio para a emancipação dos sujeitos requer peregrinar sobre a construção do conhecimento fundamentado pelas estruturas de dominação, seja através das instituições educacionais, políticas ou midiáticas. As restrições de mecanismos que possibilitam experiências para as transformações impedem o ciclo dinâmico natural da comunicação que, por sua vez, consiste no compartilhamento de informações pelas relações sociais.

Serra (2003), ao suscitar Kant, compreendeu que o sentido da informação não está nela em si, visto que a mesma é revelada através dos códigos de mensagens da cultura integrante. A partir do filósofo, o autor concebeu o sentido no grupo que a distingue, ou seja, que tem a “chave” da mensagem. Dessa maneira, estando o sentido no núcleo social, ainda em Kant, interessa perceber as novas experiências criadas por meio de instruções provenientes de conhecimentos gerais, que são diferentes do histórico adquirido pelos sujeitos como algo aprendido pela narração de alguém.

Derivando, portanto, o “poder de imitação” do “conhecimento racional”, que tem como fonte a própria razão do sujeito demonstrada em relação ao todo aprendido com a possibilidade “de criticar e mesmo de rejeitar o que se aprendeu” (SERRA, 2003, p. 96), ou seja, instaurando o “poder de invenção”. Concernindo a comunicação à expressão de ideias elaboradas pelo conhecimento proveniente da ação social, entende-se a sua relação indissociável da cultura, visto que:

não é somente transmissão, é também recepção e resposta. Numa cultura em transição, é possível que a transmissão desempenhe um papel decisivo, podendo, se convenientemente, orientada, afetar padrões de conduta e mesmo as crenças vigentes (SÁ MARTINO, 2005, p. 28).

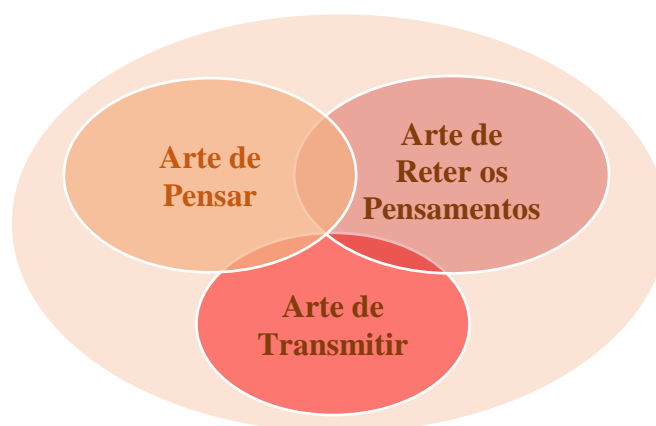
Dessa maneira, sendo regida pelas manifestações culturais, “o caminho de qualquer estudo sobre comunicação é incerto. Mais do que qualquer outra, a Comunicação é uma ciência aberta – e o chamá-la de ciência, por si só, já é uma imprecisão” (SÁ MARTINO, 2005, p. 77) que ainda envolve as relações de poder, por vezes de maneira sutil de controle através da manutenção da racionalidade hegemônica, determinada pelo “corpo de saberes em trânsito em

uma sociedade (...) normatizando a ação (...) em ações no cotidiano” (SÁ MARTINO, 2005, p. 72). Platão, quando aclarou a busca da verdade pelo caminho da educação, expôs a necessidade da criticidade à interlocução para a construção do próprio sentido mediante às informações adquiridas:

(...) regressar aos termos do “problema de Platão” e à sua perspectiva de que a “educação” é a condição indispensável para que a informação, escrita mas não só, (...) possa tornar se conhecimento. (...) pelo menos na prática, por “educação” não entende o filósofo grego a transmissão de um qualquer “saber” ou mesmo de uma qualquer “orientação prática”, mas antes a relação irónico-maiêutica do mestre com o discípulo que pode permitir, a este, encontrar o conhecimento no silêncio da sua alma. Note-se mais uma vez que Platão não exclui a informação deste processo – só não o quer ver reduzido a ela; a informação poderá funcionar aqui não como um fim mas como o meio que verdadeiramente é. O diálogo representa precisamente a recusa da “comunicação” - no sentido da transmissão mais ou menos clara e autoritária de uma “doutrina” ou de um “saber” - para a substituir pelo “fazer pressentir”, pela alusão mais ou menos críptica que exige, da parte do “educando”, um esforço próprio e pessoal de descoberta (SERRA, 2003, p. 362).

Assim, percebida a interlocução como parte essencial do processo educativo, conforme Serra (2011) entende-se o procedimento comunicante pelo circuito de ideias predestinadas às novas descobertas, através da interação social para a reorganização das próprias lógicas, não como meio de apenas uma via em efeito transmissivo. Dessa maneira, ocorre o ciclo da ação comunicativa da seguinte forma:

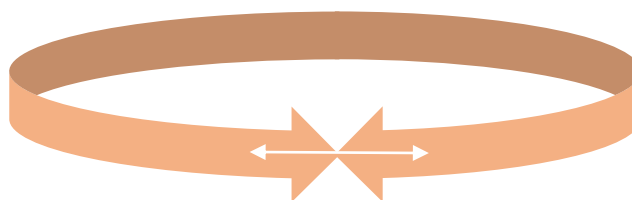
Figura 12 - Ciclo da ação comunicativa suscitado por Serra.



Fonte: Dias (2017).

De acordo com o autor, a Arte de Pensar, Arte de Reter os Pensamentos e Arte de Transmitir são integrantes e contecem em processo de realimentação de forma contínua e permanente.

Figura 13 - Perspectiva circular da comunicação.



Fonte: Dias (2017).

Nesse sentido, sendo a comunicação formada pelo fluxo de mensagens dissonantes de maneira circular, cabe a reflexão sobre o processo passível de reorientação neste circuito que explicita o “jogo de poder” para a disputa do domínio do juízo, destinado à formação de verdades “seguras” para a preservação da ordem social estabelecida. O que convém enaltecer o desprezo à comunicação dialógica que restaura as ações participativas em cultivo das ideias de caráter associativo a serviço do bem comum. A obstrução do fluxo informativo para as novas significações da realidade é uma questão que, de acordo com a teoria da complexidade⁶⁶ de Morin (2002), apresenta-se pelo pensamento simplificado e por sua consequência ilustrada pela eminente crise planetária.

Os problemas socioambientais que habitam na necessidade da atuação cidadã exigem o combate aos entendimentos reducionistas, sendo de extrema necessidade a racionalidade crítica para a criação de métodos que abarquem a articulação social para a discussão sobre as reformas estruturais dos micros aos macros espaços. Nessa esteira, com a imprescindível necessidade da comunicação dialógica que, de acordo com Freire (1988), pode promover os diálogos sem “a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1988, p. 69).

O que ainda concerne à elucidação de Bourdieu (1989) sobre a atenção aos pormenores procedimentos cuja dimensão é propriamente social, para se ir além de instrumentos técnicos: “torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo realista” (BOURDIEU, 1989, p. 27). Combater a racionalidade de dominação requer formulações integradoras de grupos de menor expressão política, oprimidos pelo capital, diferente do discurso capitalista de meritocracia para

⁶⁶A teoria da complexidade de Morin consiste na defesa do pensamento sistêmico para romper com as barreiras que segmentam os estudos. Sendo valorizada a noção de multiplicidade e diversidade interligadas para as formulações sobre a vida e condição humana.

eximir-se de seu próprio papel no núcleo social, que importa ressaltar a falta de apoio ao empoderamento dos marginalizados:

A partir do momento em que as subculturas reprimidas tomam consciências de suas tradições específicas e uma cultura supostamente homogênea dá lugar a uma sociedade cada vez mais “multicultural” (...), as pressões de adaptação tendem pelo menos a uma certa separação entre cultura política e a cultura majoritária. (HABERMAS, 2004, p. 36).

Ou seja, de acordo com o autor, o consentimento à pluralidade provê condições para a participação social pelo reconhecimento cultural, mesmo que ainda sob efeitos estreitos no campo de fala, mas com a possibilidade de progredir e assegurar os direitos civis democráticos. A percepção de Habermas defende a ideia da descentralização do ego para o modelo dialógico sustentado pela “ética da discussão” que, para ele:

(...) quando tomamos consciência de que a história e a cultura são as fontes de uma imensa variedade de formas simbólicas, bem como da especificidade das identidades individuais e coletivas, percebemos também, pelo mesmo ato, o tamanho do desafio representado (HABERMAS, 2004, p.9).

Desafio esse que, considerando a comunicação o mecanismo para a vida social, compreende-se a sua conjugação à ciência híbrida pelo permanente processo de estruturação sujeita às sensibilidades humanas, que reverberam no comportamento social. Sua dimensão ultrapassa os estudos sobre a capacidade cognitiva para o ato de entender e fazer-se entender, chegando ao campo de poder em sua perspectiva da dominação de sentidos. Nesse raciocínio, compete à comunicação um conjunto de práticas para a reação aos procedimentos de domesticação, mediadas pelas mensagens como instrumentos de construção de saberes, assim com Gramsci (1995) desvendou o seu sentido pela cultura, em amplitude da reflexão cartesiana.

(...) a tarefa humana de educar os cérebros para pensar de modo claro, seguro e pessoal, libertando-o das névoas e do caos nos quais uma cultura inorgânica, pretensiosa e confucionista ameaçava submergi-lo, graças a leituras mal absorvidas, conferências mais brilhantes do que sólidas, conversações e discussões sem conteúdo: “Um jovem de intelecto agudo e vivo, desprovido de uma sólida preparação, não tem mais a apresentar do que um acervo de idéias, ora verdadeiras ora falsas, que têm para ele o mesmo valor. Possui um certo número de doutrinas e fatos, mas descozidos e dispersos, não tendo princípios em torno dos quais coletá-los e situá-los. (...) propõe mil questões às quais ninguém saberia responder; mas, entretantes, nutre a mais alta opinião sobre si e se irrita com os que discordam dele (GRAMSCI, 1995, p. 145).

O raciocínio em objeção ao isolamento evidencia a necessidade da consideração dos elementos que compõe o todo, o que para a análise das ações comunicativas há relação com a

cultura. Sendo, conforme José Marques de Melo (2008), o caminho que a Folkcomunicação⁶⁷ percorreu para evidenciar os atos comunicativos dos marginalizados, a partir da década de 90 devido aos agravos da exclusão social no campo⁶⁸ marcados pelas recessões do governo Collor. De acordo com Eliana Ramos, Irenilda Lima e Betânia Maciel (2012), os relatos etnográficos de diversas pesquisas científicas manifestaram as narrativas populares com observações empírica de sujeitos conscientes dos signos e das subjetividades do mundo.

Grupos de manifestações populares como os folgedos, por exemplo, têm revelado⁶⁹ o conhecimento para tratar com a mídia e usufruir das apresentações públicas como forma de preservação da arte e geração de renda. A valorização dos saberes plurais possibilita a compreensão dos “ruídos” da comunicação e, mesmo essa noção já tendo sido absorvida pela indústria cultural⁷⁰, que trabalha na captação de sentidos populares para os transvestir em seus próprios interesses e os submeter à novas interpretações, grupos e artistas populares têm demonstrado a sensibilidade para compreender os seus artifícios e relacionar-se com eles. O Movimento Canavial⁷¹, nascido na Zona da Mata de Pernambuco, é um exemplo. Com cerca de 52 produtores culturais, trabalha como uma rede para conferências e festivais, dentre outras ações abrindo o espaço para aqueles que sempre estiveram ofuscados dos holofotes.

É a comunicação que acontece semelhante ao ecossistema⁷² através de sua multigama variada de código base e eco-organização que mesmo sob interferências, destruições e recomposições, dilata os campos para a transmutação. A internet é a mais clara amostra das possibilidades criativas, embora não se possa creditar a sua totalidade no sentido dialógico almejado, mas com o seu merecido valor como mecanismos de interlocução que chama para a

⁶⁷Conforme Melo (2008), a disciplina fundada por Luiz Beltrão (1918-1986) tem o objetivo de estudar os agentes e meios populares de informação dos fatos e expressão de ideias ocultadas que, de acordo com Maciel (2011), compreende a luta pela valorização das culturas populares como forma de resistência.

⁶⁸Segundo Tauk Santos (1998), o período evidenciou as consequências negativas socioambientais do processo de globalização da economia e do incremento das políticas neoliberais.

⁶⁹Estudos de Tauk Santos (2010) artistas populares têm apresentado o empoderamento. Por exemplo, o mestre Salustiano, conhecido por Salu, que tocou a sua rabeca no exterior em vários Estados do Brasil. Tendo estudado até a quarta série primária, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Pernambuco. Mesmo após a sua morte, a sua família mantém o legado artístico como forma de resistência cultural e econômica.

⁷⁰Entendida a partir de Bourdieu (2011) pelo conjunto de medidas que funciona para a produção e circulação de uma ordem social para o consumo cultural. Assim, representada por diversos produtos culturais como novelas, filmes, músicas, programas televisivos e de rádios, revistas, portais de notícias, etc.

⁷¹De acordo com Ernandes Luíz Tavares Silva (2018), o movimento canavial foi criado pelo produtor cultural Afonso Oliveira, em 2006, e envolve variadas artes da cultura local como dança, artesanato e música de grupos de caboclinhos, maracatu rural, ciranda, etc.

⁷²De acordo com Morin (2002), o ecossistema compreende não apenas a existência de diversas vidas em sistema conjunto, mas também assimila a eco-organização que une todas elas em conexões de dependência estrutural na biosfera, sendo a complexidade da vida uma ordem operacional de grande complementaridade.

responsabilidade “do sujeito do próprio eu” para o poder na horizontalidade, assim como Foucault (1979) refletiu sobre:

O poder (...) que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. (...) O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (...). Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 1989, p. 103).

Nessa ótica, proclama-se o próprio esforço para proeza de assentir os outros como extensão de nós para o diálogo ideal, sendo justamente esse o maior desafio, o da conquista do poder da autoconsciência que nos libertará acima de tudo de nossas pseudo-informações limitadas em nós mesmos. Princípio que além de restringir as mudanças por melhorias na esfera individual interfere em todo coletivo interligado pelas mais íntimas complementaridades, do mesmo modo como Morin (2002) compreendeu as conexões das estruturas do ecossistema, também as dependências nas relações humanas do sistema entrelaçado pelas estruturas sociais.

A desarticulação comunicacional das instituições responsáveis pelo corpo coletivo infere na desestruturação de iniciativas autônomas, circundando a perspectiva comunicacional do coletivo para o individual, assim como do individual para o coletivo. Em Araçoiaba, por exemplo, há a existência de grupos de maracatu rural, dentre eles o centenário Cambindinha⁷³, mas nenhum possui a articulação com o Movimento Canavial para a realização de projetos independentes advindos da organização popular. Revelando a carência das interações dialógicas para o empoderamento social não apenas no Engenho Vinagre, mas no próprio município.

⁷³Apesar de nascido em Nazaré da Mata, é estabelecido em Araçoiaba há mais de sessenta anos.

3 CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Caracterizada por qualitativa, a pesquisa investigou a comunicação desenvolvida na APUOCA pela ATER como objetivo geral. E as ressignificações socioespaciais do monocultivo da cana-de-açúcar para a agricultura familiar como objetivos específicos, a partir da identificação das práticas sociais: a. identificação das manifestações concretas e as simbólicas de cada sujeito de pesquisa; b. contraste de ambas as manifestações para a apuração da presença de criticidade; c. análise das ações da associação a partir da observação de cada sujeito pesquisado. Foi adotada a verificação individual das pessoas componentes da associação devido à percepção da falta de protagonismo do grupo associado.

Assim, pela perspectiva sistêmica, buscou-se o amparo no estudo de caso por Yin (2001) compreendido pelo conjunto operacional de medidas capazes de coletar dados, inclusive julgados subjetivos.

O projeto holístico é vantajoso quando não é possível identificar nenhuma subunidade lógica e quando a teoria em questão subjacente ao estudo de caso é ela própria de natureza holística. Surgem problemas em potencial, no entanto, quando a abordagem global permite que o pesquisador deixe de examinar qualquer fenômeno específico em detalhes operacionais. Outro problema típico com o projeto holístico é que o estudo de caso por inteiro pode ser conduzido em um nível abstrato, desprovido de dados ou medidas claras (YIN, 2001, p. 65).

Nesse sentido, para o procedimento claro científico, a comunicação dos sujeitos contemporâneos foi associada ao contexto de vida interlaçada pelos fenômenos seculares de opressão capitalista, com o estudo de caso para a investigação dos eventos comportamentais:

(...) no pensamento metodológico americano, Platt (1992a) explica (...) a origem das práticas de realização de estudos de caso na condução de histórias de vida, no trabalho da escola Chicago de sociologia e nos estudos das circunstâncias pessoais de famílias e indivíduos no trabalho social (YIN, 2001, p. 31).

A complexidade do real sob os numerosos aspectos essenciais para a investigação da associação contemplou as próprias interpretações dos sujeitos pesquisados sobre realidade vivida. Incluindo, a observação de seus comportamentos como elementos informativos de suas subjetividades relacionadas às práticas de vida com o trabalho. Por julga-se pertinente e útil à sociedade este estudo, devido às ressignificações socioespaciais propostas para os locais

sujeitados pela hegemonia política, econômica e cultural, foram evidenciadas as ações de sobrevivência em território repleto de desafios não apenas de ordem econômica, mas também de salubridade e reconhecimento social, submersos em problemática historicamente estabelecida pelo mercado internacional. Assim como Laville e Dionne (1999) entenderam como necessária a explicação da relação do problema estudado com as metodologias.

Nesse sentido, foram realizadas observações participativas durante as reuniões gerais da associação, além da realização de entrevistas semiestruturadas⁷⁴ às pessoas associadas e ao extensionista rural do IPA. A coleta de dados, destinada ao levantamento de informações sobre as melhorias socioambientais no Engenho Vinagre, tiveram como princípio vital a identificação de conquistas através do empoderamento social. Sendo as atividades analisadas tanto no grupo associativo, quanto no núcleo familiar.

3.2 UNIVERSO PESQUISADO: APUOCA

A história da APUOCA iniciou em 2005 através de um projeto da Organização Não Governamental (ONG) Mais Vida, financiado pela empresa multinacional britânica-neerlandesa UNILEVER, após a divulgação do alto índice de mortalidade infantil em Araçoiaba, tendo sido comparado ao ocorrido no sertão mesmo estando a 40 km da capital pernambucana. No Engenho Vinagre foram promovidas oficinas para o cultivo de urucum como alternativa à produção de cana-de-açúcar, no intuito de atender ao mercado alimentício da empresa patrocinadora. Mas, por seguirem a mesma racionalidade canavieira com os princípios da monocultura, os problemas apareceram não apenas de ordem técnica com a manufatura, mas principalmente de gestão para lidar com apenas um produto em comercialização. De acordo com o extensionista rural do IPA, os lucros alcançados não compensavam o tempo gasto com o trabalho para o plantio e beneficiamento do produto para a venda. Assim, após as atividades perdurarem por cerca de dois anos, as dificuldades abateram as pessoas participantes, tendo ocorrido a evasão no projeto.

Em 2008, com a chegada do IPA para a realização da ATER, o grupo voltou a reunir-se tendo oficializado a associação em ata registrada no cartório de Igarassu, no dia 25 de junho do mesmo ano, com o intuito de promover o urucum além de outros cultivos diversificados. Sem sede, as reuniões eram realizadas no quintal de uma das associadas em meio aos improvisos,

⁷⁴O roteiro das entrevistas semiestruturadas pode ser verificado na página 104.

em conversa informal chegaram a relatar os infortúnios que enfrentaram, puxando o banco que sentavam para esquivar-se do sol conforme mudava a direção.

Após quase dois anos da elaboração do estatuto, a obra para a sede foi iniciada no final de 2009 tendo sido concluída em 2016. O período prolongado foi por causa da falta de materiais e ajuda para a mão de obra, pois a construção dependeu do trabalho quase que exclusivo do proprietário do terreno, que era o presidente da associação na época. Mesmo com eventuais colaborações de seus familiares e de pessoas associadas, cerca de 70% do labor foi individual.

Sem ocorrer a arrecadação de capital proveniente de mensalidades do corpo associativo e nem de ações coletivas para angariar fundos, os recursos surgiram da articulação do extensionista rural com a prefeitura, um deputado estadual, um sócio benemérito, além de empresários locais. Incluindo, uma cooperativa que havia falido e doou uma mesa de inox e uma seladora de plástico para embalagens.

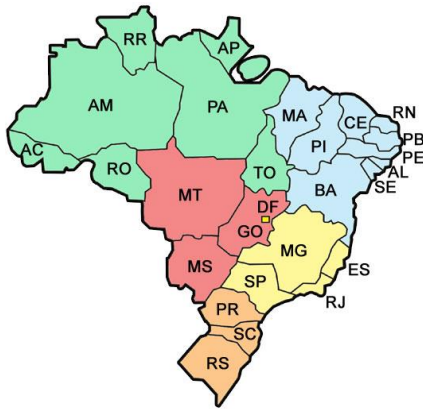
Figura 14 - Sede da APUOCA.



Fonte: Dias (2017).

O imóvel com cerca de 70m² possui cinco cômodos: sala que funciona como escritório e para o atendimento médico, espaço para reuniões, banheiro, cozinha equipada e outro pequeno ambiente que está desativado, mas que possui a pretensão de servir no futuro para a acomodação das crianças ou para o banco de sementes crioulas, segundo relatos mencionados durante as reuniões acompanhadas.

Figura 15 - Mapa do Brasil.



Google.

Figura 16 - Mapa do Brasil



Fonte: Esboço Wikipédia (2012) e marcações por Dias (2017).

RMR: Região Metropolitana do Recife

Figura 17 - Mapa da RMR.



Fonte: IBGE (2016).

Figura 18 - Mapa de Araçoiaba.



Fonte: Google Maps (2018) e marcação do Engenho Vinagre por Dias (2018).

A atual gestão da APUOCA é presidida por uma mulher, que está no terceiro ano do seu primeiro mandato, sendo a sua gestão apoiada pela colaboração íntegra da secretária. A vice-presidência é ocupada por um homem que já foi presidente nas duas gestões anteriores, mas

que se mantém como colaborador sem maiores interferências na administração regida. Na APUOCA estão associadas 48 pessoas, mas o número de pessoas frequentadoras é muito maior, já que na sede ocorrem atendimentos médicos a cada quinze dias.

3.3 SUJEITOS PESQUISADOS

3.3.1 Pessoas associadas à APUOCA

Estão associadas à APUOCA 37 mulheres e 11 homens, com a grande maioria formada pelo gênero feminino, cerca de 70%, e idades entre 25 a 50 anos, sendo o masculino de faixa etária mais velha acima de 45. O perfil das mulheres foi traçado por esposas com filhos, dedicadas ao trabalho no lar⁷⁵ com a exceção de duas entrevistadas que desenvolvem trabalho remunerado. Contudo, a maioria delas não possui envolvimento direto com a cana-de-açúcar, ou seja, não trabalham no monocultivo. Já o dos homens é generalizado por pais de família, prestadores de algum tipo serviço à usina.

O vínculo dessas pessoas com a monocultura apresentou-se por gênese familiar, com a relação de forma contínua ou temporária durante o período da colheita. Já o envolvimento com o cultivo diversificado foi revelado de maneira exclusiva pela subsistência, por todas elas sem restrição. Com relação ao nível educacional, percebeu-se a maior graduação nas mais jovens com o ensino médio completo. De forma predominante, informaram ser alfabetizadas, com exceção de uma única com idade superior aos 50 anos. Contudo, essa apresentou-se sem intimidação, revelando autoconfiança ao expor a opinião nas reuniões.

3.3.2 Técnico de assistência técnica e extensão rural do IPA

Desde que o IPA iniciou a ATER em Araçoiaba mantém o mesmo técnico responsável pelo município, ou seja, há uma década. Com o ofício de atender 150 famílias rurais com pelo

⁷⁵É importante salientar que, apesar deste estudo contrastar o trabalho do lar com o remunerado, não ignora a importância das atividades domésticas como suporte para que as outras pessoas integrantes da família possam dedicar-se à geração de renda. Assim, também considerado o seu vínculo com a obtenção financeira. A diferenciação é apenas para informar como funcionam as práticas sociais do cotidiano no Engenho Vinagre. Esta pesquisa científica não identifica o protagonismo social apenas pelas ações de aquisição de capital econômico, mas também pelas iniciativas autônomas advindas da criticidade como, por exemplo, a mãe de família com gênese canavieira que plantou morangos no Engenho Vinagre por decisão própria (vide p.76).

menos três visitas ao ano conforme as diretrizes governamentais do instituto, o extensionista rural disse que o número de atendimento pode aumentar de acordo com o cultivo realizado pela família, pois o diversificado requer maiores cuidados, como o controle de pragas.

Embora constatado o cumprimento de suas funções profissionais, foi percebido que as suas contribuições no Engenho Vinagre foram além do exigido pelo regulamento, sendo percebida de fundamental importância a sua participação no desenvolvimento da APUOCA desde que ressurgiu em 2008. Aos 41 anos de idade, ele possui o nível técnico pelo Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI)⁷⁶, tendo trabalhado no Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá que é uma ONG dedicada ao fomento da agricultura familiar com os princípios agroecológicos, o que evidenciou o perfil do profissional incentivado sobretudo pela conscientização política.

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Após a sistematização das informações em duas categorias, *Manifestações Concretas* e *Manifestações Simbólicas* (vide apêndice 2, página 103), a análise de conteúdo foi realizada a partir das concepções de Bardin (1977) que compreendeu como a procura daquilo que “está por trás das palavras”, mas de maneira diferente da linguística que é voltada para o estudo da “língua para descrever o seu funcionamento”. Assim, a investigação “de outras realidades através das mensagens” foi realizada com a valorização da particularidade humana de cada sujeito diante de suas próprias experimentações, ou seja, sem ignorar os diferentes comportamentos mesmo estando inseridos num único grupo. Já que a compreensão dos processos comunicacionais, no sentido dialógico, valoriza a individualidade do outro como parte integrante das práticas sociais coletivas.

Dessa maneira, foram verificadas as condutas de sentido conforme as dificuldades inerentes ao local ancorado, em contexto de desafios impostos pela monocultura canavieira que não são apenas materiais, mas também simbólicos pela construção do mundo histórico-cultural, que promoveu a baixa capacidade de reação de seus sujeitos. Além das investigações das demonstrações verbais, também foram examinadas as não verbais, impressas em seus gestos.

Assim, apoiando-se em Bardin (1977), é considerado neste estudo a motivação dos sujeitos como sentimento de participação social em ambiente marcado pela divisão do trabalho

⁷⁶O CODAI é um órgão suplementar da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) voltado para educação profissional.

em dimensão de dominação, apresentando a criatividade como ordem intelectual inversa à passividade estéril de criticidade. “Qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível” (BARDIN, 1977, p. 134). Inclusive, os próprios princípios da comunicação dialógica preveem a complexidade existentes no interior das experiências comunicantes, sejam materiais ou simbólicas.

Dessa maneira, para a análise das ressignificações socioespaciais da cana-de-açúcar à agricultura familiar foram consideradas as ações comunicativas como ferramentas de construção do conhecimento, via a educação não formal promovida na APUOCA através das atividades da ATER. O procedimento decorreu do contraste dos dados coletados durante as reuniões da APUOCA através das observações participativas, com os das entrevistas semiestruturadas realizadas em momentos reservados.

A escolha dos procedimentos requereu relacionar as manifestações verbais e comportamentais para a exposição da criticidade dos sujeitos nativos do ambiente cerceador da emancipação social. Visto a multiplicidade da direção dos enunciados, coube às operações analíticas a apuração da intencionalidade dos sujeitos de pesquisa em suas atitudes, sendo justamente essa a unidade entre eles, mesmo cercados de variáveis, mas examinados pela apreciação de suas próprias atitudes:

Uma atitude é um núcleo, uma matriz muitas vezes inconsciente, que produz (e que se traduz por) um conjunto de tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação mais ou menos coloridas. Encontrar as bases destas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais, tal é o objetivo da análise de asserção avaliativa. (BARDIN, 1977, p. 156).

Assim, a metodologia de análise esforçou-se para revelar os sentidos dos sujeitos de pesquisa através dos fragmentos desprendidos pelos seus comportamentos, principalmente a partir da mediação da ATER.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE DADOS

4.1 Discussão

Os dois anos de estudo da APUOCA reuniram ocorrências imprevistas durante a pesquisa, o que estava aparentemente dentro do controle para seguir o roteiro metodológico de repente tomou novos rumos designando desafios ao olhar científico frente à complexidade do âmbito social. Não que já não existisse a conscientização do que significa o trabalho de campo, mas refiro-me aos acontecimentos na associação que não eram esperados. O interesse de investigação pela APUOCA surgiu das iniciativas que a ATER estava desenvolvendo para o incentivo ao cultivo diversificado em meio ao canavial do Engenho Vinagre. Mas, quase ao término dos estudos, houve a dispersão do grupo às ações de mobilização.

No início, em volta da sede apresentava-se uma verdadeira “vitrine” do trabalho que estava frutífero, não realizado pelo corpo associativo, mas pelo presidente anterior à atual (E1)⁷⁷ que deu o primeiro passo para entusiasmar a comunidade. De acordo com o extensionista, a ideia de realizar as plantações em volta da sede foi estratégica, para que as pessoas pudessem ver quando fossem às reuniões. Diferente da tradição regional que planta comumente nos quintais mandioca, batata doce, milho e feijão, no espaço planejado havia a variedade de hortaliças, com o verde dos cultivos chegando a contrastar na paisagem árida do canavial.

Antes eu tinha plantado na parte baixa (do terreno), mas quando chovia a terra ficava encharcada e prejudicava a plantação, aí resolvi plantar lá no alto (dos lados da sede). É bom também porque o povo pode ver e saber que dá certo.
(E1)

O E1 possui 57 anos e é filho de plantadores de cana-de-açúcar, tendo aprendido a lidar com o monocultivo com o seu pai. Segundo ele, quando conheceu o extensionista rural já estava convencido de que a produção canavieira não era um bom meio de vida. Para se ter ideia da operação comercial no Engenho Vinagre, a área ocupada por cada família é de cerca de três a quatro hectares (ha), sendo que em cada hectare há a capacidade para a produção de 45 a até 50 toneladas (t). Se multiplicarmos 3,5 ha por 47 t numa estimativa “otimista” de capacidade máxima gerada, temos 164,5 t que calculado por R\$ 87,26⁷⁸, resulta em R\$ 14.354,27. Só que

⁷⁷Para facilitar a identificação das pessoas entrevistadas a letra E (de Entrevistada) foi utilizada como forma de codificação, seguida do número correspondente sequencial.

⁷⁸Vide nota 13.

para a colheita, o período de cultivo exige em torno de seis a oito meses, ou seja, ao se dividir por sete meses, o valor bruto arrecadado pela família é em torno de R\$ 2.050,61 ao mês, para ainda serem deduzidos os gastos com a produção.

Dentre os gastos com a produção estão o transporte, a mão-de-obra de ajudantes para o corte da cana e outros investimentos como os insumos produtivos. Para se ter noção do alto investimento das famílias, a bombona de 20 litros de agrotóxico custa em torno de R\$ 450,00, sendo que para cada hectare são necessárias duas, ou seja, se calcularmos pelos 3,5 h, seriam necessárias 7 bombonas (R\$ 3.150,00). A perspectiva da arrecadação líquida é nítida, abaixo de dois mil reais ao mês.

Ainda não estando nessa apuração o detrimento da saúde daqueles que estão em convívio direto com o veneno, além dos danos ambientais e a escassez de chuvas que provocou a seca em 2016 e prejudicou a colheita da cana que estava prevista para fevereiro de 2017. Nesse período, o cultivo diversificado do E1 estava com todo vigor e, inclusive, gerando renda familiar semanalmente enquanto a estiagem prejudicava quem estava “preso” ao monocultivo. A água utilizada na irrigação era retirada de uma fonte localizada na parte baixa do terreno com uma bomba, e o plantio regado à mão.

Figura 19: O contraste na paisagem ocorreu devido à falta de chuvas em 2016



Dias (2017)

Quando a gente produz para a usina tem que esperar o período da safra para receber. A feira é diferente, dá para vender toda a semana, é pouco, mas pelo menos sempre entra alguma coisa. Também é bom porque a gente não se endivida com a usina. (E1)

Por trás das manifestações concretas do E1 percebem-se as simbólicas de compreensão do sistema dominante. Quando informou estar consciente sobre a desvantagem do trabalho com a cana-de-açúcar, mesmo antes da assistência técnica e extensão rural do IPA, demonstrou a acessibilidade para a comunicação dialógica com o extensionista rural. O que favoreceu a articulação para o ato comunicativo.

Paulo Freire (1988) salientou a importância da percepção do sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível, que é ao contrário do tratamento do outro como ser passível de influências, como se não fosse dotado de suas próprias histórias e aprendizados. É perceptível a concepção freireana na ação do extensionista rural, que foi capaz de perceber os saberes do E1 e os utilizá-los como meio para o ressurgimento da associação. Visto que o E1 não possuía nenhum vínculo de liderança comunitária com o projeto Mais Vida, ou seja, sem histórico associativo, mas dotado de experiências vividas em sua vida particular que poderiam ser favorecer o ressurgimento da APUOCA.

Contudo, após dois mandatos que totalizaram oito anos, na trajetória de atuação a doação do terreno para a construção da sede, sua própria mão-de-obra obra com pouca ajuda do coletivo e o primeiro cultivo diversificado para a geração de renda familiar, em 2016 precisava deixar as funções conforme a vigência do estatuto. Assim, a E2 assumiu a presidência que, segundo ela, não fazia parte de sua aspiração.

Eu fiquei com pena da associação acabar, então assumi. Mas, foi porque ninguém queria, eu não tinha pensado em ser a presidente, não. (E2)

Mãe de família aos 51 anos, contou que sempre buscou gerar renda para as despesas da casa, tendo começado a trabalhar aos 19 anos com três filhos para criar. Casada, seu companheiro possui um caminhão e trabalha como prestador de serviços para a usina, enquanto ela faz bolos e salgados por encomendas para festas. Sua relação com a terra é íntima, sendo da mesma retirado muitos dos ingredientes que utiliza em seus bolos, como macaxeira e milho.

Eu lutei quinze anos com o meu marido para ele me dar um pedaço de terra para eu plantar o que eu queria. Mas, ele só pensa em cana e dizia que isso não iria dar em nada. Mas, de tanto eu bater, bater e bater, eu consegui e ele me deu aquela frente para plantar. (E2)

De acordo com ela, após a sua integração à APUOCA, pôde participar de cursos, dentre eles culinários, conseguir empréstimo para comprar equipamentos destinados à produção de bolos, participar de feira e vender para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Suas manifestações revelaram o empoderamento feminino, principalmente em universo patriarcal onde a repressão à mulher é ainda maior. Contudo, apesar de seu merecido e admirável valor, percebeu-se a falta de maiores percepções sobre o associativismo, para a perspectivas de mobilização coletiva. Já que a associação é formada em número predominante pelo público feminino, sendo ela a presidente da associação.

É entendido que uma associação com uma década de existência, mergulhada num ambiente capitalista com histórico de mais de 500 anos de dominação, tenha as suas dificuldades para criar arranjos de participação social, visto que os próprios sujeitos estão em fase de aprendizagem através de suas próprias experiências vivenciadas no cotidiano. Por isso, compete então a importância da ATER no trabalho de engajamento cívico para as responsabilidades de perspectivas comunitárias.

Daí que Freire (1988) indica o diálogo problematizador entre técnico e camponeses, sendo o profissional diligente para se aproximar dos sujeitos considerando as suas próprias percepções para pensarem juntos o mesmo propósito. “É isso só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos” (FREIRE, 1988, p. 68). Na APUOCA, a questão das conquistas particulares da presidente sem o engajamento com a associação gerou tensões veladas que não foram expostas nas reuniões, as pessoas insatisfeitas preferiram não comparecer às assembleias ao invés de dialogar. O que concerniu, então, o papel do extensionista em detectar o problema e criar novas formas de envolvimento.

No caso, o plano foi visitar cada uma das pessoas associadas, conversar individualmente e convocar para uma reunião geral dirigida por ele na APUOCA. Nesse encontro, foi percebido o respeito que o técnico mantém no grupo. Em todas as reuniões acompanhadas pela pesquisa, duas foram as que reuniram o maior quórum, uma no dia em que houve um curso culinário antes da assembleia e a outra relativa à convocatória do extensionista. Na ocasião, ele falou sobre os benefícios que a associação trouxe para o Engenho Vinagre, os atendimentos médicos⁷⁹

⁷⁹Na APUOCA há atendimentos de clínico geral, nutricionista, psicóloga, assistente social, fisioterapeuta, fonoaudióloga e cirurgião.

no local que era o motivo de maiores reclamações e, em seguida, do que ainda poderia conseguir através do associativismo.

A atual reivindicação no Engenho Vinagre é o transporte público, desde que ficou proibida a carona no veículo escolar no início de 2018⁸⁰, esse é o problema que tem afligido os moradores que estão a cerca de oito quilômetros de distância da cidade de Araçoiaba. A única maneira de se locomoverem é pagando R\$ 5,00 por viagem, ou seja, a ida e volta por R\$ 10,00⁸¹, valor dispendioso para a realidade local. Inclusive, essa foi a razão apontada pelo corpo associativo para o término das participações nas feiras.

O trabalho da ATER, que estava em ascendência com a concretização da feira na cidade de Araçoiaba, foi paralisado. E, conforme o extensionista rural, por causa do transporte sim, mas também pela falta de mobilização das pessoas para se buscar solução para o problema, como a locação de um veículo comunitário, além de um projeto para a aquisição do mesmo para a associação. Sem estímulo, até o trabalho de incentivo ao cultivo diversificado ao entorno da sede, que estava em fase evolutiva, foi paralisado.

Figura 20: Antes do cultivo diversificado ser paralisado.



Dias (2017)

Figura 21: Depois do cultivo diversificado paralisado.



Silva (2018)

Concomitante à falta de ânimo, ocorreu no início de 2018 o período de safra da cana-de-açúcar, o que pode ter sido outro motivo para a dispersão na APUOCA, já que a fase da

⁸⁰ A lei já existia, mas o vigor para a proibição passou a ocorrer a partir do início de 2018.

⁸¹ Além da alta despesa para o traslado, a prestação de serviço só acontece se houver o número médio de pessoas que compense o trabalho do contratado, assim tanto o horário de ida quanto o de volta têm que ser o mesmo para todas as pessoas contratantes. Exemplo, se saírem de manhã, só retornarão ao meio dia. Ou seja, mesmo com o alto investimento, não há a autonomia para o ir e vir conforme o próprio horário desejado.

colheita mobiliza a comunidade para alguma atividade extra relacionada à prestação de serviços. O E3, por exemplo, apesar de plantar variedades, defendeu o monocultivo em uma das reuniões. Na sua opinião, mesmo o pagamento não sendo o ideal para o trabalho realizado, a venda é garantida.

Eu planto de tudo, mas mais para nós mesmo. Mas, também planto a cana e não acho que ela seja tão ruim porque sei que compram de nós. (E3)

Aos 60 anos, o E3 compareceu às assembleias uma vez num período de quase dois anos. Não sendo possível maiores informações sobre o seu perfil. Contudo, incumbindo à sua ausência a manifestação do ato comunicativo revelador de seu desinteresse pelas ações da APUOCA, ou seja, a manifestação simbólica que informa o seu sentido com relação às transformações dos modos de vida culturalmente estabelecidos.

Freire (1988), ao refletir sobre a transformação do mundo através da própria mudança do mundo interior dos sujeitos, ressaltou a transição não como o humanismo abstrato, mas sobretudo como a possibilidade concreta a partir da consideração do camponês inserido em uma estrutura agrária dominadora. Portanto, requerendo “a presença curiosa do sujeito em face do mundo. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção” (FREIRE, 1988, p. 27). O que incube ao extensionista o desenvolvimento de técnicas criativas para despertar o senso questionador de seus sujeitos de ATER frente às próprias condições de vida.

Do mesmo modo, o raciocínio concerne à entrevistada E4 de 50 anos, única mulher associada à APUOCA que revelou plantar a cana. Filhas de cortadores, disse que trabalha no canavial desde que era criança e não podia com o peso da foice e usava a faca para ajudar a família. Contudo, ela externou o interesse por novidades, mostrando-se disposta aos novos conhecimentos.

Eu planto cana, mas também planto macaxeira e milho. Gosto de aprender as coisa, de cozinhar e plantar. O (ER)⁸² nos ensina muitas coisas. (E4).

É pertinente ressaltar que, durante a sua entrevista, o seu gestual imprimiu informações relevantes para a análise. Ao falar sobre a sua experiência na atualidade com a cana, sorriu timidamente como se estivesse com vergonha ou se condenasse o próprio ato, assim como uma criança que confessa algo que fez considerado errado. A observação de seu comportamento

⁸²Para reservar a identidade dos sujeitos de pesquisa, julgou-se pertinente codificar as pessoas participantes da pesquisa científica. Mas, a entrevistada referiu-se ao extensionista rural.

presumiu a presença do raciocínio crítico, sem ingenuidade. Contudo, considerando a forte influência cultural sofrida durante todo os anos de vida que, mesmo identificada, não é fácil de se libertar. Sendo esse um processo de evolução individual, sem tempo definido pelo o grupo, mas particular numa realidade íntima formatada por suas próprias experiências.

Estamos diante de quadros de opressão que, mesmo sob entendimentos, implica a força para a transformação conforme Freire elucidou (2005): “Enquanto se encontra nítida sua ambiguidade, os oprimidos dificilmente lutam, nem sequer confiam em si mesmos” (FREIRE, 2005, p. 57). Nesse caso, mostra-se importante destacar a conduta do extensionista com relação aos métodos para a ATER, que não pode percorrer os caminhos da “invasão cultural”, mas sim os do diálogo crítico libertador pautado pela percepção da realidade do próprio sujeito atendido.

A ocupação do lugar de direito no mundo mais digno pelos indivíduos oprimidos é uma questão que depende da conscientização do próprio sujeito, do seu sentido com relação ao espaço que o pertence, a E5 de 25 anos, por exemplo, contou que já sofreu muito preconceito por ser do Engenho e que, mesmo assim, não se intimidou, estudou e conseguiu o próprio emprego como agente de saúde do município. Com o cargo de secretaria na associação, é ela quem exerce muitas das funções de organização da administração, aprendidas no próprio decorrer da gestão, como as correções das declarações de imposto de rendas que estavam atrasadas.

Eu tive que aprender a fazer as coisas perguntando e arriscando, porque o meu pai foi presidente da associação, mas não sabia resolver as coisas de documentação. Então, eu que tive que descobrir como fazer e organizar tudo. Mas, agora eu já tô sabendo fazer melhor, ainda não sei tudo. Faço o que posso, até assisto vídeos no youtube para poder conversar com o pessoal. (E5)

Possuir emprego num órgão da prefeitura em Araçoiaba significa prestígio para a cultura local, pois no município não existe meios de emprego profissional, sendo o cargo público uma aspiração popular. Portanto, uma moça de área rural que ocupa um espaço institucional na cidade é a representação do sujeito que se conscientizou do seu lugar de pertencimento e o conquistou. Ainda em seu depoimento é possível observar a sua motivação para a participação social em ambiente cerceador, através da discriminação sofrida.

Para Freire (2005) esse é o “pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como estático (...) cujos riscos não teme. Opõe-se ao pensar ingênuo, que vê o “tempo histórico como um peso” (FREIRE, 2005, p. 95). As suas manifestações concretas expressam as simbólicas através do empoderamento social e porquê não afirmar que, inclusive, feminino? Já que além de possuir a própria renda, ainda é mãe de

uma criança de três anos e a cria sozinha, mesmo com o apoio à distância de seus pais que moram em residência independente.

No caso da E6 de 28 anos que é casada com um motorista da usina, outra atitude de motivação para a participação social foi identificada, mas de maneira diferente, essa em seu próprio núcleo constitutivo. Ela teve a iniciativa de plantar morangos e outros cultivos que não possuem tradição no local, sendo o motivo o próprio interesse.

Eu consegui a muda e plantei. Eu também planto pepino, alface, repolho e coentro. Minha filha adora pimentas, come direto do pé. (E6)

A E6 foi a única entrevistada que não iniciou a frase falando em macaxeira, inhame, milho ou feijão. Ao ser questionada sobre, disse que também os plantava, mas esses só foram mencionados após a segunda pergunta direta em menção a eles. No primeiro momento que não foi a entrevista, mas sim através de uma conversa informal, ela pronunciou espontaneamente: pepino, repolho, alface e morango. Josué de Castro (2008) ao analisar o desequilíbrio social gerado pela monocultura da cana-de-açúcar no Nordeste canavieiro, em especial na Zona da Mata de Pernambuco, evidenciou o desprezo por verduras e frutas.

A vontade de comer o que não é comum no Engenho Vinagre levou a E6 à iniciativa de plantar, sendo o seu desejo o meio que possibilitou a apresentação dos “novos” alimentos aos seus filhos. O fato de a filha, ainda pequenina, comer pimenta direto do pé demonstra como as práticas cotidianas podem ser comunicativas através das próprias experiências vivenciadas, contrariando mesmo as tradições historicamente estabelecidas.

A sua iniciativa comunica na manifestação concreta a simbólica, chamada por Paulo Freire de “ação transformadora da realidade”, o que só pode acontecer a partir da libertação da mente que, por sua vez, foi expressada em seus atos comunicantes. De acordo com Perrenoud (1999), a faculdade tem relação com o patrimônio genético para construir competências, mas as “potencialidades do sujeito só se transformam em competências efetivas por meio de aprendizados que não intervêm espontaneamente, por exemplo, junto com a maturação do sistema nervoso, e que também não se realizam da mesma maneira em cada indivíduo” (PERRENOUD, 1999, p. 20). Assim, pode ser compreendido o aprendizado através das construções por experiências e não como virtudes da espécie. Sendo cada indivíduo preso em sua própria realidade, o que concretiza a variação de tempo para o aprendizado de cada um.

No caso da E7 de 25 anos, que sentiu a vontade de contar espontaneamente a história de sua irmã de 22 anos, aparentou a sua própria percepção da realidade. Casada com um carpinteiro

que também trabalha com a cana e mãe de três filhos, ela planta o cultivo diversificado para a subsistência familiar. Em meio a sua entrevista sobre a sua vida, sem que fosse perguntado nada por sua irmã já que a informação era desconhecida, contou que:

Ela fez um curso no Serta⁸³ e faz óleos para os cabelos com cenoura, coco e macaíba para vender. (E7)

Nesse comportamento percebeu-se a admiração pela irmã que estudou e desenvolve os seus próprios produtos para a venda. O sentimento de valorização da conduta de sua parente é uma manifestação simbólica que informa a própria percepção sobre a transformação do mundo, ou seja, transparece a sua criticidade do cotidiano. O interesse em revelar a iniciativa da irmã provém do sentimento de considerar importante o feito⁸⁴, transparecendo assim os seus valores culturais de apreciação da autonomia, mesmo que ainda a manifestação concreta demonstre através do seu cultivo diversificado a limitação à subsistência familiar.

O que pode ser contrastado com o que foi detectado nas entrevistadas E8 e E9 que disseram ir às reuniões da associação para rever as amigas, não que as demais pessoas associadas não sintam o mesmo, visto que no Engenho Vinagre não existe⁸⁵ nem um outro local onde podem se reunirem, como uma igreja ou posto de saúde, mas o que é relevante na informação é que se resumiram a essa justificativa.

A E8 tem 23 anos, é casada com homem que trabalha com uma carregadeira para a usina e também presta serviços gerais, tem uma filha, possui o segundo grau completo e disse que não planta nada e que não tem interesse em plantar. Sua relação com a terra resume-se em ver o envolvimento da mãe que planta cana, batata, macaxeira, feijão e milho. Já a E9 de 29 anos disse que também é casada e ajuda ao esposo a plantar feijão, fava, inhame e macaxeira. Tímida, poucas informações foram reveladas⁸⁶, tendo afirmado que vai à APUOCA para ver as amigas.

⁸³De acordo com a página institucional do Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), a organização é “da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que tem como missão formar jovens, educadores/as e produtores/as familiares, para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável, com foco no campo”.

⁸⁴Durante a revelação do feito de sua irmã, não foi percebido a intencionalidade para a divulgação dos produtos destinada à venda, o que então caracterizaria o interesse por ajudar a irmã ou comissão. A ação foi espontânea.

⁸⁵No Engenho Vinagre, há uma “casa de farinha” que é um local de uma determinada família onde se encontram para fazer a farinha, mas as pessoas frequentadoras são apenas as familiares.

⁸⁶Apesar de existir um roteiro para a entrevista semiestruturada, como a pesquisa também buscava perceber o gestual dos sujeitos, o método de aplicação não foi técnico com a realização de pergunta e resposta de forma direta, mas sim buscando-se a aproximação com a pessoa entrevistada em respeito à disponibilidade para a participação. No caso da E9, apesar de ter aceitado a conceder a entrevista, pode ter sido pela incapacidade de dizer não. Portanto, por mostrar-se reservada, sua entrevista foi concluída antes do término do roteiro. A fato de não ser substituída por outra entrevistada foi justamente para revelar as limitações comunicativas existentes no interior do universo opressor, ainda mais por considerar a sua idade.

Mesmo considerando que em ambas as situações, muitas das perspectivas podem brotar visto que o universo de cada uma é individual ainda que inseridas num mesmo grupo envolto pela realidade da monocultura, neste estudo foi selecionada a sua relação com a associação na tentativa de compreender as ressignificações socioespaciais da cana-de-açúcar para a agricultura familiar através do cultivo diversificado. Pois, a “vitrine” exposta ao entorno da sede para a venda, poderia incentivá-las a também desenvolver o interesse para a geração de renda familiar através da venda de seus plantios.

Figura 22: reunião na sede da APUOCA.



Dias (2017).

Assim, embora notada a falta do espírito associativista como o maior problema em todo o grupo, a exposição declarada por ambas as entrevistadas chamou a atenção para a inexistência do contrato social, inclusive, para dialogar com as estruturas de poder. O que fica claro, através de ambas as entrevistas, as próprias deficiências particulares para estabelecerem o protagonismo individual. Sendo justamente esse o elemento-chave para os avanços de integração com o grupo para o protagonismo coletivo, que finda ao verdadeiro objetivo da criação de uma associação.

Contudo, as suas participações no grupo também precisam ser refletidas, pois o fato de frequentarem as reuniões demonstra a possibilidade da criação de métodos para o fomento às ações de parceria em prol de responsabilidades mútuas, já que o companheirismo foi identificado ao revelarem a estima pelas amigas. Preceito esse que é imprescindível para os

projetos de cooperação. Portanto, para mobilizar a comunidade, o extensionista rural que é um animador cultural pode utilizar a sede como espaço de entretenimento envolto pelas ações de conscientização.

A diretoria da associação tem realizado festinhas de datas comemorativas, como a de Natal e do Dia das Mães, a Secretaria da Agricultura também realizou cursos de culinária, tendo sido, de acordo com a maioria dos relatos, momentos muito especiais principalmente com relação ao curso. Mas, apesar das iniciativas, percebeu-se as ações desarticuladas do princípio vital que é a conexão com o associativismo para a “ruptura com o pensamento homogêneo”, conforme elucidou Viveiros (2010).

As manifestações concretas das E8 e E9, através de seus relatos, evidenciaram as simbólicas que necessitam de ações problematizadoras em perspectivas mais estreitas às suas realidades individuais. Freire (2005) entendeu como mero ativismo as ações que não empenhadas para a reflexão, portanto a luta organizada pela libertação começa por “crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor” (FREIRE, 2005, p.59). Pelas perspectivas da comunicação dialógica, ainda em Freire (1988), “seu empenho é realmente educativo libertador, os homens com quem trabalha não podem ser objetos de sua ação. São, ao contrário, tão agentes da mudança quanto ele” (FREIRE, 1988, p.44).

As sociabilidades compartilhadas, regidas por um princípio vital de reflexão sobre as ações realizadas, tendem a encorajar ao movimento de transformação inicialmente em sua própria esfera individual. No caso da E10, por exemplo, apesar de pouco se incorporar das discussões ocorridas nas reuniões, por muitos momentos observando apenas pela janela, aos seus 51 anos pôde viver experiências com a criação de animais com o seu pai que tinha gado. Solteira e responsável pelos cuidados de sua mãe e irmão que é especial, tem um quintal produtivo⁸⁷ para a família e cria cabras, realizando a venda de filhotes de maneira eventual.

Eu já consegui um empréstimo no Banco do Nordeste para fazer um cercado para as cabras em 2010. (E10)

Seu trabalho com as cabras remete ao de seu pai com o gado que, mesmo ilhados pelo oceano de canavial, e a expressão não é uma metáfora pois estão realmente circundados pela monocultura canavieira, não mantiveram a mente pensando de uma maneira mono, contrariando a dinâmica social em que estão integrados. Em território de legado capitalista, o

⁸⁷O quintal produtivo é um espaço junto à residência onde fica o cultivo diversificado para o sustento da família.

que pode parecer um simples gesto de prática do cotidiano, na verdade também pode ser interpretado como uma ação de representação simbólicas do estado da mente.

Embora que de acordo com Platão pudesse ser uma simples repetição de algo transferido ao longo da vida pelo pai, como a alegoria das “sombras na caverna”, não poderia ser ignorado os saberes particulares da família num local sem a trajetória da criação de animais. No Engenho Vinagre, os arranjos criados pelas pessoas moradoras demonstraram relação com a usina, como o plantio para venda, a prestação de serviços como o corte no período da colheita, e o arrendamento de parte da propriedade para o cultivo. Portanto, a criação de animais distinta dos modos operantes da cultura local pode ser compreendida como uma manifestação concreta que remete à simbólica de comportamento reformulado.

E, mesmo que sem conversar na APUOCA durante as reuniões, suas cabras por vezes soltas percorrendo o espaço comunitário ao lado da sede expressam de forma subjetiva a interferência na paisagem, homogeneizada pela cana. Ao que leva à reflexão sobre os universos subjetivos compartilhados, assim como Habermas (2004) compreendeu o significado do pluralismo cultural pela maneira como o mundo se revela através de interpretações, “segundo as perspectivas dos diversos indivíduos e grupos (...), bem como a percepção dos valores e dos interesses de pessoas cuja história individual tem suas raízes em determinadas tradições e formas de vida e é por elas moldada” (HABERMAS, 2004, p.9).

Figura 23: Cabras criadas pela E10 ao lado da sede.



Silva (2018).

Assim, acreditou-se não ser menos relevante a consideração da E10 para o estudo, devido ao seu comportamento comunicativo, como a E11 que foi apreciada, mesmo sem residir no Engenho Vinagre, mas por ter sido nascida e criada no local e manter familiares no mesmo, além de um terreno com o seu cultivo diversificado.

Residente na cidade de Araçoiaba desde 2012, aos seus 43 anos é viúva e possui quatro filhos, sendo três adultos e uma criança. O motivo da sua mudança foi a preocupação com os socorros médicos que o seu companheiro necessitava. Portador de um tumor na cabeça, ele faleceu aos 43 anos, tendo trabalhado na usina por mais de 20 anos com carteira assinada.

Teve uma vez que fizeram uma homenagem para ele porque foi o melhor trabalhador, o que mais cortou cana. Ele era muito trabalhador e, quando não estava trabalhando para a usina, cortava cana no Engenho. (E11)

De acordo com ela, quando a doença o acometeu, a ambulância demorava cerca de uma a duas horas, principalmente em dias de chuva quando a estrada de acesso ao Engenho era afetada, por isso decidiram mudar para a cidade para facilitar o atendimento médico. Quando questionada sobre o trabalho dele na usina, não soube responder com detalhes o que ele fazia, pois segundo ela não conversavam sobre isso. Mas, revelou que em seu íntimo sabia do uso de veneno.

Quando ele mexia com o veneno eu sabia porque ele chegava em casa diferente, até a roupa tinha o cheiro diferente, ele chegava em casa com os olhos mortos. Quando o meu vizinho tá mexendo com veneno eu sei porque é o mesmo cheiro, eu passo na frente da casa dele e sei. (E11)

A E11 disse que nunca refletiu sobre a morte de seu esposo ter relação com o uso de agrotóxicos. E que os dois filhos que estão desempregados, um de 23 e outro de 26, às vezes prestam serviços para a usina. Sendo a sua filha de 21, uma técnica em agroecologia que está prestes a receber o diploma. Sobre o seu cultivo no Engenho Vinagre, ela informou que é para o consumo de sua família.

Em sua análise foi detectado que a sua participação na APUOCA acontece de forma eventual como visitante, sem se apropriar das discussões. E apesar de os seus depoimentos demonstrarem dispersão sobre os acontecimentos, o seu comportamento com sorrisos e entonação da voz amorosa refletem a afetividade quando fala sobre o Engenho, características que revelam o sentimento de pertencimento ao local e que podem ser usadas como meio de interpretação do sujeito pesquisado, ou seja, como pistas para o extensionista rural utilizar para

a criação de métodos de envolvimento com o grupo, através de temas que possibilitem a melhor comunicação dialógica.

É sabido que esse é um trabalho que não existe fórmulas prontas e que, cada grupo e indivíduo, requer técnicas condizentes. Portanto, a melhor maneira para a formulação didática é a análise dos próprios sujeitos, que acabam por apontar os caminhos a serem percorridos, aproximando-se de suas realidades na tentativa de compreender as suas dimensões e, assim, possibilitar a construção do conhecimento através dos saberes compartilhados.

O fato de a filha da E11 estar prestes a se formar em agroecologia é uma manifestação concreta que visibiliza a manifestação simbólica da transformação dos modos de vida de uma família de histórico canavieiro. Mesmo sem a noção clara da dimensão do que o fato represento no local, a conquista denota os valores que estão presentes no lar sendo partes deles externados pelo o cultivo diversificado que permanece vivo no Engenho, mesmo sem mais a sua moradia.

Cabendo, assim, também validar os depoimentos de sua filha, já que prestes a exercer o papel de técnica em agroecologia numa região canavieira, tendo passado toda a infância cercada pela monocultura, inspira o improvável na “terra do nunca”. A E12 de 21 anos é estudante concluinte do Sertão de Glória do Goitá, sem emprego diz que pensa em cultivar uma horta orgânica para gerar renda familiar e que, inclusive, já conversou com a mãe sobre isso, mas sem transporte para o Engenho terão que aguardar.

A horta requer cuidados, não dá para a gente plantar e ir lá de vez em quando, por isso é que vamos ter que esperar para saber como vai ficar o problema do transporte. (E12)

Sobre o falecimento de seu pai, ela falou que refletiu muito sobre o assunto e que tem muitas dúvidas, pois no mesmo lugar onde se instalou o tumor houve um trauma ocasionado por um acidente de moto e a sua avó informou que três pessoas da família foram ao óbito pela mesma doença.

Eu não sei se foi por causa do veneno, do acidente ou se foi genético (...). Os meus olhos só foram abrir com relação ao veneno quando eu fui fazer o curso técnico em agroecologia (...). Tipo o meu tio mexe muito com veneno e, quando eu vejo ele mexendo com veneno, eu lembro mais ainda do meu pai. Já passou isso pela minha cabeça várias vezes. (E12)

Após a descoberta da doença, seu pai sobreviveu por três anos com dificuldades de saúde e acobertado pela assistência social, sendo encontrado três dias após a sua morte no canavial.

Eu acho que ele foi andar por lá e desmaiou por causa dos remédios que estava tomando. O enterro dele foi no dia 12 de outubro de 2013. (E12)

Na APUOCA, quando questionado aos sujeitos de pesquisa sobre o conhecimento de alguma história relacionada ao agravo da saúde ocasionado pelo uso de agrotóxico, nenhuma pessoa disse saber de algo. Inclusive, a E12 quando interrogada disse que não conhecia ninguém que usasse o veneno em Araçoiaba, e que o seu tio que ela mencionou era de Igarassu. Contudo, a sua mãe tinha mencionado o vizinho. A situação gerou dúvida sobre as pessoas entrevistadas estarem determinadas ou não para falar sobre o assunto. A maioria dos depoimentos informou que já ocorreram pulverizações aéreas no Engenho Vinagre, sem saber dizer com precisão quando e quantas vezes aconteceram, apenas que não foram recentes.

De acordo com o extensionista rural, todo o trabalho que vem sendo realizado pela ATER tem sido em torno do cultivo orgânico, mesmo se sabendo que a água que utilizam para a irrigação é proveniente de fontes que podem estar contaminadas pelo veneno, já que muitas delas estão situadas na parte baixa do terreno, enquanto que o monocultivo está na alta. Dessa maneira, as premissas que regem as ações da assistência técnica e extensão rural no local são: a conscientização sobre a saúde, os cuidados com o meio ambiente e a geração de renda familiar, principalmente através de iniciativas autônomas.

No começo, atuei de forma plena porque era um processo que partia do zero, mas depois percebi a acomodação. Então, resolvi acompanhar mais à distância para desenvolverem a autonomia. Mas, não deixei ninguém só, quando me procuravam eu sempre atendi, tanto que ajudei a colocar a documentação da associação em dia, falei com o contador e ensinei a lidar com o imposto de renda, entrei em contato com o pessoal do Prorural⁸⁸, bati o documento e pedi o aumento do prazo para dar entrada no projeto de irrigação, porque eles iriam perder por causa do débito da associação com a Receita Federal. E ajudei com a realização da feira em Araçoiaba. (ER)

O período do acompanhamento “à distância” foi de um ano e meio, do início de 2017 a maio de 2018. Sendo a partir de junho de 2018, a reestruturação do trabalho com a volta da presença assídua do técnico na associação para o novo plano de ação.

⁸⁸O Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural (ProRural) é vinculado à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária de Pernambuco (SARA). Seu objetivo, segundo o portal institucional (2018) é estimular o desenvolvimento sustentável no meio rural.

O maior problema é a falta de união. E a primeira ação é realizarmos os reparos que a sede precisa, colocar cerâmica no piso, reboco e pintura na parte interna, forro no teto da sala médica para preservar a acústica dos atendimentos, enfim criar um ambiente mais acolhedor com uma sala de espera com televisão e livros para as crianças. Mas, isso tudo com o trabalho de todos juntos. Eu já consegui muito material através de doação de diversas pessoas, já fizemos um mutirão e vamos fazer outros, após começarmos as sessões de cineminhas com vídeos educativos. (ER)

A ideia do extensionista é mobilizar o corpo associativo através do trabalho comunitário, já que quando foi construída houve pouca participação coletiva. O método de estabelecer a relação de causa concreta através dos mutirões, com a simbólica destinada à transformação dos sentidos para o entendimento do espírito de cooperação, é um recurso para propiciar o sentimento de manutenção das contribuições alcançadas além da percepção de sua importância.

No dia do mutirão que aconteceu num domingo, houve a participação do extensionista mesmo já tendo conseguido os materiais para a obra sem nenhum custo para a APUOCA. O seu trabalho, especialmente num dia que seria de folga, demonstrou a responsabilidade social. E a manifestação simbólica por trás da concreta, aliás percebida ao longo da pesquisa de campo, através das parcerias realizadas com a prefeitura para a continuidade das atividades da ATER, em meio a diminuição de recursos do governo do Estado.

A análise de seu perfil pressupõe a presença de princípios advindos de sua ascendência na ONG Sabia, que divulga como sua missão “o desafio de interagir com os diversos setores da sociedade civil, desenvolvendo ações inovadoras junto ao trabalho com crianças, jovens, mulheres e homens na agricultura familiar” (INSTITUCIONAL, 2018). Inclusive, a ideia de exibição de vídeos educativos é um método bem utilizado pela Sabia.

Figura 24: mutirão realizado na Apuoca.



Silva (2018)

Fig. 25: a geladeira foi novidade



Silva (2018)

Durante reuniões na APUOCA e em entrevistas particulares, frases como as seguintes foram repetidas ao longo deste estudo pelo extensionista rural:

Apesar do meu trabalho ser político, eu procuro fazer sem o envolvimento partidário porque sei que a situação política muda muito, então tenho que ter o cuidado para preservar o que eu faço. Não posso assumir lado nenhum, apoiar nenhum político e nem entrar em discussões. O meu voto é secreto e o que eu tenho para dizer digo nas urnas. (ER)

A associação não pode assumir vínculo com nenhum político, isso aqui é do povo e o povo tem que saber usar a associação para reivindicar o que precisa. Se quiserem nos doar alguma coisa pode doar, mas não podemos assumir compromisso político com ninguém. Aliás, quanto mais parcerias conseguirmos fazer com a iniciativa privada é melhor. Já com a prefeitura é diferente, porque ela tem o dever com a gente. (ER)

Contudo, o entendimento linear de seu comportamento não foi baseado apenas em suas declarações, mas também em seu compromisso social através das manifestações concretas. O próprio respeito conquistado no grupo é uma manifestação simbólica a ser considerada. Durante a realização desta pesquisa, foi detectada uma visita da secretaria da Agricultura do município, sendo a convite do extensionista para a reunião que objetivou discutir o novo plano de ação na APUOCA. Na ocasião, ela falou sobre o que poderiam fazer como, por exemplo, a realização de cursos, tendo se apropriado da discussão sobre a conexão dos mesmos com a agricultura familiar, além da necessidade da realização de algum trabalho de parceria com a Secretaria de Ação Social e da Mulher para ações de incentivo ao empoderamento feminino.

Neste dia, estava presente o sócio benemérito que é italiano, possui 70 anos e reside no município há 11. Sua relação com a APUOCA ocorreu, segundo ele, a partir de uma intenção maior em torno do desenvolvimento local no município e não especificamente no Engenho Vinagre, já que integrava o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS)⁸⁹. Junto com o extensionista rural, ajudou a organizar a documentação da associação e, como amigo, acabou se tornando benemérito. Casado com uma araçoaiabense e com uma filha de oito anos, disse que saiu do CDRA por se sentir insatisfeito com a gestão da prefeitura que, em sua opinião, poderia intensificar as ações para o desenvolvimento local.

⁸⁹Em 2013, Gildo Ribeiro de Santana realizou a pesquisa científica intitulada Agricultura Familiar e Participação Política no Desenvolvimento Local, a qual investigou membros do CMDRS, na época o conselho mostrou-se mais atuante do que na atualidade, que tem sido negligente com as reuniões mensais não realizadas.

Araçoiaba é linda e cheia de matéria prima suficiente para se auto sustentar, sua história é grandiosa com um passado glorioso para em cima dele se construir o presente. Aqui já foi terra de lutas, pesquisei e descobri que haviam índios aqui, o guerreiro Temu que era amigo de Camarão, eram em 70 índios e eles possuíam mosquetes, eram os únicos em toda a América Latina. É uma estupidez não nos apropriarmos do nosso território e deixarmos fazerem o que querem. A globalização só quer saber de alta rentabilidade, nós precisamos ocupar os nossos espaços, mas não como ilhas. Milton Santos diz que território é o chão com as pessoas, então a história faz parte do território, é o ser e o pertencer. Lefebvre diz que o espaço é um produto social, então este espaço compreende as relações sociais e não pode ser resumido ao espaço físico, é o espaço da vida social. É o homem que o transforma com o seu trabalho. (SB)

Formado em gemologia pelo Gemologic Institut Oficial América (GIA), tendo estudado engenharia mecânica, chegou ao Brasil em 2000 a trabalho de uma empresa italiana que pretendia recuperar o gás emitido pelo lixão da Muribeca. Apesar de o projeto ecológico não ter obtido êxito pela falta de acordo com o governo brasileiro, recordou-se das histórias contadas por sua bisavó sobre os 50 anos que viveu no Brasil quando fugia da guerra, o que o fez retornar algumas vezes como visitante.

Fiquei encantado com as belezas naturais e voltei como turista, fui no carnaval para Araçoiaba ver o maracatu, achei linda, conheci a minha esposa (...). Eu fico pensando como é que as pessoas não enxergam as potencialidades deste lugar. Dá para se fazer muitas coisas, mas as pessoas têm que querer. Eu acho que o problema aqui está na educação, na falta de investimentos em educação. (SB)

Desde que se tornou sócio benemérito da APUOCA, tem realizado inúmeras manifestações simbólicas e também concretas, dentre elas a elaboração de um projeto em francês para a ONG Femmes de Europa⁹⁰, o qual possibilitou a aquisição do recurso utilizado para a compra do fogão e forno industriais. Suas participações nas reuniões sempre trazem ideias relativas ao desenvolvimento de local, inclusive algumas esboçadas em pré-projetos realizados por ele próprio, como o de artesanato e o de frutas secas para a comercialização. Suas contribuições além de favorecer pautas de discussões pertinentes para a reflexão sobre a identidade local, favorecem a percepção no grupo de suas especificidades assim como Habermas (2004) elucidou sobre a tomada de consciência através da história e cultura.

Para o extensionista, o papel do sócio benemérito na associação é de grande relevância, pois além de ser reflexivo, é aliado incansável para o trabalho em todos os aspectos. Contudo,

⁹⁰A ONG Femmes de Europa promove uma feira com artigos de vários países, tendo oferecido para Araçoiaba uma banca para a exibição de seus produtos, mas não houve a participação.

segundo ele, às vezes as suas ideias são inovadoras demais para as limitações da comunidade que, em sua opinião, são históricas.

Aqui é um trabalho de formiguinha, não dá para chegar fazendo o que queremos, tudo é muito difícil e complicado, as pessoas da monocultura da cana-de-açúcar têm um modo de viver diferente dos outros. (ER)

Assim, também foram acompanhadas divergências na APUOCA por vezes reveladas de maneira explanada, como no caso do sócio benemérito que expôs as suas ideias à secretária de Agricultura do município durante uma reunião, havendo discordâncias com relação às críticas à Prefeitura. E, na maioria das vezes, silenciadas como na situação de parte do corpo associativo que preferiu ausentar-se das assembleias devido à insatisfação com a diretoria.

As oscilações detectadas nos atos comunicativos revelaram lacunas para o possível preenchimento com novas informações reflexivas para as transformações dos modos de vida através do cultivo diversificado, conforme foram apresentadas as manifestações simbólicas dos sujeitos pesquisados. A investigação constatou que a falta de atuação de uma⁹¹ ou um líder comunitária (o) para comunicar e esclarecer o corpo associativo sobre os problemas locais, influi nas deficiências comunicacionais da APUOCA. Os apoios que recebem dos sujeitos exógenos da associação seriam melhor aproveitados se houvesse a intervenção social realizada por alguém do próprio núcleo constitutivo.

É notório que a questão é engendrada pela realidade brasileira, conduzida pela incorporação do sentido de obediência à pátria como forma de respeito conforme elucidou Chauí (1996). E que, mesmo quando há o espírito de liderança nos sujeitos, existe as dificuldades para lidar com as especificidades que uma gestão política compreende, como suscitou Abramovay (2000). Contudo, as manifestações simbólicas percebidas nos sujeitos da APUOCA caracterizaram a abertura para a comunicação dialógica, ou seja, sem a obstrução para o fluxo informativo circular⁹² no processo *Arte de Pensar, Arte de Reter os Pensamentos e Arte de Transmitir*, indicando a importância do papel de uma ou um líder para estimular a comunicação às atitudes de encorajamento, junto aos apoios da ATER e do sócio benemérito, destinados aos avanços da APUOCA.

⁹¹O gênero feminino foi utilizado antes ao masculino devido ao maior número de mulheres presentes na APUOCA.

⁹²Vide ilustração página 59.

4.2 Resultado

A investigação da comunicação desenvolvida na APUOCA a partir das atividades da ATER, para as ressignificações socioespaciais da monocultura da cana-de-açúcar à agricultura familiar, percebeu a presença de princípios dialógicos freireanos para o incentivo ao protagonismo social. A identificação e contraste das manifestações concretas e simbólicas revelaram a intencionalidade nos atos da maioria dos sujeitos pesquisados, ou seja, a maior parte das ações realizadas não foi aleatória sem a conexão de sentidos. Cabendo, assim, responder à análise da APUOCA a partir da observação individual de cada componente do corpo social constitutivo, devido às deficiências da expressão associativa. A sensibilidade para o diálogo dos indivíduos apontou a fertilidade para as ações de intervenção comunitária, mesmo a associação localizada em campo dominado pelas estruturas estruturadas.

Porém, a tentativa de incisão na lógica hegemônica das organizações rígidas de poder, através dos cultivos diversificados, esbarrou em desafios de diversas ordens não apenas concretas, mas também simbólicas, como a falta do espírito associativista. A APUOCA apesar de possuir a documentação satisfatória e a sede em condições para o acolhimento de ações coletivas, realizando as reuniões mensais de forma fiel, não exerce projetos associativos. Sua função prioritária é de espaço para os atendimentos médicos, sem maiores iniciativas para a geração de renda familiar.

É compreensível que em lugar marcado pela monocultura canavieira desde os primórdios da história do Brasil, com apenas uma década de interação com a ATER, as condições socioculturais estejam em processo de aprendizagem. Por isso, a investigação buscou detectar no grupo a criticidade sobre a monocultura canavieira, através do entendimento sobre as diferenças com relação a agricultura familiar.

Devido ao ranço das disfunções do legado paternalista colonial na região da Zona da Mata de Pernambuco suscitado por Mario Lacerda de Melo (1975), não foram ignoradas por menores que fossem as manifestações concretas e simbólicas dos sujeitos pesquisados (vide apêndice p.103), na busca de indícios que evidenciassem a predisposição para o diálogo.

Contudo, a ausência de liderança comunitária que incide na falta de mobilização é um problema atenuante às limitações da APUOCA, que é dependente de forma prioritária do extensionista rural. Sem deixar de associar o fato com as imposições opressoras das estruturas

dominantes, ressalta-se a falta de escolas do campo em Araçoiaba⁹³ como coerção às ações de empoderamento social e valorização da cultura local para a emergência de líderes comunitários.

A supressão dos direitos civis ocorre no município de diversas formas, ilhando a população em meio ao mar de canavial. Até o ir e vir restringe os movimentos para as tentativas de reação. A viagem para a Região Metropolitana do Recife⁹⁴, por exemplo, sofre com a estrada e ônibus precários. Sendo um agravo a falta de transporte público para atender a comunidade do Engenho Vinagre para o acesso à cidade do município, é alto o gasto de dez reais para a locomoção alternativa, enquanto que esse direito deveria ser assegurado pelas instituições competentes. É evidente as tramas rígidas de poder das estruturas estruturadas.

Reivindicação, realização de eventos para angariar fundos ou ainda a elaboração de projetos de parceria com a iniciativa privada, já que existe uma fábrica da Fiat na região, são algumas das ações cabíveis ao papel de uma associação. Contudo, nenhum projeto foi escrito pela APUOCA para requerer algo através do próprio corpo associativo. No grupo privado na rede social da internet, as conversas são restritas aos atendimentos médicos e recados.

A situação é justificável pelo universo canavieiro mergulhado na histórica cultura cerceadora de sentidos, contudo também é assentido o poder da ATER como uma forma de educação popular para formar sujeitos em ambiente informal para a transformação da própria realidade. Diante de adversidades, como as medidas políticas governamentais que afetam ao IPA de maneira direta, foi possível detectar uma construção sequencial em modo evolutivo da ATER na APUOCA, da idealização de associação, regularização da documentação, construção da sede e realização da feira com produtos da agricultura familiar no município.

Os esforços para a criação da associação foram de suma importância, inclusive, com apoios externos ao grupo para a concretização da obra da sede. Contudo, os procedimentos metodológicos para a emancipação social, que pairam pela subjetividade da natureza humana, decorrem de mecanismos em fase de experimentos dada as próprias dificuldades enfrentadas pela atual conjuntura política do Brasil. Nesse sentido, de acordo com Viveiros (2010) que indica os arranjos criativos para a animação sociocultural, foram satisfatórias as iniciativas de

⁹³Foram realizados contatos com as assessorias de imprensa do Governo do Estado de Pernambuco/ Secretaria da Educação e da Prefeitura de Araçoiaba, porém ambas não se pronunciaram sobre o assunto.

⁹⁴Durante todo o processo investigativo, as viagens para Araçoiaba foram realizadas de transporte público. O intervalo constatado entre os ônibus de destino Camaragibe/ Araçoiaba foi de 1h40 a 2h50. No ponto de ônibus, foi comum acompanhar mães com criança, inclusive de colo, idosos, estudantes e pessoas trabalhadoras sempre reclamando da espera. No terminal de Camaragibe, apenas um banco para acomodar até três pessoas é disponibilizado. E, quando o transporte abre as portas, há uma verdadeira selvageria para a disputa do lugar. Numa das ocasiões, foi constatada uma mãe com um bebê portador de microcefalia. Já para o Engenho Vinagre, como não há transporte público para a comunidade, as visitas aconteceram graças às caronas.

engajamento comunitário. O recente mutirão, que marcou a primeira iniciativa com todo o corpo associado em trabalho de colaboração mútua, foi uma demonstração do que o novo plano de ação da ATER poderá desenvolver em torno do associativismo. A necessidade das ações de parceria com as secretarias municipais de Ação Social e da Mulher para empoderamento feminino, detectada pelo extensionista rural, é um caminho para promover os diálogos assim como Freire (1988) indicou para o encontro de sujeitos interlocutores na busca da “significação dos significados”.

O cotidiano envolvido pelos agravos ambientais, dentre eles a escassez de água que é uma das três principais causas de conflitos no país, o fim de biomas naturais e a própria vida sujeitada aos venenos agrícolas são alguns dos problemas que podem agravar a vida no Engenho Vinagre, principalmente com as atuais medidas políticas governamentais que diluiu do MDA, desmantelou o IPA e ameaça com o PL do Veneno. No pilar do desenvolvimento local está o diálogo com as estruturas de poder, a partir da esfera comunitária para a negociação municipal, governamental, federal e, inclusive, internacional.

A paralisação da feira que foi idealizada pela ATER para a associação na cidade de Araçoiaba, que aconteceu por dez meses, é exemplo do frutífero trabalho que poderia ter se desenvolvido se não houvesse a paralisação, visto que houve o crescimento no número de feirantes durante o decorrer da realização. Embora, ainda se cogite também a falta de protagonismo da associação como elemento para a resolução do problema, mas esse ainda preso à falta de ações governamentais para o empoderamento social.

As ressignificações socioespaciais têm o seu merecido valor nesta década de atuação da ATER, diante da lógica hegemônica guiada pela econômica de forma prioritária em detrimento da valorização da cultura popular e da comunicação dialógica. Pois, por mais desânimo que tenha ocorrido para as iniciativas autônomas em torno da agricultura familiar, não foram predominantes pela herança histórica cultural.

Dessa maneira, as ressignificações socioespaciais da APUOCA a partir das ações da ATER revelaram mais limitações pelas condições materiais emanadas pelas estruturas estruturadas do que pelas simbólicas dos sujeitos de pesquisa. Sendo pertinente explicar que as condições materiais referidas são também as de ordem emancipadora, como a falta da escola do campo. Pois, houveram realizações de políticas públicas com a sua merecida importância e necessidade, mas poucas de caráter emancipatório.

4.3 Considerações finais

A omissão aos riscos à saúde de toda a população, a exploração socioambiental e a coibição do papel político-cidadão não têm mais como camuflar os “jogos de interesses” das estruturas de poder. Araçoiaba vive o colapso da falta de água com a perda de seus biomas nativos, os danos ambientais impactam diretamente nos mais pobres por estarem localizados em território oprimido pela monocultura canavieira, sendo a falta de maiores apoios à agricultura familiar um problema crônico, não apenas no município, mas no Brasil do agronegócio. Portanto, relacionar-se com as estruturas dominantes torna-se ação emergencial a partir do local pela comunidade conhecedora de seus próprios problemas e superações.

Os processos comunicacionais desenvolvidos na APUOCA partir da ATER para as ressignificações socioespaciais da cana-de-açúcar para a agricultura familiar são de suma importância para o romper com o pensamento simplificado, diante da crise socioambiental que se apresenta e tende a ser agravada. Os debates para favorecer o fluxo informativo para as novas significações da realidade em busca de solução para os seus problemas são necessários em todos os espaços, visto que diante da atual conjuntura política do Brasil as condições que se apresentam vão além da poluição e exploração social para o cercear vozes e direitos.

Assim, apresenta-se à APUOCA a oportunidade para a quebra do silêncio, principalmente pela forte presença de mulheres, que não foi objeto de análise, mas que expõe a necessidade de empoderamento feminino no Engenho Vinagre, para o surgimento de protagonistas e futuras líderes comunitárias. Pois, embora a monocultura influencie nos modos de vida de maneira controladora, a maioria das pessoas associadas possuem o plantio diversificado mesmo que limitado à subsistência, o que cogita o diálogo com os elementos naturais para as novas sociabilidades transformadoras.

O micro que opera no macro não é débil, é ignorado pelos processos midiáticos, é invisibilizado pelas estruturas estruturadas. Portanto, o recurso do silêncio é uma forma de tolher os fluxos informativos de valorização dos espaços de resistência. O sepulcro da aura diligente de guerreiros, como Temu e Camarão, pode ser sim ressignificado na contemporaneidade como indicou o sócio benemérito pelo uso da história local para o trabalho de resgate da cultura popular em torno da legitimação de pertencimento do território. O processo de ressignificação socioespacial tem a seu favor pessoas portadoras de práticas comunicantes com os elementos naturais que indica o possível surgimento do capital social para a ramificação de práticas relativas às estruturas estruturantes em meio às já estruturadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**. V.6, n. 2, p. 379-397, ab./ jun. 2000.

ADVFN News. Lista dos principais produtos exportados pelo Brasil em Abril de 2017. Disponível em: <https://br.advfn.com/jornal/2017/05/lista-dos-principais-produtos-exportados-pelo-brasil-em-abril-de-2017>. Acesso em: 20 mai. 2018.

AFCP (Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco). Informe ATR-PE/ Preço da Safra. Disponível em: http://www.afcp.com.br/?page_id=29. Acesso em: 14 jul. 2018.

AGUIAR, Wagner José de. A intersetorialidade na política de educação do campo na atuação dos conselhos de desenvolvimento rural sustentável e de meio ambiente: potencialidades e limites. Monografia (Monografia em educação do campo e desenvolvimento local) – UFRPE. Recife. 2016.

Agricultura.gov.br. Brasil lidera produtividade agropecuária mundial. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/brasil-lidera-produtividade-agropecuaria-mundial>. Acesso em: 8 mai. 2018.

Anistia internacional. Massacre de eldorado dos carajás: 20 anos de impunidade e violência no campo. Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/massacre-de-eldorado-dos-carajas-20-anos-de-impunidade-e-violencia-campo/>. Acesso em: 12 mai. 2018.

APAC. Parecer sobre a temperatura de Araçoiaba. Email faleconosco@apac.pe.gov.br, 15:08, 23 fev. 2017.

Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf. Acesso em: 17 out. 2016.

Atlas Brasil. IDHM de Araçoiaba, PE. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/2097. Acesso em: 08 mai. 2018.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

Base da Dados do Estado de Pernambuco. Taxa de analfabetismo da população. Disponível em: http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=1112&Cod=3. Acesso em: 08 mai. 2018

BOMBARDI, Larissa Mies. **A intoxicação por agrotóxicos no Brasil e a violação dos direitos humanos**. Relatório de Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2011. Disponível em: <http://www.social.org.br/index.php/relatorios/relatorios-portugues/137-direitoshumanos-no-brasil-2011.html>.

_____. **Vídeo a crise ambiental e social em que vivemos hoje em dia**. Facebook do Diretório Central dos Estudantes da USP (DCE Livre da USP). Data de postagem: 25 fev. 2015. 3 min.

BONANNO, Alessandro. A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa (Org.). **Globalização, Trabalho, Meio Ambiente - Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação**. Recife: Editora universitária da UFPE, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Tomaz Fernando. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sergio Miceli et al. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Revista Ruris**. Vol 1, n. 1, p. 37-64, març. 2007.

BRASIL. **Cartilha de acesso ao Pronaf – saiba como obter crédito para a Agricultura Familiar**. Sebrae e Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2012.

Brasil de Fato. Custo Humano dos Agrotóxicos: fotojornalista retrata vítimas da contaminação. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/15/custo-humano-dos-agrotoxicos-fotojornalista-retrata-vitimas-da-contaminacao/>. Acessado em: 25 mai. 2017.

_____. Cresce o número de escolas fechadas no campo no Brasil. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/02/09/cresce-o-numero-de-escolas-fechadas-no-campo-no-brasil/>. Acessado em: 06 jun.2018.

BUARQUE, Sérgio José Cavalcanti. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA, 1999.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In CALDART, R. S.; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. P. 267-274.

CBN Recife. Audiência pública na Alepe debate a situação do Instituto Agrônomo do Estado. Disponível em: <http://www.cbnrecife.com/noticia/audiencia-publica-na-alepe-debate-a-situacao-do-instituto-agronomico-do-estado>. Acesso em: 18 mai.2018.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Extensão rural e agroecologia: para um novo desenvolvimento rural, necessário e possível**. Recife: Ed. Do Coordenador, 2015.

_____. Extensão rural como política pública: a difícil tarefa de avaliar. In: SAMBUICHI, R. H. R.; SILVA, A. P. M. OLIVEIRA, M. A. C... [et al.]. (Orgs.). **Políticas Agroambientais e Sustentabilidade – desafios, oportunidades e lições aprendidas**. Recife: Ipea, 2014.

CARNEIRO, Maria José Teixeira. Agricultores familiares e pluriatividade: tipologia e políticas. In COSTA, L. F. C; MOREIRA, R. J; BRUNO, R. (Orgs). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

CARVALHO, Fernando Antônio Carneiro de. **O livro negro do açúcar: algumas verdades sobre a indústria da doença**. Rio de Janeiro: do autor, 2006.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome – o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CATALÃO, Igor. Socioespacial ou sócio-espacial: continuando o debate. **Revista Formação Online**. V. 2, n. 18, p. 39-62, jul./dez. 2011.

CAVALCANTI, Carlos André Macedo; CUNHA, Francisco Alberto Carneiro da. **Pernambuco afortunado: da nova lusitânia à nova economia**. Recife: Editora INTG, 2006.

CAZELLA, Ademir Antônio; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato Sergio Jamil. **Agricultura familiar – multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro/ RJ: MAUAD Editora Ltda. 2009. p. 47-68.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1996.

Conexão Planeta. ‘PL do Veneno’ é aprovado por comissão especial e, agora, segue para o plenário. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/pl-do-veneno-e-aprovado-por-comissao-especial-e-agora-segue-para-o-plenario-a-luta-continua/>. Acesso em: 29 jun.2018.

COSTA, Vanessa; MELLO, Márcia Sarpa de Campos; FRIEDRICH, Karen. Exposição ambiental e ocupacional a agrotóxicos e o linfoma não Hodgkin. **Saúde Debate**. Vol. 41, n.112, p. 49-62, mai. 2017.

CPT. Conflitos no campo aumentam 26% e batem recorde, segundo a CPT. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/destaque/3731-conflitos-no-campo-aumentam-26-e-batem-recorde-segundo-a-cpt>. Acesso em: 19 jun. 2017.

CPT. Consumo de agrotóxico e óbitos na Zona da Mata Norte de PE. Disponível em: <https://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/agrotoxicos/2853-agrotoxicos-e-usinas-de-cana-de-acucar-condenam-trabalhadores-a-morte-na-zona-da-mata-de-pe29>. Acesso em: 06 mar. 2017.

CUNHA, Maria Isabel. A Didática como construção: aprendendo com o fazer e pesquisando com o saber. In SILVA, Aida Maria, M; AGUIAR, Maria Conceição, C; MELO, Maria

Oliveira; MACHADO, Laêda, B. **Educação Formal e Não Formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. Recife: ENDIPE, 2006.

De Olho Nos Ruralistas. Relator do PL do Veneno, Luiz Nishimori vendeu agrotóxicos no Paraná. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2018/07/12/relator-do-pl-do-veneno-luiz-nishimori-vendeu-agrotoxicos-no-parana/>. Acesso em: 22 jul. 2018.

EBC. Composição do congresso brasileiro. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-01/com-bancada-sindical-reduzida-no-congresso-trabalhadores-temem-retrocesso>. Acesso em: 09 set. 2017.

FLORES, Murilo. Assistência técnica e agricultura familiar: assistência técnica e seus desafios. LIMA, D. M. A; WILKINSON, J. *Et alii* (Orgs). In **Inovações nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: Paralelo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. 179/191.

Folha de São Paulo/ UOL. Bayer compra gigante de sementes Monsanto por US\$ 66 bilhões. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/09/1813174-bayer-compra-gigante-de-sementes-monsanto-por-us-66-bilhoes.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989. 6 Edição

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**. V. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano; P. e Frigotto, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. P. 267-274.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval**. Rio de Janeiro. V.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

G1/ Rede Globo. Brasil tem maior número de assassinatos no campo desde 2003; Pará lidera o ranking de mortes. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/para-lidera-o-ranking-de-mortes-no-campo-com-125-assassinatos.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2018.

G1/ Rede Globo. Mercado de cana-de-açúcar busca tecnologias para melhor desempenho e qualidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/especial-publicitario/jacto-agricola/noticia/mercado-de-cana-de-acucar-busca-tecnologias-para-melhor-desempenho-e-qualidade.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2018.

G1/ Rede Globo. Participação do agronegócio no PIB é a maior em 13 anos estima CNA. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/participacao-do-agronegocio-no-pib-e-a-maior-em-13-anos-estima-cna.ghtml>. Acesso em: 5 dez. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **A ética da discussão e a questão da verdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HERMAN, Edward; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. São Paulo: Editora Futura, 2003

INCA. Posicionamento do INCA sobre os agrotóxicos. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf. Acesso em: 11 nov. 2016.

IPA. Apresentação institucional. Disponível em: <http://www.ipa.br/novo/apresentacao>. Acesso em: 25 jan. 2018.

JESUS, Paulo. Desenvolvimento Local. In: Cattani, A. D. (Org.). **A Outra Economia**. Brasil: Veraz Editores. 2003.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

LEITE, Sergio Pereira; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Agronegócio. In CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; Et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012.

MACHADO, Maria Rita Ivo de M; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. A Nova lógica na produção de '11 cana-de-açúcar na Zona da Mata Pernambucana: transformações para a perpetuação das relações de poder. **Revista Nera**. Ano 16, n. 22, p. 111-126, jan./ jun. 2013.

MACIEL, Betânia. Folkcomunicação e Desenvolvimento: uma abordagem dos estudos folkmediáticos na modernidade. **Razón Y Palabra**. N. 77, ago./ out. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1995/199520010003/>.

MARQUES, Marta Inês Medeiros de. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In Oliveira, A. U; MARQUES, M. I. M (Orgs). **O campo no século XXI**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Paz e Terra, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.

Marxists.org. MARX, Karl. A nacionalização da terra. In jornal **The International Herald**. 1872. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1872/06/15.htm>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MAZOYER, Marcel; Miguel, Lovois de Andrade; Roudart, Laurence. Abordagem sistêmica e sistemas agrários. In Miguel, A. L. (Org.). **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, Mário Lacerda de. **O Açúcar e o homem: problemas sociais e econômicos do nordeste canavieiro**. Recife: IJNPS, 1975.

MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento sustentável. In CATTANI, A. D. A (Org). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. P. 76-84.

Ministério Público Federal. Caso Mariana. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-mariana/o-desastre>. Acesso em: 14 mai. 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____ **O método 2: A vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Nacoesunidas.org. OMS recomenda cortar pela metade consumo de açúcar: Disponível em: <https://nacoesunidas.org/com-novas-evidencias-oms-corta-pela-metade-consumo-ideal-de-acucar/>. Acesso em: 19 jun. 2018.

NETV/ Rede Globo. Araçoiaba entre as 100 piores cidades do país para se viver, aponta estudo. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/10/aracoiaba-entre-100-piores-cidades-do-pais-para-se-viver-aponta-estudo.html>. Acesso em: 16 out. 2016.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura Familiar. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano; P. e Frigotto, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. P. 34-40.

NEVES, Marcos Fava; Marco Antônio. **CONEJERO, 2010. Estratégias para a cana no Brasil: um negócio classe mundial**. São Paulo: Atlas, 2010.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. **Implicações dos transgênicos na sustentabilidade ambiental e agrícola**. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Ano 2, jul./ out. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300016.

OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?**. São Paulo: Pólis, 2001.

O Globo. Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos, segundo IBGE. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>. Acesso em: 08 mai. 2018.

O Globo. Governo divulga valores finais da Copa: R\$ 8,3 bilhões em estádios. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>. Acesso em: 04 jan. 2015.

O Globo. Maior desastre ambiental do Brasil, Tragédia de Mariana deixou 19 mortos. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/maior-desastre-ambiental-do-brasil-tragedia-de-mariana-deixou-19-mortos-20208009>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ONG Repórter Brasil. Aumento da violência no campo anuncia cenário de guerra em 2017. Disponível em: <https://www.campoemguerra-reporterbrasil.org/aumento-da-violencia-no-campo>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Organics News Brasil. Relator do PL do Veneno Luiz Nishimori é dono de empresas de agrotóxicos. Disponível em: <https://organicsnewsbrasil.com.br/legislacao/relator-do-pl-do-veneno-luiz-nishimori-e-dono-de-empresas-de-agrotoxicos/>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano; P. e Frigotto, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. P. 282-287.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**. Vol. 07, p. 57-65. 2007.

PEREIRA, Bruno Alves. agroindústria canavieira: uma análise sobre os efeitos climáticos na produção sucroalcooleira paulista. **Organização dos Estados Ibero-americanos**. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/divulgacioncientifica/opinion0012.htm>. Acesso em: 08 jun. 2018.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Revolução Verde. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano; P. e Frigotto, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. P. 687-691.

PERRENOUD, Phillippe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIRES, Alexandre Henrique Bezerra; LIMA, Irenilda de Souza. A abordagem agroecológica na extensão rural: ferramenta político-metodológica para reflexões sobre o desenvolvimento local. In: LIMA, I. S (org). **Exensão rural e o desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática**. Recife: EDUFRPE, 2012.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. **O cooperativismo agrícola em questão: a trama das relações entre projetos e prática em cooperativas do Nordeste do Brasil e do Leste do (Quebec) do Canadá**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2004.

ProRural. Quem Somos. Disponível em: <http://prorural.pe.gov.br/o-prorural/quem-somos/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1980

RAMOS, Eliana Maria de Queiroz; LIMA, Irenilda de Souza; MACIEL, Betânia. Entre a extensão rural e a teoria da folkcomunicação: caminhos cruzados. In: LIMA, I. S (org). **Exensão rural e o desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática**. Recife: EDUFRPE, 2012.

Rede Brasil Atual (RBA). L, Velleda. Estudo relaciona uso de agrotóxicos com câncer no sangue. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2017/06/estudo-relaciona-o-uso-de-agrotoxicos-com-o-cancer-no-sangue>. Acesso em: 29 mar. 2018.

_____. Brasil pode voltar ao Mapa da Fome. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/03/brasil-pode-voltar-ao-mapa-da-fome-onu-faz-campanha-pela-seguranca-alimentar>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Revista Globo Rural. Fim do MDA é golpe para a agricultura familiar, diz presidente da Contag. Acesso em: 27 mai. 2018. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Politica/noticia/2016/05/fim-do-mds-e-golpe-para-agricultura-familiar-diz-presidente-da-contag.html>.

SAHD, Luiz Felipe Netto de Andrade. S; OLIVEIRA, Thiago Silva Freitas. As bases do pensamento político de Aristóteles e a fundação de uma filosofia política. **Revista Horizonte Científico**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/94176490/As-bases-do-pensamento-politico-de-Aristoteles>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SANTANA, Gildo Ribeiro. **Agricultura familiar e participação política no desenvolvimento local**. Dissertação (Dissertação em extensão rural) – UFRPE. Recife. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Boaventura: a ilusória “Desglobalização”**. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao/>. Acesso em: 14 out. 2017.

SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9., 1998, Águas de Lindóia, SP. **Anais...Águas de Lindóia: Fundação Alvares Penteado -FECAP**, 1998. Disponível em: http://www.fecap.br/extensao/artigoteca/Art_016.pdf. Acesso em: 13 jan. 2018.

SEDEST. O que é Segurança Alimentar e Nutricional?. Disponível em: <http://www.sedest.df.gov.br/sobre-a-secretaria/a-secretaria.html>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SERRA, J. M. Paulo. Iluminismo e Comunicação: de Locke a Kant. In: SANTOS, J. M; ALVES, P.M.S; SERRA, J. P. (Orgs.). **Filosofias da Comunicação**. Portugal: LabCom Books, 2011.

_____. **Informação e sentido: o estatuto epistemológico da informação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

SERTA. Histórico. Disponível em: <http://www.serta.org.br/sobre/>. Acesso em: 15 jul. 2018

SILVA, Ernandes Luiz Tavares. **O impacto do movimento canavial no cotidiano dos (as) trabalhadores (as) rurais e do corte da cana-de-açúcar, de Nazaré da Mata (PE), como desenvolvimento local**. Dissertação (Dissertação em extensão rural) – UFRPE. Recife. 2018.

Sinan.saude.gov.br. Dados epidemiológicos sinan. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/Intoxpe.def>. Acesso em: 27 dez. 2017.

SINITOX. Registro de intoxicação por agrotóxicos. Disponível em: <https://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acessado em: 18 dez. 2017.

STEDILE, João Pedro. Questão Agrária. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano; P. e Frigotto, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012. p.641-646.

_____; CARVALHO, Horácio Martins de. Soberania alimentar. In Caldart, R. S.; Pereira; I. B., Alentejano ; P. e Frigotto, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 20 12. p.641-646.

TAUK SANTOS, Maria Salete (Org). **Políticas de comunicação rural nos anos 90**. Recife: UFRPE, 1998.

_____. **Comunicação para o desenvolvimento: redes da memória**. Recife: Ed. da Autora, 2016.

_____. Mídias e culturas populares contemporâneas: mediação e tutela. In: INTERCOM- SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, RS.

TEMER, A. C. R. P; SANTANA, M. J. S. Educação e comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freireano. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**. Vol. 03, n. 08, p. 04-15, jul./ dez. 2014.

TRABATTONI, F. **Platão**. Coimbra: Annablume Editora, 2012.

Terra. ONU alerta que crescente produção de energia afetará recursos hídricos. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/onu-alerta-que-crescente-producao-de-energia-afetara-recursos-hidricos,a21b25e12f4e4410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 20 mai. 2018.

Unmultimedia.org. ONU: US\$ 267 bilhões por ano adicionais para acabar com a fome até 2030. Disponível em: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2015/07/onu-us-267-bilhoes-por-ano-adicionais-para-acabar-com-a-fome-ate-2030/#.Wgxv-IRSyyK>. Acesso em: 1 jul. 2017.

UN-WATER (Mecanismo de Coordenação Interagências das Nações Unidas, para todas as questões relacionadas com água doce, incluindo o saneamento). Relatório da ONU sobre o desenvolvimento mundial da água. Acesso em: 12 fev. 2017.

Usina São José. Apresentação institucional. Disponível em: <http://www.usinasaojose.com.br/pt/usina/institucional>. Acessado em: 22 mar. 2017.

USP. Estudo detecta 172 de substância em fuligem da cana-de-açúcar. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=221450>. Acesso em: 07 mar. 2017.

VIVEIROS, A. L. N. Reinventar a cidadania, animar a democracia. Um desafio para a Animação Sociocultural. In **Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana**, ano 4, n.º 1, abr. 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Grassi, D. (Trad.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

WANDERLEY, Maria. N. B. O agricultor familiar no Brasil: Um ator social da construção do futuro. In: Petersen, P. *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 33-45.

_____. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In **Estudos, Sociedade e Agricultura**, n.º 15, out. 2000.

APÊNDICE I – Roteiro para a entrevista semiestruturada

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Há quanto tempo reside no Engenho Vinagre:
5. Mora com quem:
6. Como chegou ao Engenho Vinagre ou porque foi morar no Engenho Vinagre:
7. Como ficou sabendo da APUOCA:
8. Há quanto tempo está associada (o):
9. Por quê se associou:
10. Em que contribuiu em sua vida estar associada (o) à APUOCA:
11. O que cultiva:
12. Qual a relação com a cana-de-açúcar:
13. Já usou agrotóxico:
14. Já teve algum problema de saúde que acredita ter sido ocasionado pelo veneno:
15. Alguém mais na sua casa trabalha:
16. Quem:
17. O que faz:
18. Qual é a escolaridade:
19. Possui ou já possuiu algum débito com a usina:
20. Quanto:
21. Por quê:
22. Qual é a maior dificuldade para viver no Engenho Vinagre:
23. O que mais gosta no Engenho Vinagre:
24. Se pudesse, mudaria algo do Engenho Vinagre:
25. De onde é a água que usa em sua casa e na plantação:
26. Quantos hectares possui a propriedade de sua família:
27. Gosta de legumes e/ou verduras:
28. Quais:
29. São compradas ou cultivadas por sua família:
30. No caso de ser cultivada pela família, por quem:
31. Sobre a perda da safra de 2017, soube de alguém que foi prejudicado (a):
32. Qual é o destino do esgoto de sua casa:
33. Qual é a principal fonte de renda da sua família:
34. Já sofreu algum preconceito:
35. Se sim, por quem, como, onde:
36. Como se desloca para a cidade:

APÊNDICE II – Categorias para a análise de dados

Entrev.	Manifestações Concretas	Manifestações Simbólicas	Conjugações
E1	. construção da sede da APUOCA; . cultivo diversificado à venda; . participação na feira com banca.	. percepção do trabalho desvantajoso com a monocultura, antes da ATER; . sentimento de participação social.	Sim
E2	. cultivo diversificado para a subsistência; . participação de cursos; . aquisição de empréstimo; . participação de feira; . venda para o PNAE.	. empoderamento feminino (mas esse antes mesmo da participação na APUOCA).	Sim
E3	. cultivo diversificado para a subsistência.	_____	Não
E4	. cultivo diversificado para a subsistência; . frequência nas reuniões.	. interesse para o aprendizado.	Sim
E5	. economia própria (emprego na Secretaria da Saúde); . cargo de secretária na APUOCA.	. interesse para o aprendizado; . busca de soluções para os problemas.	Sim
E6	. cultivo diversificado para a subsistência, mas com alimentos incomuns no Engenho Vinagre;	. iniciativa para a realizar o que havia desejado.	Sim
E7	. cultivo diversificado para a subsistência.	. apreciação da autonomia da irmã.	Sim
E8	. frequência nas reuniões.	. companheirismo.	Parcial
E9	. cultivo diversificado para a subsistência; . frequência nas reuniões.	. companheirismo.	Parcial
E10	. cultivo diversificado para a subsistência; . criação de cabras para a venda.	. iniciativa autônoma.	Sim
E11	. cultivo diversificado para a subsistência; . formação de uma filha em agroecologia.	. iniciativa autônoma.	Parcial
E12	. formação técnica em agroecologia.	. iniciativa autônoma.	Sim
ER			
SB			

As entrevistas apresentadas na tabela são específicas das pessoas associadas à APUOCA. Não estão incluídas as informações coletadas com o extensionista rural (ER) e o sócio benemérito (SB), sendo esses considerados sujeitos externos do Engenho Vinagre (não residentes no local), o que caracteriza indivíduos portadores de conhecimentos inativos da comunidade. Contudo, foram utilizados para a análise da comunicação ocorrida na associação a partir da ATER, ou seja, a partir da interação.

Também é pertinente lembrar que tanto as manifestações concretas, quanto as simbólicas, se referem ao desenvolvimento local que não é resumido às questões economicistas, mas ampliado às culturais, políticas e ambientais.

Sim	Não	Parcial
Houve a relação entre a (s) manifestação (ões) simbólica (s) e concreta (s), caracterizando intencionalidade nos atos dos sujeitos pesquisados, ou seja, apropriação crítica para a manifestação	Não houve a relação entre a (s) manifestações (ões) simbólica (s) e concreta (s)	Parte (s) das manifestações foi (ram) conjugada (s)

Resultado

Sim	Não	Parcial
8	1	3

Esse quantitativo não foi objetivo da pesquisa, é apresentado apenas para facilitar a visualização da informação apurada.

ICONOGRAFIA

Última reunião na APUOCA acompanhada pela autora
(ao centro da imagem, do lado esquerdo) como pesquisadora.



Mota (2018).

Flor do maracujá no Engenho
Vinagre.



Dias (2017).

Mamão e flores ao lado da sede.



Dias (2017).